

LEONID ANDREIÉV

JUDAS ISCARIOTES

E OUTRAS HISTÓRIAS



Prefácio de Aurora F. Bernardini

EDITORA

Claridade

LEONID ANDREIÉV

JUDAS ISCARIOTES E OUTRAS HISTÓRIAS



Prefácio de Aurora F. Bernardini

EDITORA

Claridade

**LEONID
ANDREIEV**

Judas Iscariotes

Tradução especial para o "Clube do Livro" de
HENRIQUE L. ALVES

Clube do Livro

Nota explicativa de ARISTIDES ÁVILA

Nota Explicativa

A ESTRANHA E A INDECIFRADA FIGURA DE JUDAS

Aquele vulto sombrio, que manchou a página mais triste da história dos homens, percorreu vinte séculos a desafiar quem o compreendesse, como esfinge pejada de mistérios. Mal conhecida a sua origem, mal definida a sua personalidade, mal justificada a sua existência, continuou, depois do suicídio, como antes dele, a suscitar dúvidas e viver de hipóteses.

Os que puderam ser testemunhas da sua participação no drama apenas lhe concederam referências de passagem, como que tomados de instintivo horror ante a sua espantosa atuação.

Só se sabe, por isso, que a tenebrosa personagem de Keriot foi um dos doze companheiros do Mestre, a quem traiu por trinta moedas e, depois, tocado de remorso, foi buscar na morte ilusória a solução para o seu desespero sem remédio.

Dos quatro evangelistas, somente um, Mateus, objetiva de modo insofismável o suicídio, por enforcamento, do arrependido traidor. Nenhum outro se refere ao desfecho violento, na seqüência dos sucessos em que culminou a paixão do Filho do Homem. Cerca de sessenta anos mais tarde, Lucas, embora não tendo sido apóstolo, nem testemunha ocular dos acontecimentos, escreveria os “Atos dos Apóstolos”, mencionando o suicídio de Judas. Mesmo assim, diverge daqueles que, segundo ele próprio diz, haviam “empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos, como os transmitiram as testemunhas oculares desde o princípio”. Para Lucas, a morte de Judas ocorrera em circunstâncias diferentes: o traidor adquiriu um campo com o preço da sua iniquidade e, num precipício ali existente, atirou-se de cabeça para baixo, rebentando-a pelo meio e esvaindo-se-lhe as entranhas. Por esse motivo, o terreno foi chamado “Akeldama” e havido por maldito.

Bem ponderadas as coisas, entretanto, pouco significa a discordância, nem grande é a diferença entre o “Campo do Oleiro” citado por Mateus e o “Akeldama” referido nos “Atos dos Apóstolos”.

Se alguma dúvida pairou sobre a morte de Judas, que pôde ser afastada por um consenso de hermenêutica, não houve, contudo,

jurisprudência que dirimisse os conflitos de opinião, quanto à vida do funesto homem de Keriot.

Esse indivíduo sinuoso não foi compreendido sequer pelos seus contemporâneos, nem mesmo unanimemente pelos onze companheiros de Cristo, que compuseram o primeiro apostolado.

A exiguidade de informações positivas, diretas e coerentes, acerca da existência e da conduta do discípulo traidor, teve por isso o efeito inevitável de abrir largos umbrais à fantasia dos ficcionistas. Estes, por pretensão ou simples ânsia de originalidade, exorbitaram dos textos evangélicos e desprezaram as fontes eruditas, para inventar biografias, estudos críticos e até ensaios de psicanálise do deicida, nem sempre cabíveis na realidade daquela época.

Mas não só nos ilimitados horizontes da criação literária frutificou o tema. Também na esfera da mística e da religião se viu medrar a viciosa flor do gnosticismo, na singular teoria dos cainhas, que, sem levar em conta o livre arbítrio, fizeram pura e simplesmente a reabilitação moral do traidor. Inocentado por esta seita, que se diz altamente inspirada, tornou-se ele digno até de veneração, como um predestinado indispensável à redenção da humanidade, a quem a Providencia deu a missão de reencarnar e concorrer com a traição para a tragédia necessária. Insustentável no domínio da filosofia, tal julgamento não deixa de ser arriscado, como tudo, aliás, que tem apoio exclusivo no determinismo absoluto.

Mas tudo isto já é matéria assente e fora de qualquer cogitação. O que sobrou, de fato, foi uma fonte inesgotável de motivos, de que os escritores de ficção têm usado e abusado, à procura de uma biografia, se não-real, pelo menos verossímil da odiosa personagem da Paixão.

Alguns deles, sem que nada os autorizasse, aventuraram narrativas de forma tão irreverente e destituída de verossimilhança, que não mereciam sequer ser jamais lembrados. Cuidaram acertar, preenchendo as entrelinhas da Escritura com frases, conceitos e episódios sem propriedade nem beleza, com total ausência do respeito devido às coisas sérias. Descambaram, às vezes, para o gênero anedótico, e quase sempre agravaram a confusão.

Tais escritores — é certo — não serviram nem à Arte nem à Fé; limitaram-se a plantar urtigas entre as vinhas do Senhor.

Para escrever sobre Judas Iscariotes é forçoso conhecer pelo menos uma parte da verdade evangélica e remontar um pouco ao panorama do último século que precedeu o Advento e o começo desta era.

Naquele último quartel, as doze tribos estavam colhendo o fruto mau da desunião, que era não só herança trazida do Egito, na bagagem do Êxodo, como prenúncio da fatalidade histórica da dispersão. Incapazes que foram de lutar pela unificação do reino ideal, os filhos de Israel estabeleceram-se na Palestina, onde viveram separadamente, nutrindo rancores e explorando rivalidades. Para uns ou para outros, eram imbecis os galileus, hipócritas os samaritanos, falsos os idumeus, como prepotentes os herdeiros de Judá e luxuriosos os descendentes de Zabulón; os essênios constituíam, em número menor, uma comunidade à parte.

Debatia-se, então, a Palestina toda em meio de seus problemas internos, que eram tantos e tão vários, quanto era heterogênea a sua população, composta de povos que não se amavam e não se entendiam. Por sobre esta desordem, pairava a casta do Templo, que exercia o poder espiritual, escravizava as consciências e vivia parasitariamente. E não bastasse isso, estava onipresente o rei Herodes Antipas como dono da terra, sucessor de Herodes, o Grande, com seu poderío material, sua luxúria, sua violência e sua ambição de restaurar o reino da Judeia, ora fragmentado em tetrarquias. Para completar o ambiente e inquietação, desde Pompeu, a águia de Roma espalmará as asas sobre o Oriente, e ali mantinha um procurador estrangeiro, que não governava mas oprimia grandes e pequenos em nome do Império, e funcionava como suprema instância.

Foi neste quadro que surgiu o Santo de Deus. De começo, pouca impressão causou com suas falas ao mesmo público habituado a ouvir nas praças e sinagogas intérpretes da Lei, que apregoavam sem cessar a vinda iminente de um salvador para a redenção do povo eleito. Mas a prática de curas miraculosas e prodígios extraordinários impôs às multidões o rabino de Nazaré como verdadeiro filho do Criador. A tal ponto, que, João, o Batista, aquele

que viera a fim de endireitar as veredas para o Senhor, despachou emissários ao encontro do Mestre, a indagarem se era ele, em verdade, o messias prometido. Cristo não se dignou responder diretamente à indagação; mandou, apenas, que os emissários voltassem e dissessem a João o que tinham visto: enxergavam os que foram cegos, ouviam os surdos, caminhavam os entrevados, ficavam limpos os leprosos, ressuscitavam os mortos. Então, crescia a onda dos fiéis em torno do Nazareno, à proporção que diminuía o respeito aos Príncipes dos Sacerdotes, a raiva contra os herodianos e a repugnância pelo Procurador de Roma.

Já então seguia o Senhor, passo a passo, como apóstolo, numa assiduidade que teria durado desde Caná até a última noite de Betânia, o esquisito indivíduo chamado Judas Ben Simão, de Keriot. Vadio sem passado, nem futuro, como tantos outros de veia poética, espírito leviano e folgazão, é possível que tivesse buscado a companhia do Profeta de Nazaré, impelido por mera curiosidade, à força de tanto escutar o que se alardeava em toda a Palestina acerca da Boa Nova.

E por que teria Jesus Cristo, filho de Deus onisciente, acolhido no seio de seus mais íntimos discípulos precisamente aquele que reconhecia trazer em si o germe da traição?

Com certeza, é porque o Mestre possuía o dom de pressentir quem maior afinidade abrigava no íntimo com a sua doutrina, como o coletor Levi e o publicano Zaqueu, ou quem mais necessitava dele como tábuas de salvação, pois não foi aos sãos que viera oferecer remédio, senão aos verdadeiramente enfermos.

Certo é que o fantasma de Keriot se fundiu na suavidade dos onze companheiros, e três anos levou palmilhando com o Salvador todas as estradas, das costas da Fenícia aos desfiladeiros de Efraim, comendo com ele o pão comum e saciando a sede nas mesmas cisternas.

Conta o evangelista Lucas que, nas proximidades da festa da Páscoa — e isto sucedeu nos últimos dias do ministério — Satanás entrou no corpo de Judas, que logo foi negociar com os Sacerdotes e os Oficiais a entrega do Filho de Deus.

Mas, então, só aí teria nascido, e a partir dessa hora teria assumido forma a idéia de trair o Salvador?

É pouco provável, como também menos provável é que a traição se inspirasse em outros motivos inconsistentes, como um despeito injustificável, uma inveja inconseqüente, um ódio gratuito contra o Bom Pastor, ou mera cupidez por uma porção de dinheiro tão mesquinha.

Mais viável é que a ovelha negra se inclinasse para o crime, instigada por zelo de outra espécie.

Judeu de nascimento, originário das fronteiras entre a Judeia e a Iduméia, não podia escapar ao choque de sentimentos que feria os legítimos filhos de Israel.

Quantas vezes, antes da presença do Nazareno, teria participado ou, pelo menos, testemunhado os movimentos populares de rebelião contra as autoridades? E como teria padecido o seu orgulho de judeu e a sua sensibilidade de homem do povo, com o fracasso dessas tentativas?

Depois, aderindo à companhia de Jesus Cristo, era impossível que não tivesse recebido influência de sua divina sombra, nem tampouco negar a evidência dos milagres a que assistia.

Mas o conflito que sacudia a sociedade estalava também dentro de seu coração. Para ele, o Nazareno devia ter sido, às vezes, o próprio Deus vivo, quando operava milagres e maravilhas; outras vezes, nada mais que humano, quando o gentio o levava de vencida.

Conhecedor do panorama político da sua terra, vislumbrou que era imperioso arregimentar o povo eleito contra os opressores, visto a libertação não partir do Filho de Deus, cujos atos e prédicas afastavam cada vez mais essa hipótese no plano da realidade material. Evidentemente, o supremo Deus não cumpria a promessa de dar para sempre ao povo eleito a terra de Canaã. Todos ali, judeus, gentios, estrangeiros e peregrinos eram mais proprietários da gleba que os próprios descendentes de Israel.

E Judas continuava, não confiando, nem descrendo.

Ao se aproximar a festa dos pães ázimos, outra sedição explodiu, e foi abafada com a costumeira inundação de sangue, sobrando apenas, como detrito do estertor popular, o sedicioso Bar-Abba. A brutalidade da reação do Procurador teve efeito decisivo no espírito do homem de Keriot.

Compreendeu que a revolta mais uma vez falhara porque fora mal-encaminhada. Era preciso destruir primeiro a mística do céu, que, pela palavra mansa do Mestre, estava gerando uma passividade inútil, para depois enfrentar o Templo, em seguida o Edomita, e, finalmente, Roma.

Foi, então, que enegreceu de todo a consciência do Iscariotes. E ele vendeu o Messias por trinta moedas.

Mas aí não parou o drama daquele caráter dúbio. Acabou prevalecendo no fundo daquela alma de pântano a convicção de que a sua vítima era inocente. E tão furioso lhe trovejou o terremoto nas entranhas, que, ao mesmo tempo que dera à morte o corpo do Cordeiro de Deus, correu a tirar a vida ao próprio corpo.

Os associados e leitores do CLUBE DO LIVRO têm, hoje, diante dos olhos, mais uma versão da história de Judas, devida à pena ilustre de Leonid Andreiev.

O consagrado escritor russo nasceu no Governo de Crel, em 1871, numa época em que constituíam vanguarda no pensamento, pelo esplendor da sua produção intelectual, figuras que se projetaram além do século e das fronteiras, como Tolstói, Gorki e Dostoiévski.

Acusado, a princípio, de subordinar-se à influência dos mestres de então, teve, afinal, um julgamento, que lhe reconheceu independência da personalidade, pelo seu estilo preciso e sóbrio, embora imaginoso e tocando as raias do simbolismo, a serviço de uma visão realista das misérias humanas.

“Judas Iscariotes” é um livro em que o romancista vaza a sua grande habilidade de escritor, compondo uma história limpa, de fundo e de forma, o que lhe vale, sem dúvida, elevado merecimento.

Não tem a preocupação filosófica de um analista ou exegeta, não se arvora em historiador, mas revive com graça e propriedade o panorama dos primeiros dias desta era, naquele Oriente conturbado, onde se destaca a pessoa excelsa do Messias, colocando em evidência, pelo flagrante contraste, a gravidade do crime vivido e consumado pelo desgraçado apóstolo traidor. Andreiev focaliza o seu Judas apenas no plano horizontal, não cuidando senão de exhibir o homem de Keriot objetivamente, com as palavras e maneiras que lhe adivinhou, dentro da moldura

aparentemente exígua da sua passagem na Terra ao lado do Nazareno. Mas o fez com arte, mantendo-se discreto e tanto quanto possível exato nas suas narrativas, e contribuindo pela imaginação criadora com elementos, que não atentam contra a verdade conhecida através dos textos.

É, em resumo, um livro que enriquece a preciosa coleção de boas obras editadas pelo CLUBE DO LIVRO, e, como complemento de erudição sobre a matéria, é digno de ser recebido pelos leitores com particular carinho e interesse.

ARISTIDES ÁVILA

A “Nota Explicativa”, que, hoje, ilustra estas páginas, é do eminente escritor brasileiro Aristides

Ávila, autor de uma consagrada obra, “Judas”, sobre o mesmo tema, e pela qual podemos avaliar como tem sido grande a repercussão no mundo do pensamento e da arte deste imortal trabalho de Leonid Andreiev, que, além desta sua famosa obra literária, deixou algumas novelas de marcante expressividade, como “O Abismo”, “O Riso Vermelho”, “Os Sete Enforcados”, “No Subsolo”, “Mentira”, “Sava”, sem contarmos as que figuram neste volume.

Os Editores

Judas Iscariotes

Várias vezes, tinham advertido Jesus Cristo de que Judas Iscariotes era um indivíduo de má reputação e de quem era preciso desconfiar. Seus discípulos, que haviam estado na Judeia, conheciam-no bem; os demais ouviram falar dele muitas vezes, sem que pessoa alguma o elogiasse. Os bons exprobravam-lhe a cobiça, a perfídia, a propensão à mentira e à simulação; os maus, quando se lhes interrogavam sobre Judas, expandiam-se em injúrias e afrontas contra ele.

— Por onde passa semeia a discórdia — afirmavam uns.

— Está cheio de segundas intenções; vive como um escorpião, a provocar escândalos.

— Mesmo os ladrões têm amigos — acrescentavam outros — até os salteadores possuem camaradas, e os mentirosos uma mulher a quem, por vezes, confiam uma verdade; mas Judas supera a todos eles e a todos ridiculariza, às pessoas de bem e aos laráprios, ainda que ele mesmo seja o mais sagaz e hábil ladrão.

— É o mais feio de quantos nasceram na Judéia

— declaravam os que o conheciam de vista.

— Não, Judas Iscariotes, o ruivo, não é dos nossos! — protestavam os vagabundos, com estupefação das pessoas honradas, que não viam muita diferença entre eles e os demais velhacos do país.

Diziam que Judas tinha de há muito abandonado a mulher, a qual levava existência miserável, esforçando-se em vão para ganhar o sustento com o cultivo de dois palmos de terra que constituíam a herança de seu marido, que há longos anos não possuía residência fixa; vagueava daqui para ali, vagabundeava por povoados e vilarejos, entre gente de toda classe, atingindo em suas caminhadas a orla do mar e, ainda mais longe, até as praias de outro mar desconhecido e remoto.

Mentia em toda parte, intrigava, espreitava com seu olho trapaceiro, fugindo dos lugares furtivamente e sem deixar atrás dele mais do que o ruído de querelas e fermentos de discórdia. As pessoas ficavam atônitas, scandalizadas com sua maldade, com

sua curiosidade malévola, com sua perfídia. “Um verdadeiro demônio!” — diziam.

Não tinha filhos e isto confirmava aos olhos da população sua fama maldita, a quem Deus negava descendência.

Nenhum dos discípulos podia precisar o dia em que aquele torvo judeu, de pêlos ruivos, abordou pela primeira vez Jesus. De há muito, Judas seguia-lhes o mesmo caminho, mesclando-se em suas práticas, prestando-lhes serviços, sorrindo sem cessar, mostrando um servilismo abjeto. Eles sentiam-se familiarizados com a sua presença. E sofriam de certo mal-estar diante da- quella figura feia, abominável e monstruosamente perversa, que lhes torturava os olhos e os ouvidos. Então, expulsavam-no de seu lado, e ele desaparecia numa curva do caminho. Logo mais reaparecia momentaneamente; trazia suas eternas hipocrisias, suas astúcias e artimanhas. Algo mal- intencionado devia existir naquele afã de chegar até Jesus — pensavam alguns dos discípulos. Talvez um desígnio hostil, um cálculo pérfido e cuidadosamente disfarçado.

Repetidas vezes disseram isso a Jesus; porém, suas vozes proféticas ressoaram inutilmente. Com esse espírito de serena contradição, que o levava irresistivelmente até os réprobos e os malditos, não titubeou Jesus em acolher Judas e pô-lo entre os eleitos.

Os apóstolos, ao vê-lo entre eles, sentiam-se conturbados, e humildemente lamentavam, enquanto Jesus, sentado, pensativo, o rosto voltado para o horizonte, talvez escutasse os discípulos ou aquela voz que só Ele podia ouvir. Há dez dias que o vento não soprava e as nuvens de ar, não renovadas, pareciam prestes a vibrar, como se estivessem à espreita de alguma coisa desconhecida e perigosa que viesse da distância. Havia-se dito que se guardavam os gritos e os cantos de todos os homens, dos animais e dos pássaros, seus risos e suas lágrimas, seus gemidos e suas vozes de alegria, suas pragas e suas maldições. E justamente por isso, porque tantas e tantas coisas estavam adormecidas, era o ar tão grave, tão prenhe de ansiedade, tão saturado de vida invisível.

Outro crepúsculo caía. Tal como uma esfera acesa, ia rodando até o ocaso, abrasando o firmamento e tudo quanto o sol alumia. O

rosto de Jesus, os muros das casas, as folhas das árvores, tudo refletia com doçura aquela claridade distante e pensativa. A parede já não era alva e a alva cidade, também, parecia avermelhada sobre uma montanha cheia de fogo.

Então, surgiu Judas. Acercou-se numa atitude rasteira, dobrando o espinhaço, com a cara feia e inclinada para a frente, medroso e circunspecto, tal como era descrito por aqueles que o conheciam. Era melhor aprumado, de uma estatura elevada, quase como a de Jesus, o qual, não obstante o costume que havia adquirido de meditar enquanto andava, tinha as espáduas algo encurvadas e dava a impressão de que era mais baixo do que parecia ser na realidade. Observava-se que, sem dúvida, não faltava força muscular a Judas; não se sabia, porém, porque afetava sempre um aspecto de homem débil e enfermigo. Sua voz mudava constantemente; ora, ressoava como se saísse de peito valente e vigoroso; ora, tornava-se acre e guinchada como a de uma velha harpa que range. Os que o ouviam experimentavam o vago prurido de arrancar de seus ouvidos as palavras de Judas, mortificadas e desgarradas como espinhos.

Seu pêlo, curto e vermelho, apenas dissimulado; o crânio disforme, dividido desde a nuca em quatro partes, como por um duplo corte de sabre. Dentro daquela cabeça — diziam — não pode haver harmonia, nem paz; dentro dela, deve retumbar incessantemente o fragor de ferozes e sangrentas batalhas!

Seu rosto, também, era irregular; numa das faces tinha um olho negro e penetrante; vivia, agitava-se sem cessar, franzia-se em mil diminutas rugas; a outra, lisa e imóvel, parecia morta, sendo de idêntico tamanho; o olho cego, que se arqueava desmesurado abaixo da pálpebra, dava a impressão de enormidade. Coberto por uma catarata esbranquiçada, dia e noite sempre igual, insensível à luz e às trevas. Mas, junto dele estava o outro, vivo e malicioso, e ninguém o tomava por morto.

Quando um acesso de emoção ou de humildade entortava-lhe o olho são e inclinava a cabeça, o olho cego ia seguindo os movimentos do rosto num mirar silencioso. Naqueles momentos, até as pessoas menos atiladas compreendiam bem que nada de bom podiam esperar de um homem como aquele.

Jesus chamou-o para o seu lado, dando-lhe um lugar entre os eleitos.

Nesse dia, João, discípulo predileto, teve um gesto de desgosto; os outros, que amavam o Mestre, ensombraram-se, mas Judas não fez caso; sentou-se balançando a cabeça, com pena dele próprio. Segundo ele, sofria muito de noite, acossado pela enfermidade; faltava-lhe o fôlego, quando subia uma colina, e, quando assomava à beira de um abismo, custava-lhe grande sacrifício não ceder ao estúpido desejo de se atirar ao fundo.

Descaradamente, inventava uma série de histórias deste gênero, esfregando o peito com a sua manápula e, em meio do silêncio geral, esforçava-se em tossir para persuadir todos de que a doença era real.

Todos, com olhares fixos ao solo, ouviam-no. Repentinamente e sem olhar o Mestre, João perguntou, em voz baixa, a Simão Pedro:

— Não te cansas de tantas mentiras? Eu não posso agüentar mais. Retiro-me.

Pedro pôs os olhos em Jesus. Seu olhar cruzou com o do Mestre.

— Espera! — disse, levantando-se.

E, caminhando para Judas com a rapidez do seixo, que se desprendesse pela encosta da montanha, Pedro disse-lhe solícito, carinhoso.

— Eis-te conosco, Judas!

E, dizendo isso, deu-lhe uma palmadinha amistosa no ombro. Depois, sem olhar o Mestre, cujos olhos sentia fixos nele, acrescentou, resolutivo, numa voz clara e segura, que afastava toda réplica:

— Não importa que teu aspecto seja desagradável e antipático; às vezes, prendem-se nas redes dos pescadores peixes de aspecto repelente que, sem dúvida, são os mais saborosos. . . Não é a nós, pobres pescadores de Nosso Senhor, que cabe repelir o peixe capturado, por ser repugnante à vista e esteja eriçado de espinhos. Uma vez, em Tiro, vi um enorme polvo, que acabavam de pescar; assustei-me tanto que estive a ponto de sair correndo. Mas os pescadores riram de mim e me fizeram comer aquele pescado. Tão bom era seu gosto, que pedi mais. Recordas, Mestre? O relato

daquele acontecimento te fez rir... Tu, Judas, te assemelhas àquele polvo... mas tão-somente em parte. . .

E, Pedro, regozijando-se com a comparação, soltou uma gargalhada.

Quando Pedro falava, sua voz tinha uma vibração metálica, como se rebitasse com um martelo as palavras sobre uma bigorna; e quando caminhava ou trabalhava, tudo era movimento e estrondo ao seu redor; o solo lajeado rangia sob seus passos, as portas batiam e estalavam e até o ar parecia estremecer medrosamente. Nas montanhas, sua voz despertava sonoridades brutais e, pela manhã, quando descia ao lago, ela corria sobre as águas sonolentas e cintilantes, como uma pelota no piso, fazendo sorrir os primeiros raios tímidos da aurora. Dir-se-ia que a natureza amava, com predileção, Pedro, por causa de sua voz. À alvorada, quando os semblantes dos companheiros permaneciam sumidos na penumbra e como que envoltos no véu da noite, ele, a cabeça grande e o peito largo e desnudo, resplandecia de luz.

As palavras, que ele havia dirigido a Judas e que o Mestre visivelmente aprovara, desvaneceram o mal-estar que pesava sobre os presentes; mas os que haviam tido ocasião de estar no mar, e, como ele, visto polvos, ficaram aflitos pela semelhança indicada entre os monstros marinhos e o novo discípulo. Vinham-lhes à memória aqueles olhos enormes, aqueles tentáculos, aquela fingida calma do monstro ao lançar-se sobre a presa, e envolvê-la, apertá-la, estrangulá-la e chupá-la, sem que nada perturbasse a espantosa imobilidade de seus olhos.

Essa semelhança sugeria-lhes os mais sombrios pensamentos. O Mestre calava e sorria, observando, com um olhar irônico e benévolo, Pedro que, com grande veemência, continuava a sua pilhéria. Então, ligeiramente coibidos, os discípulos foram, uns atrás dos outros, acercando-se de Judas; falaram como amigos; e logo, mortificados, afastaram-se dele.

João, filho de Zebedeu, calava desconfiado, o mesmo fazia

Tomé, que tampouco se decidia a falar, absorto em suas reflexões sobre o que acabava de suceder. Observando com atenção Judas, sentado junto do Mestre, e aquele estranho grupo de beleza divina e de monstruosa fealdade, do homem de olhar suavíssimo ao do

elegante de olhos fixos e rapaces, torturava-lhes a mente um enigma insolúvel, que lhes enrugava a fronte larga, franzindo-lhes as sobrancelhas, entortando-lhes os olhos. Eles procuravam observar e uma visão fantástica se lhes apoderava do espírito: parecia que Judas tinha, na realidade, como o polvo, uns tentáculos, que se moviam sem cessar. Mas, logo voltaram a si, pondo-se a observar friamente o recém-chegado. Este, cada vez mais se sentia cheio de convicção própria; os braços, encolhidos, alargavam-se, estendia os músculos dos maxilares e erguia a cabeça disforme. Pouco a pouco, como se saísse de um abismo, os discípulos viram iluminar-se seus cabelos, depois os olhos e por fim o rosto. Pedro tinha saído, ignorando-se para onde; e o Mestre continuava sentado com a fronte apoiada na palma da mão, pensativo, balançando suavemente seu pé tostado pelo sol. Os discípulos conversavam entre si; apenas Tomé, impassível e mudo, o olhar fixo em Judas, analisava-o, grave, semelhante a um alfaiate consciencioso que toma as medidas de um freguês. Judas sorriu e Tomé, sem corresponder a esse sorriso, continuou seu exame. Algo desagradável inquietava a face esquerda de Judas, que, ao virar-se, lhe dirigia os raios límpidos e frios das pupilas. João, o belo discípulo imaculado, de consciência virginal e branca como a neve, permanecia silencioso. Judas acercou-se dele com o passo temeroso de um cachorro sarnento.

— Por que estás calado, João? — perguntou-lhe. Tuas palavras assemelham-se a frutos de ouro servidos em cálices de prata; dá-lhe um a Judas, que é tão pobre.

João não respondeu e Judas caminhou, com passos lentos, desaparecendo no vão da porta, aberta de par em par.

Era plenilúnio e quase todos os apóstolos passeavam; Jesus havia saído, também; Judas tinha-se deitado no leito de um estreito cubículo, do qual podia ver os demais que iam e vinham. A luz da lua, as silhuetas apareciam tênues e vagas, deslizando, seguidas por sombras opacas. Às vezes, desvaneciam-se na obscuridade e ouvia-se uma voz, a do Mestre, mas, ao regressarem à claridade, reinava novamente o silêncio e tudo ficava mudo: as silhuetas brancas, as sombras negras nas paredes e a noite à um tempo escura e transparente.

Quase todos eles dormiam, quando Judas ouviu a voz baixa do Mestre; e tudo se calou na casa e nos arredores.

Um galo cantou; um asno relinchou estrepitosamente, como se a aurora fosse despontar.

Judas continuava velando, vigilante, o ouvido aguçado. A lua iluminava-lhe metade do rosto, refletindo-se de modo singular em seu olho imóvel, como num lago coberto de gelo. Recordando-se do papel que lhe tocava representar, procurou tossir e, com a manápula, tocou no peito largo e peludo; podia acontecer que alguém estivesse ali, atrás dele, à espreita de seus secretos pensamentos.

Pouco a pouco, todos foram-se habituando a Judas e não lhe notaram mais a fealdade. Jesus havia-lhe confiado o cofre do dinheiro e a ele ficaram atribuídos os misteres da comunidade. Comprava alimentos e roupas necessárias, distribuía esmolas e, nas viagens, cuidava de procurar albergues para pernoitarem. Cumpria, com esmero, o seu encargo; demonstrava zelo e habilidade em suas funções, e não tardou em granjear a benevolência dos companheiros.

Judas mentia em todas as ocasiões, mas não faziam caso, porque seus embustes não ocultavam atos reprováveis; davam, ao contrário, certo relevo a suas histórias e à sua conversação, e isto tirava, em grande parte, a monotonia da vida que levavam.

A julgar pelos seus ditos, Judas conhecia todo mundo e cada um de quem falava havia cometido uma ação má ou mesmo um crime. Segundo ele, não havia pessoas bondosas, mas homens que sabiam ocultar manhosamente seus atos e intenções; adulavam, lisonjeavam, usavam de astúcia, de mentiras, de vilanias e a abominação emanava deles como o pus de uma chaga. Às vezes, concedia de bom grado ser um mentiroso, mas jurava e perjurava que os outros mentiam mais e que se havia no mundo alguém a quem houvesse enganado era a ele próprio, Judas.

Não raro — dizia — havia logrado arrancar a confissão de pensamentos criminosos de pessoas tidas em grande estima. Assim, o guardião de um ricoço fez-lhe, um dia, a confidência de que carregava há dez anos o desejo de roubar do amo, mas não se atrevia a isso por temor à consciência e ao seu senhor. Judas deu

crédito às palavras do guardião e este o enganou, roubando o tesouro que lhe confiaram. Então, Judas persuadiu-se de que o furto estava consumado, porém, também dessa vez, foi enganado em sua boa fé; o guardião havia-lhe devolvido todo o dinheiro.

Dizia que todos o enganavam, inclusive os animais. Quando se aventurava a acariciar um cachorro, este o mordia, e quando lhe descia o pau, o bicho lambia-lhe os pés e o olhava com submissão. Um dia, matou um desses animais, enterrando-o em abismo profundo, sobre o qual colocou uma pedra. E, coisa estúpida, o cachorro saltou da cova, saiu correndo alegremente em direção aos donos!

Todos riam, ouvindo Judas; ele, também, sorria, piscava o olho e não tardou em reconhecer, com o mesmo sorriso irônico, que havia mentido um pouco. Não, não havia matado o cachorro, mas podia assegurar que, se o encontrasse no caminho, o mataria, para não ser enganado. E essas palavras excitavam ainda mais a hilaridade dos companheiros.

Outras vezes, contava-lhes coisas fantásticas e inverossímeis, atribuindo aos homens sentimentos que nem os próprios animais possuem, acusando-os de crimes impossíveis, de monstruosidades inexistentes. E, como um dia invocasse o nome de um personagem muito respeitável, os ouvintes, protestando contra a calúnia, perguntaram-lhe, rindo:

— E teus pais, Judas, eram boas pessoas? Judas sorriu e meneou a cabeça.

— De meus pais, falais... E quem foi meu pai? Quiçá o homem que me interpela, quiçá o demônio ou um cabrito, ou mesmo um galo. Porventura Judas pôde conhecer a todos que compartilharam do seu nascimento? Judas não conheceu seus pais... De qual deles falais?

Um leve murmúrio fez-se ouvir.

Essas palavras sacrílegas foram acolhidas por um vozerio, porque todos eles veneravam os pais. Mateus, que conhecia muito bem as Santas Escrituras, citou com voz severa as palavras de Salomão:

— “Se alguém maldiz de seu pai e de sua mãe, a sua luz se apagará nas trevas...”

João, filho de Zebedeu, perguntou numa voz altiva:

— E de nós? Que tens de mau a dizer, Judas Iscariotes?

Judas simulou grande terror, lançando gemidos lacrimosos, tal como um mendigo que pede esmolas aos transeuntes.

— Ah! Por que tentar Judas? Por que ridicularizam Judas? Por que o acham tão crédulo?

Uma face contraía-se em mil grotescas caretas e a outra permanecia grave, severa, e o olho mergulhava no vácuo.

Simão Pedro era o que mais se regozijava com as mentiras de Judas; mas, um dia, pôs-se taciturno, pensativo e, puxando Judas pela manga, levou-o para o lado:

— E Jesus? Que pensas tu de Jesus? — perguntou-lhe, inclinando-se ao ouvido. — Mas nada de mentiras, é o que te peço!

Judas olhou-o cheio de cólera:

— E tu, que pensas d'Ele?

— Assustado, Pedro murmurou:

— Eu creio que é o Filho de Deus.

— E por que me vens com essas perguntas? Que poderá responder-te o filho de um bode bravo?

— Quero saber se O amas; porque, segundo parece, não amas ninguém, Judas!

Com a mesma cólera estranha, Iscariotes pronunciou em tom breve e cortante:

— Amo-O.

Após os dois dias que se seguiram àquela conversação, Pedro chamou Judas de “meu amigo polvo” e este, com manifesto mau humor, procurou ocultar-se dele, metendo-se num canto, onde permaneceu, durante longo tempo, cabisbaixo e sombrio.

Judas ouvia com sinceridade unicamente Tomé. Não entendia este de pilhérias, mentiras e hipocrisias e a cada palavra que ouvia buscava um sentido claro e categórico, interrompendo constantemente, com seus meticulosos reparos, os malignos relatos de Judas:

— Tens de provar o que dizes a respeito desse homem. Que tens ouvido? Quem estava contigo?

Judas enfurecia-se; chiava, explicando que tudo o que havia visto fora com os próprios olhos e tudo o que ouvira fora com os próprios ouvidos. Mas Tomé continuava obstinadamente irreduzível, dirigindo-

lhe perguntas após perguntas, até obrigá-lo a confessar o embuste. Às vezes, para fugir ao interrogatório, passava a outra história mais verossímil, sobre a qual Tomé logo meditava em silêncio e, encontrando nela algum ponto fraco, reiniciava, com voz calma, o seu inquérito, finalizando por fazê-lo declarar que havia mentido novamente. Judas excitava a curiosidade de Tomé, criando, entre os dois homens, uma espécie de amizade cheia de gritos, de invectivas e risa-dinhas, de um lado, e de perguntas tranqüilas e ininterruptas do outro. Quase freqüentemente, Judas sentia insuportável aversão pelo amigo e, atravessando-o com o olhar, perguntava:

— Que mais queres? Não te disse tudo?!

— Quero que demonstres de que modo um bode pode ser teu pai!

— replicava Tomé impassível e obstinado.

Judas opunha um silêncio e cravava um olhar de assombro no corpo rígido, nos olhos francos e claros, na fronte vincada, na barba hirsuta do amigo:

— Que tonto, és! — debatia. — Hás de querer saber o que vês nos sonhos, se é uma parede, uma árvore ou um asno?

Tomé não insistia. No entanto, ao anoitecer, quando Judas se deitava junto dele no cubículo e cerrava seu olho vivo para dormir, exclamava em voz alta:

— Tu te enganas, Judas; tenho maus sonhos. Terá o homem de responder também pelos seus sonhos? Que é que tu pensas?

— Outra pessoa vê aqui o que sonhas?

Tomé suspirava e punha-se a refletir. Judas sorria, com desprezo, fechava taciturno o olho e entregava-se ao descanso; descanso povoado de monstruosos pesadelos, de quimeras insensatas, de visões espantosas, que bailavam e se lhe confundiam no cérebro.

Durante as peregrinações de Jesus e de seus discípulos, através da Judeia, quando se aproximavam de algum povoado, Judas antecipava-se a preveni-los contra os seus moradores, falando que eram maus e predizendo que iam ser recebidos com hostilidade. Entretanto, ocorria, quase sempre, que os habitantes acolhiam com prazer Jesus e os apóstolos, devotando-lhes afeição e amor e adotando com entusiasmo os seus ensinamentos. O cofre, onde Judas guardava o dinheiro, tornava-se muito pesado e, com

dificuldade, conseguia transportá-lo. Todos lhe ridicularizavam os receios e ele respondia gesticulando com ar submisso:

— Sim, sim! Judas acreditava que fossem maus e são bons. Converteram-se e deram-nos dinheiro. Enganaram, pois, o crédulo Judas, o pobre Judas Iscariotes!

Mas, certa vez, quando se achavam distantes de um povoado, onde foram bem recebidos, entabulou-se entre Tomé e Judas violentíssima discussão e, a fim de encerrá-la, ambos regressaram ao lugarejo. No dia seguinte, alcançaram Jesus e os demais discípulos. Tomé vinha triste e perplexo, enquanto Judas se mostrava orgulhoso como se esperasse felicitações e agradecimentos. Tomé acercou-se de Jesus e declarou resolutamente:

— Senhor, Judas tinha razão! As pessoas do lugarejo são estúpidas e malvadas. A semente de Tuas palavras caiu em terreno pedregoso.

E pôs-se a narrar o que havia acontecido no povoado. Enquanto Jesus e os discípulos caminhavam, uma velha começou a gritar que lhe haviam roubado um cabrito branco e acusava de furto o Nazareno e seus discípulos. No início, queriam contradizê-la; porém, ela se obstinava em culpar Jesus como autor do furto e as pessoas crédulas queriam ir no encalço dos ladrões. Mas, momentos após, reapareceu o cabrito que causara a Jesus a suspeita de impostor e ladrão.

— Miseráveis! — exclamou Pedro. — Queres, Senhor, que eu vá...

Jesus não havia despregado os lábios durante os acontecimentos; lançou um olhar severo a Pedro, o qual, sem terminar a frase, se retirou, indo esconder-se entre os demais.

Ninguém falou do que acontecera, como se, na realidade, o mesmo não houvesse existido. Ter-se-ia dito que Judas não tinha razão. Inutilmente, procurava mostrar uma face ingênua, e modesta no semblante monstruoso, onde se destacava o nariz de ave de rapina; ninguém lhe dava a menor importância e se alguém, de vez em quando, lhe dirigia um olhar, fazia-o com visível animosidade e desdém.

Desde aquele dia, Jesus manifestou mudança de proceder para com Judas.

O Mestre raramente havia falado com Judas, que jamais se dirigira a ele diretamente. Jesus limitava-se a olhá-lo com os olhos carinhosos e sorridentes e, quando tardava demasiado em vê-lo, perguntava aos outros:

— Onde está Judas?

Ultimamente, parecia não fazer caso dele e o seguia com o olhar cada vez que falava ao povo ou prodigalizava ensinamentos aos discípulos. Na maioria das vezes, Jesus volvia as costas a Judas e lançava as palavras por cima dos ombros do judeu ou então simulava não sentir a sua presença. Mas sempre se tinha a impressão de que as frases do Mestre iam ao encontro do Iscariotes, parecendo mesmo, nessas ocasiões, que elas eram dirigidas diretamente contra ele. Jesus simbolizava para todos, uma flor suave e bela, como uma fragrante rosa do Líbano; em troca, Judas era só espinhos, como se não tivesse coração, como se estivesse desprovido de olhos e ouvidos, como se fosse diferente dos companheiros, incapaz de apreciar o esplendor das pétalas frágeis e imaculadas.

Certa ocasião, Judas perguntou ao amigo Tomé:

— Agrada-te a rosa amarela do Líbano, de rosto tostado e olhos como os da gazela?

— Sim, agrada-me o seu perfume — respondeu o outro com indiferença. — Jamais ouvi falar, porém, que as rosas tivessem rostos tostados e olhos de gazela.

— É verdade? E acaso não sabes que o cacto que rasgou as tuas vestes novas tem uma flor encarnada e um olho?

Tomé ignorava ainda que, na véspera, um cacto lhe rasgara as roupas. O cândido Tomé nada sabia, apesar da insaciável curiosidade e de suas perguntas constantes. Os seus olhos tinham uma expressão franca e sincera e suas pupilas eram diáfanas, e tudo era visível através delas como através de um cristal fenício.

Passados alguns dias, aconteceu que Judas teve de novo razão. Foi no povoado de Judéia, para onde decidiram rumar, apesar das admoestações e conselhos de Judas. A população acolheu Jesus e os apóstolos com mostras de desagrado e ao finalizar a prática, na

qual o Senhor censurava os hipócritas, a multidão enfureceu-se e quis decapitar Jesus e os discípulos.

Aqueles energúmenos formavam uma coorte e se não fosse a intervenção de Judas teriam realizado o projeto criminoso. Judas, tomado de terror, como se visse a túnica imaculada de Jesus banhada de sangue, começou a gritar, suplicar e mentir, ameaçando-os para que o Mestre e os discípulos pudessem salvar-se. Poder-se-ia afirmar que tinha dez pés; grotesco e espantoso em suas súplicas e imprecações, agitava-se como um possesso diante da multidão que se imobilizou como por força de estranho e desconhecido poder. Judas afirmava que Jesus não era instrumento de Satanás e sim um impostor, um homem apaixonado pelo dinheiro alheio, bem como todos os que O acompanhavam e ele próprio. E ao falar, sacudia, com estrondo, o cofre, arrastando-o pelo solo e esforçando-se em demonstrar nítida humilhação. O povo, pouco a pouco, trocava a ira pelo asco; começaram a chover os escárnios; as pedras que tinham nas mãos caíram inertes.

— Não, não são dignas essas pessoas de morrer em nossas mãos honradas! — declaravam os habitantes, seguindo, com o olhar, Judas que se distanciava a passos largos.

Judas Iscariotes, mais uma vez, esperava receber as felicitações e as palavras de gratidão dos apóstolos, mostrando as vestes rotas e assegurando-lhes que o haviam espancado em demasia; mas todos o acolheram com um silêncio glacial. Jesus, entristecido, caminhava a passos lentos, na frente, sem despregar os lábios. Nem João nem Pedro ousavam acercar-se d'Ele. E aqueles que de vez em quando lançavam um olhar furtivo a Judas, observando-lhe as roupas rasgadas, o rosto satisfeito e animado, onde persistiam ainda vestígios de terror, manifestavam repulsa com gestos irritados. Ninguém disse que fora ele quem salvara com o escândalo a vida do Mestre e dos companheiros.

— Viste como são imbecis? — disse Judas a Tomé, que caminhava mergulhado em suas reflexões. — Olha-os, vão pelo caminho como um rebanho de cordeiros, levantando o pó com os pés. Tomé, tu que és inteligente e eu, o formoso e nobre Judas, vamos separados, como escravos, indignos da companhia do Mestre!

— Por que dizes que és formoso? — perguntou Tomé, estupefato.

— Porque o sou! — afirmou Judas com convicção.

E pôs-se a narrar, com floreios de simplicidade, como havia conseguido burlar os inimigos de Jesus e mofar de suas ameaças.

— Mas tu mentiste! — observou Tomé.

— Pois bem, menti — acrescentou com tranqüilidade. — Eu lhes dei o que pediam e me devolveram aquilo de que eu necessitava. Que é a mentira, meu inteligente Tomé? A morte de Jesus não haveria de ser uma mentira mais funesta?

— Não, Judas. Falaste mal. Agora me convenci de que o demônio foi teu pai. Foi ele quem te inspirou, Judas!

Iscariotes suspirou aliviado e quedou-se ante Tomé, olhou-o fixamente nas pupilas, atraiu-o para si, enlaçando-o com força, dizendo:

— Então, foi o demônio que me inspirou?... Bem, muito bem, Tomé. Dize-me, salvei ou não o Mestre? Sim, é verdade. O demônio tem interesse em salvar o Cristo. Logo, Jesus e a Verdade são necessários ao diabo. Muito bem... Mas hás de saber, Tomé, que o diabo não foi meu pai; foi um bode. Quem sabe se este também interessa a Jesus, eh? E vós todos não precisais dele? Não precisais da verdade? Responde, anda, responde...

Tomé, indignado, despreendeu-se dos braços de Judas, começando a andar com passadas rápidas; depois, moderou os passos e pôs-se a caminhar lentamente, procurando compreender tudo quanto havia ouvido.

Judas caminhava apressado e o grupo compacto dos apóstolos seguia, na distância, sem poder distinguir-se a figura de Jesus. Tomé não era mais do que um ponto escuro na sombra e de repente todos desapareceram numa curva da estrada.

Judas lançou um olhar ao redor, afastou-se do caminho e, dando enormes saltos, aproximou-se de um barranco profundo e pedregoso, à medida que descia, as roupas enfunavam-se e os braços agitavam-se por cima da cabeça como se quisessem voar. Numa encosta, resvalou e foi rodando como uma bola, machucando-se nas pedras. Quando se deteve, levantou-se e, com o punho erguido para a montanha, gritou, áspero e colérico:

— Também tu, maldita?

Após moderar a descida, chegou ao fundo do abismo, escolheu uma gruta e ocultou-se como um cachorro. Permaneceu ali uma, duas horas, confundido com os calhaus, enganando os pássaros com a sua imobilidade. Erguiam-se diante dele os flancos abruptos do barranco, cuja linha quebrada se desenhava no céu azul-escuro; levantavam-se por todos os lados enormes blocos de granito, cravados na terra; parecia que, em tempos remotos, desabara uma chuva de pedras em pesadas gotas, imobilizadas para a eternidade. Aquele bloco granítico, desértico e selvagem, semelhante a um crânio colossal, separado do tronco, erguia arestas de rochas como tantos pensamentos petrificados no sonho obstinado e eterno.

Um escorpião deslizou diante de Judas, que o viu olhar fixamente para um ponto invisível com seus olhos imóveis, cobertos por um véu esbranquiçado. Aqueles olhos pareciam cegos e, por vezes, videntes. Da terra, dos pedregulhos, das gretas começaram a subir as trevas aprazíveis da noite; logo, envolveram Judas e flutuaram céleres até o céu luminoso, que empalidecia.

Chegava a sombra com suas fantasmagorias e seus sonhos.

Naquela noite, Judas não dormiu no pouso e os apóstolos, obrigados a interromper a meditação para atender aos cuidados domésticos, murmuraram contra a negligência do ausente. Certo dia, Jesus e os apóstolos subiam por um carreiro escarpado e, como havia cinco horas que andavam, o Mestre queixou-se de cansaço. Os discípulos detiveram-se. Pedro e João estenderam suas mantas por terra e, com outras, penduradas entre a ramagem, fizeram uma espécie de tenda. Debaixo da sombra das árvores, o Senhor ficou descansando, enquanto os demais conversavam alegremente, trocando frases de bom humor e ditos inocentes. Percebendo que as conversas molestavam o Mestre, afastaram-se e entregaram-se a diversos exercícios, insensíveis como eram ao calor e à fadiga. Um deles pôs-se a cortar raízes comestíveis, levando-as ao Mestre; outro subiu numa elevação para melhor apreciar o azulado panorama. Entre as pedras, João encontrou um lagarto e, com certas precauções, levou-o junto do Senhor para que o admirasse. O lagarto cravou o olhar enigmático nos olhos do Nazareno. Pedro, que não apreciava divertimentos pacíficos, entretinha-se em companhia de Filipe, arrancando do monte

grossos seixos e lançando-os pela encosta. Alardeavam as respectivas forças, estabelecendo-se entre os dois, dissimulada disputa. Os demais, atraídos pelos risos de ambos, foram-se aproximando, pouco a pouco, tomando parte na divertida brincadeira. Arrancavam, sem dificuldade, grandes pedras, levantando-as alto e, estirando os braços, arrojavam-nas ao longe. Quando elas caíam, ouvia-se um estrondo curto e surdo; dava-se uma pausa, como se elas refletissem por instantes; depois, saltavam vacilantes e, a cada contato com a terra, redobravam de força e velocidade, tornando-se mais ligeiras e mais destruidoras. Não paravam. Pareciam voar rasgando os ares, silvando, até se precipitarem no fundo do abismo invisível.

— Vamos, mais uma! — gritava Simão, os dentes brancos a reluzirem no meio da barba negra; o peito hercúleo e os braços desnudos.

Dir-se-ia que as próprias pedras ficavam assombradas daquela força com que eram lançadas uma após outra, obedientes ao desconhecido. João atirava pedras menores devido mesmo à sua delicadeza. Jesus admirava, com olhar benévolo e doce, o divertimento dos discípulos.

— E tu, Judas, por que não vens atirar pedras? — perguntou-lhe o amigo Tomé, vendo-o à distância sentado num penhasco.

— Dói-me o peito. Além disso, ninguém me convidou.

— Pois, se é isso o que desejas, eu te convido. Vem e olha as pedras que Simão Pedro atira. Judas olhou-o de soslaio e foi quando Tomé admitiu, vagamente, que aquele homenzinho tinha duas caras. Mas antes que o confirmasse, o outro, com seu tom habitual e alegando dor, dizia ironicamente:

— Será que existe alguém mais forte que Simão Pedro? Quando grita, todos os asnos de Jerusalém crêem ser o Messias que chega e se põem a relinchar. Tomé, tu nunca ouviste?

Com sorriso afável e cruzando públicamente a parte da vestimenta sobre o peito coberto de pêlos dourados, Judas entrou para o círculo dos jogadores. Todos estavam de bom humor e o acolheram jubilosos. João esboçou um gesto de indulgência, quando Judas, suspirando e queixando-se, como um verdadeiro doente, se apoderou de enorme pedra, levantou-a e, sem o menor cansaço,

lançou-a a distância; seu olho cego e enrugado sob uma vaga vacilação cravou-se em Pedro enquanto a outra pupila se enchia de astúcia e prazer.

— Atira outra! — disse Pedro, despeitado.

E os dois, alternadamente, tiraram e arremessaram projéteis enormes, prendendo a atenção de todos os apóstolos. Pedro levantava um calhau rijo e maciço; mas Judas escolhia outro maior. Pedro, furioso, lograva arrancar um fragmento de rocha, projetando-o, com visíveis esforços, ao longe. Judas sorria sempre, procurando, com a vista, um bloco mais pesado; aprisionava-o nos dedos férreos e compridos, vacilava e o arrancava, empalidecendo. Uma vez arrojada a pedra, Pedro acompanhava-a com o olhar, enquanto Judas, ao contrário, se inclinava para a frente e estendia os braços como se intentasse segui-la. Pedro e Judas dirigiram-se a um bloco de pedra bem maior; nenhum dos dois conseguiu levantá-lo. Pedro, o rosto incendiado, acercou-se resolutamente de Jesus e disse numa voz tonante:

— Senhor, não quero que Judas seja aqui o mais forte! Ajuda-me a levantar esta pedra!

Jesus respondeu, em voz baixa, enquanto Pedro, encolhendo os ombros, mal-humorado, foi reunir-se aos demais:

— E quem ajudaria o Iscariotes?

Judas persistiu em mover o bloco, forcejando com os dentes apertados e o rosto suado. E Pedro começou a rir:

— Olhai o nosso doente! — exclamou. — Vede o que faz o “nosso pobre Judas!

O próprio Judas começou a rir ante aquela prova evidente de sua hipocrisia e todos se regozijaram; até mesmo o grave Tomé, cujos lábios se entreabriram um pouco e o bigode gris se moveu ligeiramente. E assim, rindo e brincando, puseram-se a caminhar. Pedro, reconciliado com o adversário, dava-lhe, de vez em quando, palmadinhas nas costas:

— És um traste!

Todos felicitaram Judas, reconhecendo-lhe a força e a destreza; mas Jesus não se associou aos elogios. Seguia na frente, sozinho, mordiscando um fiapo de erva. Pouco a pouco, os discípulos cessaram de rir e, um após outro, acercaram-se d’Ele. Novamente,

formaram um grupo compacto ao redor do Mestre, enquanto Judas, o vencedor, Judas o forte, ficara atrasado, respirando o pó que os outros levantavam.

Os caminhantes pararam. Jesus pôs uma das mãos no ombro de Pedro e com a outra assinalou Jerusalém, que se vislumbrava no horizonte. E as espáduas de Pedro, largas e robustas, estremeceram sob o peso daquela mão fina, delicada.

Eles passaram a noite na casa de Lázaro, na Betânia. Quando todos estavam reunidos, Judas acercou-se do grupo, supondo que falavam de suas vitórias da manhã, porém os discípulos estavam silenciosos e pensativos. As cenas do caminho percorrido, o sol, os penhascos, os prados, o Senhor repousando na tenda improvisada, flutuavam-lhes nos cérebros, suscitando-lhes doces recordações e um desejo de vagar eternamente sob o sol. Os corpos exaustos repousavam e ninguém se lembrava de Judas.

Este saiu e voltou. Jesus falava aos apóstolos e, sentada aos seus pés, imóvel como uma estátua, estava Maria; a cabeça erguida, contemplava o Mestre. Perto de Jesus, encontrava-se João, que alisava ternamente, com os dedos, as vestias do Nazareno, enquanto Pedro respirava ruidosamente, acompanhando, com o ritmo do seu alento, as palavras do Mestre.

Sem fazer caso dos presentes, Judas deteve-se no umbral e observou o Senhor, num olhar ardente. À medida que olhava, as coisas obscureciam-se ao redor; apagavam-se, povoando-se de silêncios e de mistérios. Apenas Judas tinha a impressão de que o Mestre se esfumava, elevando-se às alturas, semelhante à neblina, que flutua sobre os lagos, atravessada pela luz da lua. Parecia-lhe que Suas palavras, impregnadas de ternura, vinham da distância, quem sabe de onde. E ao contemplar aquela si-lhueta vacilante, ao ouvir a harmoniosa melodia de Suas palavras, Judas apertou os dentes e fechou a boca como se quisesse conter a própria alma; e, envolto nas trevas, pôs-se a imaginar uma obra gigantesca. Não se sabe por que, na escuridão de seu isolamento, levantava massas enormes como montanhas e as amontoava, sem esforço, umas sobre as outras; aproximou outras e as juntou às primeiras. E aquilo crescia, sem ruídos, estendendo-se como um campo, no qual se perdem os limites; Judas sentia que seu cérebro era como a cúpula

de uma construção misteriosa, que se cimentava nas trevas insondáveis. E a mole colossal foi subindo, subindo cada vez mais alto, apesar dos lábios divinos continuarem emanando ternas palavras provindas da distância.

Judas permaneceu no umbral enorme e negro, impedindo a passagem; Jesus falava acompanhado do alento de Simão Pedro. O Mestre calou-se repentinamente. Pedro, como se despertasse, exclamou com entusiasmo:

— Senhor, Tu conheces a verdade da vida eterna!

Jesus, com os olhos imóveis, não respondeu. Os que Lhe seguiram o olhar viram no umbral Judas, que abria a boca e arqueava as sobrancelhas. Sem compreender do que se tratava, riram. O sábio Mateus tocou no ombro de Iscariotes, recitando-lhe as palavras de Salomão:

— “Ter-se-á misericórdia do que for humilde, mas o que fica nas portas mortifica os outros.” Judas estremeceu, lançando um grito de espanto. Dir-se-ia que todo o corpo, os olhos, as mãos e os pés Lhe fugiam. Parecia que, naquele instante, o animal fora surpreendido de súbito pela presença do homem.

Jesus levantou-se e caminhou para ele. Levava uma palavra nos lábios, porém nada pronunciou e o outro franqueou-lhe o umbral...

À meia-noite, Tomé, inquieto, abeirou-se do leito de Judas, agachou-se, perguntando-lhe:

— Judas, estás chorando?

— Não, Tomé. Vai-te!

— Por que gemes e ranges os dentes? Estás sentindo dor? Judas silenciou por instantes; logo, uma após outra, fluíram-lhe dos lábios palavras rudes, cheias de dor e de cólera:

— Por que não me ama? Ele? Por que ama os outros? Eu não sou por acaso o mais forte e o mais formoso? Quem, se não eu, Lhe salvou a vida, enquanto os outros fugiam como cães poltrões?

— Não tens razão, amigo, tu não és tão formoso assim e tua língua é tão pérfida como repulsivo é o teu rosto. Mentas, calúnias, sem cessar. Como queres que Ele te ame?

Judas parecia não ouvi-lo e continuava movendo-se nas trevas.

— Por que não está Ele com Judas e sim com os que não O amam? João ofereceu-lhe um lagarto; eu Lhe levaria uma serpente

venenosa. Pedro lançou enormes pedras; eu, para agradar-lhe, removeria montanhas. Que é, afinal, uma serpente peçonhenta? Se lhe arrancam os dentes envenenados, enrolá-se ao pescoço como um colar. Que é, afinal, uma montanha? Não se pode, por acaso, esvaziá-la com as mãos e calcá-la com os pés? Algo melhor eu lhe houvera dado; o formoso Judas, o valente Judas! Mas, agora, perecerá e Judas perecerá com Ele...

— Meu amigo, que coisas esquisitas estás dizendo.

— “Uma figueira seca deve ser derrubada com um machado!” Eis o que se tem dito! Por que Ele não me derruba? Por que não se atreve, Tomé? Eu sei; tem medo de Judas, o elegante, o forte, o valente Judas! E prefere os demais, os imbecis, os traidores e os mentirosos. Tu, também, és um mentiroso, Tomé! Ouviste?

Tomé, estupefato, ia responder, mas, pensando que Judas o injuriaria ainda mais, como costumava, limitou-se a mover significativamente a cabeça. Judas indignou-se; rangia os dentes e agitava-se sem cessar, gemendo, dizendo para si mesmo:

— Que te causa tamanha dor, Judas? Quem te incendiou o corpo? Suponhamos que hajas dado o filho aos cachorros, a filha aos bandidos e a mulher à prostituição! Mas, Judas não teria um pouco o coração sensível e terno?

E dirigindo-se a Tomé, exclamava:

— Deixa-me, Tomé, vai-te, imbecil! O formoso, o forte, o valente Judas quer ficar sozinho!

Judas apoderara-se de algum dinheiro; descobriu-se o furto graças a Tomé que, por casualidade, havia contado as moedas oferecidas pelo povo. Era de se supor que aquele roubo não fora o primeiro; a indignação foi geral. Pedro, enfurecido e colérico, pegou o ladrão pelo pescoço e levou-o à presença de Jesus, sem que o culpado, espantado e lívido, pensasse em resistir.

— Ei-lo, Mestre! Aqui está o ladrão! Depositaste confiança e ele nos roubou! Ladrão! Canalha! Com tua permissão, Senhor!...

Jesus calou-se. Pedro fitou-o atento e enrubesceu, abrindo a mão que tinha agarrado Judas. Este, sufocado e confuso, ajeitou as roupas e, seguindo Pedro com o olhar, tomou uma atitude contrariada de arrependimento.

— Ah! está bem — resmungou Pedro irritado e saiu, dando um empurrão.

Todos eles demonstravam certo descontentamento e afirmavam não desejar conviver com Judas; mas João refletiu um instante e entrou na sala contígua, onde se ouvia a terna e melodiosa voz do Mestre. Após minutos, voltou, tinha o rosto pálido e os olhos avermelhados como se houvesse chorado.

— O Mestre disse que Judas podia retirar quanto dinheiro quisesse...

Pedro teve um sorriso malévolos e irritado. João olhou-o com reprovação: suas lágrimas mesclaram-se com a sua cólera e, num acento entrecortado, explicou:

— O Mestre disse: “Ninguém deve contar o dinheiro que Judas coleta. Judas é nosso irmão e o dinheiro da caixa pertence a ele e a nós. Se necessita dele, que o tome quanto lhe for necessário, sem que a ninguém o peça. Judas é nosso irmão e o haveis ofendido gravemente.” Eis o que disse o Mestre. Envergonhemo-nos do nosso procedimento.

Judas, pálido, um sorriso de desgosto, estava no umbral. João avizinhou-se dele e beijou-o três vezes. Tiago, Filipe e os demais, confusos, seguiram-lhe o exemplo. Depois de cada beijo, Judas limpava a boca, mas beijava ruidosamente os companheiros com veemência, como se lhe agradasse o estalido dos lábios. Pedro foi o último a se aproximar e disse:

— Somos todos imbecis, todos cegos, Judas. Só Ele vê, só Ele é sábio. Permites que eu te beije?

— Por que não? — respondeu Judas.

Pedro deu-lhe um sonoro beijo, murmurando-lhe ao ouvido:

— Quase te esganei há pouco. Os outros te enfrentaram só com palavras; eu te agarrei pelo pescoço. Machuquei-te?

— Um pouco.

— Irei ver o Mestre e contarei tudo. Porque também me encolerizei contra Ele...

Só Tomé permanecia distante e sem beijar Judas.

— E tu, Tomé? — perguntou-lhe severamente João.

— Não sei o que devo fazer; preciso pensar.

E, pensativo, vagueou durante o dia. Os apóstolos, ocupados, iam e vinham em seus afazeres; ouvia-se aqui e ali a voz ruidosa de Pedro; Tomé continuava pensando. Já havia decidido, mas arrependeu-se dada a atitude de Judas, que o perseguia tenaz com o seu olhar irônico e, gravemente, de vez em quando lhe perguntava:

— Tomé, como vais?

Judas, então, fingindo ignorar a presença do amigo, foi buscar o cofre e pôs-se a contar o dinheiro, somando uma a uma as moedas.

— Vinte e um, vinte e dois, vinte e três... Tomé, olha uma moeda falsa! Canalhas! Dão-nos moedas falsas!... Vinte e quatro. . . Logo, dirão que Judas roubou! Vinte e cinco, vinte e seis...

A tarde caía quando Tomé, com ar resoluto, se acercou de Judas, dizendo:

— Judas, o Mestre tinha razão, deixa que te beije.

— Verdade? Vinte e nove, trinta. . . É inútil... Rou- barei outra vez... trinta e um...

— Roubarás como, se não é tudo teu, nem tudo meu? Irmão, tomarás o que te faças falta.

— E para repetir as palavras do Mestre necessitaste meditar toda a jornada? Não sabes o valor do tempo, Tomé.

— Tenho a impressão de que estás mofando de mim, irmão.

— Pensa bem, Tomé. Crês, realmente, que fazes bem em repetir as Suas palavras? Porque foi Ele quem disse: “Nem tudo teu, nem tudo meu” e não tu. Foi Ele quem me beijou; os outros não fizeram senão encostar os lábios. Ainda sinto vestígios de Seus lábios em meu rosto. . . Trinta e oito, trinta e nove, quarenta. Quarenta dinheiros, Tomé. Queres contá-los?

— É nosso Mestre. Por que não repetir as Suas palavras?

— Sim, mas Judas tem idéias e sabe de onde tirá-las. E se, na ausência do Mestre, for oferecido a Judas roubar mais três dinheiros — não tornareis novamente a pegá-lo pela garganta?

— Não, agora já o compreendemos.

— Sim, mas os discípulos possuem péssima memória. Todos os mestres não têm sido enganados pelos seus discípulos? Quando o Mestre levanta o seu indicador, todos clamam: “Sabemos a lição”; mas, basta o Mestre cochilar um instante para que tudo fique

esquecido. Hoje cedo me chamaste de ladrão e esta noite me chamas de irmão! Como me chamarás amanhã?

Judas ria. Levantou com uma das mãos o cofre e prosseguiu:

— Quando o vento sopra furioso, esparge as imundícies. Os imbecis exclamam: “Que vento!” Não é, sem dúvida, uma vassoura, porque o vento vai muito mais distante, meu caro Tomé. Entendes?

E riu novamente.

— Contenta-me vê-lo tão feliz — disse Tomé. — Mas dói-me que haja tanta maldade em tua alegria.

— É natural que eu me sinta alegre. Não vêes que sou um homem extremamente útil? Se não houvesse roubado três dinheiros, João não teria oportunidade de sentir-se tão cheio de entusiasmo. Sou um prego onde João firma a sua virtude e Tomé a sua inteligencia — ambas roídas pela ferrugem — para arejar uma e outra!

— Creio ser melhor que eu me vá.

— Tudo é brincadeira, meu caro Tomé. Queria somente saber se eram reais os teus desejos de beijar Judas, este vil ladrão que furtou três dinheiros para dá-los a uma mendiga.

— Como? A uma mendiga? Falaste a Jesus?

— Meu amigo, tens dúvidas. Sim, a uma mendiga; mas se tu soubesses como estava a desgraçada! Dois dias sem comer...

— Estás certo?

— Creio! Estive com ela esses dois dias e vi que nada comeu; só bebia vinho tinto, quando lhe davam, e caía em desfalecimento...

Tomé levantou-se e, após distanciar-se alguns passos, exclamou:

— Na realidade, acredito, Judas, que Satanás é o que te inspira!...

E quando as trevas da noite desapareciam, ouviu-se um ruído de moedas, as quais ressoavam movidas pelas mãos de Judas. Tinha-se a impressão de que aquela sonoridade se mesclava aos risos de Judas Iscariotes.

No dia seguinte, Tomé reconheceu que se enganara; Judas mostrou-se sensível, bondoso e sério. Não tinha expressões, não se entregava a malignas facécias, não ofendia ninguém, cumprindo os deveres de ecónomo sigilosamente e com zelo. Hábil e destro, como nunca, dava a impressão de não possuir duas pernas, mas uma dúzia. Ia e vinha, com ligeireza, sem ruídos, sem gritos, sem lamentos, sem aqueles esgares que lhe acompanhavam as atitudes.

Quando Jesus iniciava uma prática, Judas sentava-se num canto, cruzando as mãos, mirando com olhos doces e limpos.

Cessou com as calúnias; passava horas seguidas sem despregar os lábios, de tal sorte que Mateus, tão severo, julgou imprescindível dirigir estas palavras de Salomão:

“O insensato mostra ao vizinho seu desprezo, enquanto o homem judicioso cala, prudentemente.”

Todos se mostraram satisfeitos ao notar que Judas se transformara. Apenas Jesus o seguia com ar distante, como se se encontrasse afastado dele, mas sem demonstrar hostilidade. O próprio João, a quem Judas respeitava por ser ele o predileto do Senhor e também porque interviera no assunto das moedas furtadas, mostrava-lhe alguma indulgência e, por vezes, dirigia-lhe a palavra.

Certo dia, perguntou condescendente:

— Dize-me, Judas, qual a tua opinião: quem será o primeiro, ao lado de Jesus, no reino dos Céus, Pedro ou eu?

Judas refletiu um instante e logo respondeu:

— Creio que serás tu.

— Pedro imagina que seja ele — disse João, sorrindo.

— Não será Pedro, porque, ao ouvir-lhe gritar, os anjos fugirão. Ouve como berra! Claro que fará uma polémica sobre quem há de ser aquele que ocupará o primeiro lugar, porque também ele assegura que ama a Jesus; ele já é muito velho, tu és jovem; ele, rude e pesado, e tu ligeiro. Por isso, tu voarás mais alto e entrarás primeiro com Cristo no Céu. Não é verdade?

— Sim, sim. Jamais abandonarei Jesus.

Naquele mesmo dia, Pedro formulou a mesma pergunta a Judas; mas, receoso de que alguém lhe ouvisse a voz, levou-o a um lugar afastado, atrás da casa.

— Que pensas, Judas? — perguntou-lhe com ansiedade. — Tu és inteligente; o próprio Mestre confia em ti. Dize-me a verdade.

— Serás o primeiro, não duvido — respondeu-lhe Judas sem vacilar.

Pedro, satisfeito, exclamou:

— Bem eu dizia!...

— Mas tens por obrigação fazer tudo o que estiver ao teu alcance para merecer o lugar.

— Já o sei.

— Ninguém há de te lograr, já que tu estás ali instalado. Porque tu não abandonarás Jesus, não é verdade? Não é à toa que Ele te apelidou de Pedro, isto é, pedra!

O iniciado pôs a mão sobre o ombro de Judas com ardor:

— Judas, digo-te que és o mais inteligente de todos nós! Mas, por que te mostras tão sarcástico e tão mau? Se quiseres, poderás chegar a ser o discípulo predileto de Cristo, assim como João. Mas a ti não cederei o meu lugar ao lado de Jesus, nem aqui na Terra ou no Céu. Ouviste?

E Pedro levantou o braço em atitude de ameaça. Judas procurava agradar a uns e outros; sem dúvida, a ninguém confiava seus secretos pensamentos. Mantinha-se sempre afastado dos demais, discreto e reservado, buscando sempre palavras que agradassem a todos. Dizia a Tomé:

— Os covardes confiam em todo o mundo, mas o judicioso olha bem por onde caminha.

À Mateus, que gostava de comer muito e manifestava certa vergonha por isto, dizia-lhe:

— O justo come segundo o corpo exige, enquanto o mau jamais se sente saciado.

Como raras vezes pronunciava frases carinhosas, estas tinham inestimável valor. Calavam-se, ouviam atentamente e refletiam. Contudo, quando meditava, tinha um ar estrambótico e antipático, que inspirava aversão e medo ao mesmo tempo. Se movia o olho são e sagaz parecia sensível e bondoso; mas, enquanto seu olhar se imobilizava e a pele da fronte se contraía, formando sulcos extravagantes, adivinhava-se facilmente que, naquele cérebro, se agitavam pensamentos turvos e se sentia certo mal-estar ao contemplá-lo.

Aqueles misteriosos pensamentos não podiam formular-se e rodeavam de enigmático silêncio a figura de Judas; preferia-se, a esta atitude, frases, gestos e até mentiras, porque a mentira em linguagem humana se assemelha à verdade e à luz em comparação com aquele mutismo profundo, surdo e sem eco.

— Sumiste em tuas reflexões — gritava-lhe, às vezes, Pedro; e a voz clara e sonora que saía de sua boca desgarrava as névoas taciturnas dos pensamentos de Judas, lançando-os não se sabe em que rincões sombrios.

— Em que estás pensando?

— Em muitas coisas! — respondia Judas, num sorriso.

O seu silêncio melancólico causava maléfico efeito aos companheiros; fugia cada vez mais do círculo dos iniciados; procurava dar longos passeios solitários ou sentava-se na soléia da casa, sem ruído. Constantemente, Tomé chocava-se com um objeto grisalho; era Judas. Somente uma vez, demonstrou ser o que era antes, ao discutir sobre quem iria ter o primeiro lugar no reino dos Céus. Falavam, na presença do Mestre, João e Pedro, defendendo cada um os seus direitos, enumerando seus predicados, ponderando a grandeza de seu amor a Jesus. Por fim, olvidados do Senhor, chegaram até a injuriar-se. Pedro arroxeara de cólera e sua voz troava; João, pálido e mais dono de si, tinha as mãos trêmulas e as palavras acres e mordazes.

A discussão tomava proporções ameaçadoras e o Mestre franzia as sobrancelhas, quando Pedro lançou um olhar penetrante a Judas, pondo-se a rir, calmo e satisfeito. João olhou também na mesma direção e sorriu por sua vez; lembravam-se ambos do que Judas havia dito de antemão da vitória e apressaram-se em tomá-lo por juiz:

— Dize, Judas! — exclamou Pedro! — Dize quem de nós será o primeiro ao lado de Jesus!

Judas não respondeu. Respirava com fadiga e os seus olhos interrogaram apaixonadamente os olhos azuis e serenos de Jesus.

— Sim — acrescentou João em tom de complacência. — Dize quem será o primeiro ao lado de Jesus.

Sem tirar o olhar dos olhos do Salvador, Judas levantou-se lentamente e respondeu com uma voz surda e grave:

— Eu!

Jesus baixou as pálpebras e Judas, batendo com o dedo ossudo no peito, repetiu sereno e triunfante:

— Eu! Eu serei o primeiro ao lado de Jesus! E saiu.

Os apóstolos silenciaram diante de tamanha insolência. Rápido, como se uma idéia lhe assaltasse a memória esquecida, Pedro inclinou-se ao ouvido de Tomé, dizendo:

— Ah, isso é o que eu pensava... Entendes?

Naquele momento, Judas deu o primeiro passo decisivo para a traição. Às escondidas, sem ser visto por ninguém, encaminhou-se à casa de Anás, o sumo sacerdote.

Receberam-no friamente; entretanto, sem se perturbar por essa acolhida, pediu uma audiência que lhe foi dada. Só e na presença do sumo sacerdote, que era um ancião seco a observá-lo com desdém, narrou que ele, Judas, era um piedoso israelita que se tornara discípulo do Nazareno, com o único objetivo de confundir o impostor e pô-lo nas mãos das autoridades.

— Quem é esse Nazareno? — perguntou Anás, desdenhoso, como se ouvisse pela primeira vez aquele nome.

Judas fingiu acreditar na suposta ignorância do sacerdote e, com vários pormenores, descreveu as predicções do Mestre e seus milagres. O ódio que o Nazareno nutria contra os fariseus e o templo, as suas constantes violações da lei e, concluindo, as intenções que abrigava Jesus: arrancar o poder dos sacerdotes e criar um novo reino. Judas soube de tal modo mesclar com destreza a verdade com a mentira, que Anás começou a considerá-lo com maior atenção e lhe disse em tom indolente:

— Há muitos impostores e insensatos na Judeia!

— Não como Ele! É um homem perigoso! — afirmou Judas com veemência. — Viola a lei! É preferível que um único homem pereça a sucumbir todo um povo!

Anás acrescentou com um gesto vago:

— Parece ter muitos discípulos...

— Muitos.

— E O amam?

— Sim; pelo menos afirmam todos que O amam mais que a si mesmos.

— Então, se intentarmos apoderar-nos d'Ele, defendê-Lo-ão? Não provocariam uma revolta? Judas riu maliciosamente.

— Oh, não! São uns medrosos que correm, quando alguém se abaixa para apanhar uma pedra.

— Verdade? — perguntou, friamente, o sumo sacerdote. — São tão vis assim?

— Não é que sejam vis; ao contrário, mas os bons são os que correm para escapar dos maus. São homens de boa índole, e por isso fugirão e não voltarão até que hajam enterrado Jesus. Eles próprios O enterrarão; tu tens só que decretar a Sua morte.

— Mas O amam; tu mesmo o disseste.

— Os discípulos amam sempre o seu Mestre, mas amarão mais o Mestre morto do que o Mestre vivo. Se vivo, pode perguntar-lhes a lição e castigá-los se não a sabem; enquanto que, morto, eles mesmos se elegem novos Mestres e castigam os demais.

Anás cravou-lhe o olhar penetrante e os lábios secos se contraíram num sorriso malévolos:

— Pelo que vejo te encontras ofendido.

— Nada se pode ocultar de ti, sábio pontífice! Lês no coração de Judas! Sim, ofenderam o pobre Judas; acusaram-no de haver roubado três dinheiros. Como se Judas não fosse o homem mais honrado de Israel!

Durante longo período falou de Jesus e de seus iniciados e de sua nefasta influência sobre o povo. Entretanto, Anás, prudente e astuto, nada prometia. Há muito tempo vigiava o Nazareno e os apóstolos e a sorte de Jesus já estava selada nos conciliábulos secretos celebrados na casa de Anás com seus partidários. O grande sacerdote não depositava confiança em Judas, a quem conhecia pela fama de embusteiro e depravado. Por outro lado, não compartilhava da mesma fé na covardia dos iniciados e receava que o povo se sublevasse em defesa de Jesus. Anás estava seguro do seu poder, mas queria evitar qualquer derramamento de sangue. Sabia que os habitantes de Jerusalém eram indóceis, sujeitos a cóleras; temia, por fim, a intervenção brutal das autoridades romanas. As perseguições não serviam senão para aumentar o número de adeptos da nova seita e o sangue derramado para regar e fertilizar o terreno da nova doutrina. Quem sabe se com o tempo acabaria por afogar, de um só golpe, o próprio sumo sacerdote e os seus fiéis?

Quando Judas compareceu à casa de Anás pela segunda vez, este titubeou e optou por não recebê-lo. Judas insistiu e voltou pela

terceira, pela quarta vez, constante e tenaz, como o vento que dia e noite investe contra a porta cerrada e sopra pelas frestas.

Finalmente, ao ser recebido pelo sumo sacerdote, Judas disse-lhe:

— Percebo que tens medo de algo, sábio pontífice!

— Sou muito poderoso para temer algo! — replicou Anás com altivez.

Judas curvou as espáduas e estendeu as mãos.

— Vejamos. Que queres?

— Quero livrar-te do Nazareno.

— Não necessitamos disso.

Judas inclinou-se outra vez a olhar fixamente e com submissão para o orgulhoso interlocutor, que lhe ordenou severo:

— Vai-te.

— Mas voltarei, nobre senhor...

— Não te deixarão entrar. Vai-te!

Inúmeras vezes, o Iscariotes voltou a bater à porta e o velho sacerdote consentiu novamente que entrasse. Já em sua presença, Anás examinava-o atentamente, em silêncio, num olhar irônico; dir-se-ia que contava os cabelos da cabeça disforme do traidor, que permanecia calado como se também contasse os pêlos da barba grisalha e rara do sumo sacerdote.

— Ainda tu? — grunhiu num tom irritado e desdenhoso Anás.

— Quero entregar-te o Nazareno.

Os dois calaram-se e examinaram-se reciprocamente, minuciosamente. Enquanto Judas se mostrava tranqüilo, o sacerdote parecia agitado, dominado por uma cólera calada, seca e fria, como a gélida manhã de inverno.

— E quanto queres pelo teu Jesus?

— Quanto me darias?

— Todos são uns bisbilhoteiros! — replicou Anás num tom insultante, recalando as suas palavras com um prazer cruel. —

Trinta moedas de prata. Eis o que podemos dar. — E riu ao ver Judas agitar-se, mover-se com rapidez em seu assento, como se tivesse uma dezena de pernas.

— Por Jesus! Trinta moedas de prata! — exclamou estupefato o traidor. — Por Jesus de Nazaré? Queres comprar Jesus de Nazaré

por trinta moedas de prata? E acreditas seriamente que se pode vender Jesus por trinta moedas de prata?

O traidor voltou-se vivamente, pondo-se a rir, estendendo os braços até a superfície branca e lisa da parede.

— Sim, trinta moedas — repetiu secamente Anás. — Trinta dinheiros por Jesus de Nazaré!... Com a mesma alegria secreta, acrescentou demonstrando indiferença:

— Se não te bastam, vai-te. Encontraremos outro que nos venderá por mais barato!

E como trapeiros, que em meio de uma praça cheia de lodo disputam um trapo velho e gritando se insultam, assim os dois se puseram a discutir com aspereza, brutais. Judas, alucinado pelo entusiasmo, corria, dava voltas, chiava, enumerava, com os dedos, os méritos dAquele a quem atraía.

— E Sua bondade? E Seu dom de curar os enfermos? Isto não é nada? Responde-me com franqueza! Não vale nada?

O sumo sacerdote queria responder, mas Judas não o deixava pronunciar um monossílabo sequer. Anás irritava-se, as faces tomavam cores.

— E Sua juventude? E Sua beleza? Porque é belo como o narciso de Saron, como o lírio-do-vale. Tudo isso não vale nada? Dize, dize... imaginas, talvez, que seja velho e não sirva mais para nada, que Judas te vende um galo velho! Vejamos!

— Sim, sim...

A voz de Anás era arrebatada pelos gritos de Judas como uma pena ao vento.

— Trinta dinheiros! Mas, isso nem sequer dá um óbolo por uma gota de sangue! Nem sequer chega a meio óbolo por lágrima! Nem a um quarto de óbolo por gemido! E os gritos que lançará? E Sua agonia? E quando o coração cessar de bater e os olhos se cerrarem. Não têm valor?

Judas, enfurecido, avançou para o sumo sacerdote que parecia envolto num torvelinho de gestos e de frases.

— Sim, trinta dinheiros ao todo! — concluiu Anás.

— Sem dúvida, obténs um polpudo lucro! Ah, é que queres explorar o pobre Judas e roubar o pão de seus filhos. Não e não!

Não consentirei! Irei à praça pública e gritarei com todas as minhas forças: Socorro! Anás quer roubar o pobre Judas! Socorro!

— Vai-te! Vai-te!...

Mas logo Judas se deixou abater e os braços caíram desanimados.

— Bem! Não é necessário incomodar-se com o pobre Judas, que quer somente o pão para os filhos. Tu também tens filhos...

— Vai-te! Outro nos servirá.

— Que é isso? Eu não disse que não cederia! Sei que outro poderá trazer-te Jesus por quinze dinheiros, por dois óbolos, por um óbolo...

E inclinava-se cada vez mais obsequioso e vil, acrescentando que, finalmente, aceitava a suma proposta.

Com mão trêmula e seca, Anás contou e deu-lhe os trinta dinheiros. Imediatamente, afastou-se sem dizer palavra, enquanto Judas inspecionava as moedas, uma após outra, mordiscando-as para ver se eram boas. De vez em quando, o sacerdote, de longe, lançava-lhe um olhar carregado de ira.

— Fabricam-se agora moedas falsas! — observou Judas.

— Esses dinheiros foram doados ao templo por mãos piedosas — replicou Anás, virando-se e oferecendo aos olhos de Judas a sua nuca calva e rosada.

— Sabem, porventura, as almas piedosas distinguir a moeda falsa da boa? Só os velhacos entendem disso!

Judas não levou para casa o dinheiro, que acabava de receber; saiu da cidade e escondeu-o sob uma pedra. Feito isso, voltou com um passo lento tal como um bicho que torna após combate mortal, arrastando-se penosamente até a cova obscura.

Mas Judas não tinha cova; tinha uma casa e naquela casa vivia também Jesus, Jesus cansado, enfraquecido, extenuado pela luta incessante contra os fariseus, cujas fronteiras brancas e lisas de homens instruídos O cercavam no templo como muralhas.

Jesus estava sentado, o rosto encostado à parede, e parecia dormir profundamente.

Pela janela aberta, chegavam os rumores confusos da cidade. Pedro, martelando na construção de uma mesa, cantava uma

canção da Galileia. Jesus nada ouvia, continuando adormecido num sono repousante.

Era Ele que haviam comprado por trinta dinheiros!

Judas avançou sem ruído, com a terna solicitude de uma mãe que teme despertar o filho enfermo; e com o susto de uma fera saída da luta a quem uma flor branca e delicada toca de repente, roçou os sedosos cabelos do Mestre, retirando depressa a mão. Depois, apalpou-os de novo e saiu de mansinho, nas pontas dos pés.

— Senhor! — murmurou. — Senhor!

Encaminhou-se à privada, onde desatou a chorar longamente, arranhando o peito com as mãos. Acariciava cabelos imaginários e murmurava palavras ternas e suaves. Depois, calou-se e ficou sufocado por dolorosa meditação. Com a cabeça pendente, tinha o aspecto de um desgraçado que teme ouvir os passos do inimigo. Permaneceu assim durante longo tempo, indiferente ao próprio destino.

Nos derradeiros momentos de sua existência, Jesus recebeu de Judas constantes provas de afeto delicado, de doce ternura, de amor silencioso. Adivinhava-lhe os mais íntimos desejos e tal como uma jovem que ama pela primeira vez, tímida e pudica, penetrava nos mais profundos sentimentos do Mestre, em seus acessos de tristeza, desfalecimentos e fadiga. Jesus deitava-se e mergulhava num sono suave; seu olhar podia errar por toda parte; só encontrava regalo para seus olhos. Judas não sentia amizade por Maria Madalena, nem pelas mulheres, que rodeavam Jesus. Constantemente, procurava ofendê-las, perseguindo-as com brincadeiras grosseiras e impertinentes. Agora, tornara-se amigo delicado, divertido e fiel. Cheio de interesse, falava com elas das comovedoras atitudes do Mestre, fazendo-lhes incessantemente mil perguntas. Com aspecto de mistério, dava-lhes dinheiro para a compra de âmbar e mirra de elevado preço; e perfumes de que Jesus gostava e com os quais Lhe ungiam os pés.

Comprava vinho caríssimo, que se destinava ao Mestre e, quando via Pedro bebê-lo com a indiferença de um homem a quem o que importa é a quantidade, encolerizava-se. Em Jerusalém, pedregosa, onde quase não existiam plantas e flores, Judas buscava, não se sabe como, florzinhas primaveris, finas gramíneas, que mandava às

mãos do Mestre através das mulheres. Pela primeira vez em sua vida, tomava nos braços as criancinhas, que se encontravam no pátio ou nas ruas, e as beijava, embora contra a vontade, para que não chorassem, levando-as para Jesus. Sucedia, por vezes, que um menino, de nariz sujo e cabelos arrepiados, subia ao colo do Mestre pensativo, pedindo-Lhe beijos e carícias. Então, enquanto os dois permaneciam juntos, Judas, um pouco afastado, passeava com ares de um carcereiro severo que, na primavera, houvesse deixado entrar uma borboleta na cela de um preso e fingia grunhir contra a intrusa.

À noite, quando com as sombras vinha a inquietude de montar guarda sob as janelas, Judas fazia recair a conversação sobre a Galileia, com seus rios aprazíveis e seus prados esverdeados, os quais não conhecia, mas eram gratos ao coração de Jesus. E revivia o passado, fazendo despertar em Pedro recordações adormecidas, conduzindo-o a evocar os quadros familiares e pitorescos da doce existência na Galiléia.

Jesus ouvia as palavras alegres, impetuosas e sonoras de Pedro com apaixonada atenção, entreabrindo a boca, como um menino. Seus olhos sorriam, obrigando o narrador a parar por um instante. João falava melhor do que Pedro; não dizia nada divertido, nem inesperado; nele, tudo era sugestivo e extraordinário e tão maravilhoso, que assomavam lágrimas aos olhos de Jesus. Judas acotovelava Maria Madalena, murmurando:

— Como sabe falar! Ouves?

— Sim. Ouço-o.

— Escuta melhor! As mulheres não sabem ouvir.. .

Depois, todos iam dormir. Jesus beijava João com terno agradecimento e pousava a mão no ombro de Pedro. Judas assistia a tais cenas sem sentir ciúmes; estava cheio de um indulgente desdém. Aquelas histórias, aqueles beijos e aqueles suspiros não tinham nada de importante em comparação com o que sabia ele, Judas Iscariotes, o horrível Judas de pêlos ruivos, crescidos como uma erva daninha entre as pedras.

Se, por um lado, Judas entregava Jesus, por outro tentava fazer malograr os seus próprios planos. Não tentou, como as mulheres, persuadir o Mestre a empreender a sua última e perigosa

peregrinação a Jerusalém, porque os parentes de Jesus e os discípulos julgavam indispensável a conquista da capital para o completo triunfo da causa. Mas insistia tenazmente sobre os perigos que se deparavam o Mestre, pintava de cores vivas o ódio dos fariseus pelo Senhor, ódio que lhes sugeria, provavelmente, a idéia de matá-lo em público ou secretamente.

Todos os dias e a todas as horas falava d'Ele aos discípulos e, ameaçando com o dedo, em tom áspero, dizia:

— Temos de velar por Jesus! Temos de velar por Jesus! Quando chegar a hora, teremos de defendê-lo!

Os discípulos, confiando demasiadamente no poder maravilhoso do Mestre, ou por terem absoluta fé no triunfo final da causa, ou simplesmente por inocência, certo é que ouviam as advertências de Judas com um sorriso incrédulo e aqueles conselhos incessantes acabaram por provocar murmúrios de desagrado entre eles. Quando Judas surgiu, trazendo duas espadas, que havia encontrado não se sabe onde, só Pedro se desfez em pilhéria. Os demais exclamaram, desgostosos:

— Não somos guerreiros para carregar armas! Jesus não é chefe de nenhum exército, mas um profeta!

— E se tentarem matá-Lo?

— Não se atreverão, quando virem que o povo O segue.

— E se se atreverem? Que poderá ocorrer? João replicou num tom de desdém:

— Não me parece que só tu amas o Mestre! Judas, sem se mostrar ofendido, perguntou com viveza, teimoso e desconfiado:

— Mas vós O amais, não é verdade?

E a cada adepto que chegava para ver Jesus, fazia-lhe obstinada e idêntica pergunta:

— Tu O amas? Tu O adoras de todo coração?

E todos afirmavam com veemência seu amor. Judas conversava constantemente com Tomé e, levantando seu dedo seco e ossudo, de unhas enegrecidas e longas, advertia-o misteriosamente:

— Tem cuidado, Tomé. Vão chegar as horas dolorosas! Estás disposto? Por que não tomaste a espada que te trouxe?

O apóstolo dava explicações judiciosas:

— Não estamos habituados a manejar armas. Se nos batêssemos com os soldados romanos, seríamos derrotados: além disso, não nos trouxeste mais do que duas espadas. Que se pode fazer com duas espadas?

— Poderíamos encontrar outras. Poderíamos tirar dos soldados — respondeu Judas, colérico.

E o grave Tomé sorriu por sua vez:

— Ah! Judas! As que trouxeste naturalmente foram roubadas dos soldados romanos.

— Sim, roubei-as. Poderia ter roubado outras; mas alguém gritou e tive de correr.

Tomé refletiu e exclamou num acento triste:

— Estás em mau caminho, Judas! Por que roubas?

— Porque não existe teu, nem meu. . .

— Sim. Mas se amanhã perguntarem aos soldados onde estão suas armas, eles serão punidos.

Mais adiante, depois da morte de Jesus, os discípulos recordaram as palavras de Judas e acreditaram que abrigava o plano de atirá-los ao combate desigual para que perecessem. E maldisseram o nome de Judas Iscariotes, o traidor.

Após cada uma dessas conversações, Judas, irritado, ia lamentar-se com as mulheres, que o ouviam prazerosamente. O que havia de terno e feminino no amor de Judas por Jesus, fazia-o compreensível e mesmo simpático aos olhos delas. Iscariotes permanecia ao lado de todas, desdenhoso e reservado.

— Não são homens! — gemia com amargura ao falar dos discípulos e o olho cego e imóvel pousava confiante em Maria Madalena. — Não são homens! Não possuem sangue nas veias, nem sequer o valor de um óbolo!

— Estás sempre falando mal! — disse Maria Madalena.

— Eu? — replicou Judas com estranheza. — Quando, já falei mal de alguém? E ainda que haja falado... E que não mereçam. Oh! Maria, Maria, lastimo que tu não sejas um homem e não possas empunhar a espada.

— Pesa muito, seria impossível levantá-la — objetou Maria, sorrindo.

— Pois levantá-la-ás já que os homens são tão covardes... Dize. Entregaste a Jesus o lírio que encontrei na montanha? Levantei-me cedo para apanhá-lo e hoje o sol queimava muito. Ficou satisfeito? Sorriu?

— Sim, ficou satisfeito. Disse que aquele lírio lhe recordava os perfumes de sua Galileia.

— Mas não disseste que era Judas, Judas Iscariotes quem o havia trazido!

— Suplicaste-me que não revelasse quem mandou.

— Fizeste bem. Não, não era para dizê-lo — suspirou Judas. — Contudo, poderias descuidar-te e dizê-lo; as mulheres, às vezes, são muito faladoras... É verdade que nada transpirou? Bem, Maria, és uma boa mulher. Já sabes que eu também tenho uma mulher! Gostaria de vê-la agora; quiçá ela não seja mulher má. Não sei. Sempre dizia que eu era ruim e falso. Por isso, deixei-a. Mas, talvez, ela seja uma boa criatura. Que dizes?

— Que posso dizer? Jamais a vi.

— Bem, bem, Maria... Dize-me: trinta dinheiros é muito pouco?

— Não é uma grande soma.

— Assim o creio. Por quanto te vendias, quando eras rameira? Cinco dinheiros? Dez?

Maria Madalena enrubesceu, baixou a cabeça e seu formoso cabelo cobriu-lhe o rosto, deixando descoberto apenas o queixo branco, graciosamente oval.

— Judas, és perverso! Eu quero esquecer o passado e tu o recordas constantemente!

— Não, Maria Madalena, não deves esquecer o que foste. Para quê? Que os outros esqueçam o que foste está bem, mas tu deves recordá-lo sempre. Aos outros, incumbe esquecer, a ti não. Para quê?

— Fui uma pecadora!

— Aquele que não cometeu o crime é quem deve ter medo. Mas o que já o perpetrrou, que tem a temer? É o morto que receia a morte ou o vivo? Os mortos mofam dos vivos e de seu terror. Assim passavam amigavelmente horas seguidas. Judas, seco e repugnante, a cabeça disforme, o rosto horrível, e Maria Madalena,

jovem, tímida, suave e terna, enfeitiçada pela vida, como por um belo sonho, por um conto de fadas...

O tempo transcorria impassível. Os trinta dinheiros estavam escondidos sob uma pedra e a hora da traição aproximava-se, implacável. Jesus já havia entrado em Jerusalém, montado num jumento e o povo o recebeu com gritos de alegria e de júbilo.

— Hosana! Hosana! Bem-vindo o que chega em nome do Senhor!

O entusiasmo e o amor foram tão elevados que Jesus chorou e os discípulos diziam, orgulhosos:

— Não é filho de Deus aquele que não estiver conosco!

E, exaltados, clamavam:

— Hosana! Hosana! Bem-vindo o que chega em nome do Senhor!

Naquela noite, separaram-se muito tarde; cada qual comentava de modo alegre e solene a acolhida que Jerusalém dispensara ao Mestre. Pedro agitava-se como um louco: parecia possuído pelo demônio do contentamento e do orgulho, e seus rugidos de leão abafavam as vozes alheias; ria e seu riso caía sobre as cabeças dos demais, como grossos pingos de chuva. Abraçava João, Tiago e mesmo Judas; confessava com franqueza o seu receio por Jesus, mas agora já nada temia, porque havia visto o amor que o povo professava pelo Mestre. Judas estava estupefato. Seu olho vivo revirava sem cessar; ele ora ouvia e ora mergulhava em profundas reflexões. Chamou Tomé de lado e, cravando na parede o olhar agudo, perguntou-lhe com voz rouca de perplexidade, de medo e de vaga esperança:

— Ouve, Tomé, e se Ele tivesse razão? E se na realidade Ele tivesse sob seus pés uma rocha firme e eu areia, somente areia sob os meus? Que sucederia?

— Que queres dizer com isso?

— Pergunto-lhe, que seria então de Judas Iscariotes? E para que a verdade triunfasse eu seria obrigado a me afogar. Quem enganou Judas? Quem enganou Judas? Quem?

— Não estou entendendo nada, Judas. É tão misterioso o que me dizes! Quem engana Judas? Quem tem razão?

E, Judas, inclinando a cabeça, repetiu como se fosse um eco:

— Quem engana Judas? Quem tem razão? No dia seguinte, as mesmas perguntas:

— Quem engana Judas? Quem tem razão?

E, ao pronunciar isso, levantava a mão, dobrando para trás o dedo polegar, segundo seu costume. Tomé pesquisava o olhar de Judas e lia nele as mesmas perguntas enigmáticas. Mas o seu assombro redobrou, quando, de repente, ouviu em plena noite a voz forte de Judas, que dizia:

— Então, Judas Iscariotes já não existirá! Tampouco Jesus existirá! Ficaré só... Tomé, estúpido Tomé! Nunca tiveste o desejo de tomar a terra, levantá-la e depois atirá-la?

— Quanto absurdo estás dizendo! Isso é impossível!

— Não é impossível — afirmou o outro, convictamente. — E no dia menos esperado, quando tu, néscio Tomé, estiveres dormindo, nós a levantaremos. Não tenhas medo, Tomé. É uma pilhéria. Dorme. É divertido vê-lo dormir; o nariz funga como uma flauta galileia.

Mas os crentes, dispersos pelo coração de Jerusalém, haviam-se ocultado em suas casas, por trás das paredes e os rostos dos transeuntes apagavam-se. Vagos rumores de incerteza surgiam, flutuavam, insinuando-se. Pedro, entristecido, exercitava-se no manejo da espada, que Judas lhe oferecera. E o rosto do Mestre tomava um aspecto cada vez mais triste, cada vez mais severo. O tempo voava e o dia da traição surgia, implacável. A hora da última ceia soou; a atmosfera estava carregada de tristeza e de vago terror. Já se ouviam as palavras indecisas que Jesus pronunciara sobre aquele que ia atraí-lo.

— Sabes quem O trairá? — perguntou Tomé, dirigindo-se a Judas, com seus olhos francos e claros, quase transparentes.

— Claro que sei — respondeu Judas, resolutamente e rude. — Tu, Tomé. Serás tu aquele que O entregará. Mas nem Ele próprio crê no que diz. Ainda, é tempo. Por que não chama Jesus para o Seu lado o forte e formoso Judas?

Faltavam, apenas, algumas horas, que corriam céleres e implacáveis.

A calma descia sobre a Terra; longas sombras estendiam-se pelo chão, anunciando a noite iminente, na qual devia desenrolar-se a grande tragédia.

De repente, ouviu-se uma voz triste e rude:

— Sabes aonde vou, Senhor? Vou entregar-Te nas mãos de Teus inimigos!

Um silêncio profundo envolveu a paz do anoitecer e o mistério das sombras fixas como lágrimas negras.

— Não respondes, Senhor? Ordenas que vá? Como resposta, fez-se um silêncio ainda mais profundo,

— Permite que eu fique! Acaso não podes? Ou não. Te atreves? Ou é que não queres?

E o silêncio continuou, um silêncio vasto e profundo como o olhar da eternidade.

— E, sem dúvida, sabes que Te amo. Tu sabes tudo. Por que olhas Judas desse modo? Grande é o mistério de Teus olhos; mas, o meu é menos profundo? Dize-me para que fique. Por que silencias sempre, Senhor? Procurei-Te na angústia e na dor. Procurei-Te e achei-Te. Salva-me! Livra-me de mim mesmo! Tira-me este encargo, mais pesado do que uma montanha. Não ouves como ruge o peito de Judas Iscariotes sob esse peso?

E um derradeiro silêncio foi feito, imenso, como o último olhar da eternidade.

— Vou entregar-Te.

A paz do anoitecer não se turvou com essa mancha, o vento não gemeu entre a folhagem, as fontes não soluçaram, nem a terra fria gemeu, tão débil e atenuado era o rumor daqueles passos que se distanciavam. Desvaneceram-se e tudo silenciou. E o crepúsculo pareceu sumir-se em profundo sonho, tragado pelas sombras.

Nisto, a terra suspirou com o rumor desolado das folhas agitadas; suspirou mais uma vez e imobilizou-se à espera da noite.

Outras vozes soaram e entrechocaram-se; dir-se-ia que acabava de abrir-se um saco cheio de vozes e que estas, como pedras, caíam sobre o solo, uma a uma, duas a duas, e por fim, aos montes. Eram os discípulos que falavam. E a voz poderosa de Pedro tragava as palavras dos outros, chocando-se contra as árvores, contra as paredes, para cair novamente na terra. Pedro jurava que nunca abandonaria o Mestre.

— Senhor — dizia com angústia — Senhor, estou disposto a ir à prisão contigo e até sofrer a pena de morte ao Teu lado.

E a resposta implacável chegou, surda como um eco debilitado dos passos, que se distanciavam.

— Em verdade te digo, Pedro, que antes do galo cantar esta noite Me negarás três vezes.

A lua surgia, quando Jesus resolveu ir ao Monte das Oliveiras onde passaria as suas últimas noites. Como tardasse, sem que se soubesse por que, os discípulos, prontos, apressaram-no; então, de repente, Ele lhes disse:

— Aquele que tem uma bolsa a tome, aquele que tem um saco o tome, também; aquele que não tem espada venda seu hábito e a compre... Porque eu vos digo, é preciso que em Mim se cumpra a palavra que está escrita: “Ele faz parte do número dos malfeitores!”

Os apóstolos perturbados e assustados entreolharam-se. E Pedro respondeu:

— Mestre, tens aqui duas espadas!

Jesus examinou-as, baixou a cabeça e murmurou:

— Bastam.

Nas estreitas ruelas, o menor movimento despertava um eco sonoro e os discípulos tinham medo de seus próprios passos. Suas sombras desenhavam-se nas paredes brancas, iluminadas pela lua, infundindo-lhes secreta apreensão. Assim, cruzaram silenciosos Jerusalém adormecida. Franqueadas as portas da cidade, enveredaram pelo desfiladeiro estreito povoado de trevas imóveis e misteriosas e divisaram a torrente de Cedron. Agora, tudo os assustava: o suave murmúrio das águas, deslizando entre as pedras, impressionava-os como vozes de pessoas desconhecidas, que se acercavam sorrateiramente; as sombras fantásticas dos penhascos e das árvores, que ladeavam o caminho, enchiam-nos de terror e até a tranqüilidade noturna os espantava, dando-lhes a sensação de que tudo se movia.

Mas à medida que subiam e se aproximavam do jardim de Gethsemani, onde haviam passado muitas noites agradáveis e silenciosas, sentiam-se mais animados. Lançando de vez em quando um olhar a Jerusalém, toda branca sob a claridade lunar, falavam do medo que haviam sentido antes; e os que caminhavam na retaguarda ouviam de intervalo a intervalo uma voz que se destacava nítida. Era Jesus, predizendo que todos O abandonariam.

Os apóstolos detiveram-se ao chegar ao jardim. Propuseram dormir ali; sempre conversando a meia voz, estenderam os mantos no chão, sobre o tapete translúcido do luar e das sombras. Jesus, atormentado pela inquietação, chamou os seus quatro discípulos prediletos e caminhou com eles para o fundo do horto. Ali, sentaram-se no solo ainda morno do ardor do sol.

Enquanto o Mestre silenciava, Pedro e João trocavam, com indolência, vagas palavras, quase sem sentido e desprovidas de interesse. Bocejando de cansaço, falavam da frescura noturna, da carestia da carne em Jerusalém, da escassez do pescado. Tentaram avaliar o número de peregrinos reunidos na cidade para as festas. Pedro, arrastando as palavras, bocejando com ruído, afirmava que havia vinte mil, enquanto João e seu irmão Tiago sustentavam que não seriam mais do que dez mil. De repente, Jesus levantou-se:

— Minha alma está povoada de uma angústia mortal, disse. —
Ficai e velai.

E, com passo rápido, afastou-se sob a folhagem e desapareceu na penumbra.

— Aonde vai? — perguntou João.

Pedro voltou a cabeça na direção de Jesus e respondeu, cansado:

— Não sei.

Tornou a bocejar, sentou-se no chão e calou-se. Os demais o imitaram e o sono profundo, causado pela fadiga, invadiu-lhes os corpos. Através de um sonho profundo, Pedro discerniu vagamente uma forma branca que se inclinava sobre ele; ouviu uma voz que morreu sem deixar impressão em sua consciência obscurecida:

— Dormes, Simão?

Novamente, adormeceu e outra vez a voz doce roçou-lhe os ouvidos e apagou-se sem deixar eco:

— Não pudeste velar uma hora comigo?

— Ah! Senhor! Se soubesses que sono tenho! — pensou, despertando e acreditando que havia pronunciado essas palavras em voz alta.

Tornou a adormecer; teve a sensação de que havia transcorrido muitas horas, quando, de repente, a silhueta branca de Jesus se

perfilou ao seu lado e uma voz forte e penetrante despertou- o do sono e os demais apóstolos:

— Dormis e repousais? Tudo terminou. O Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos pecadores.

Os discípulos levantaram-se e recolheram as capas com gestos entorpecidos; tremiam de frio. Na distância, por trás de umas árvores iluminadas pela claridade fugitiva dos archotes, distinguiu-se um grupo de soldados e servidores do templo. Precediam-nos um rumor de passos, choques de armas e o afiar das ramagens.

Pelo lado oposto, acudiram os discípulos trêmulos; estavam estremunhados e assustados, e sem compreender ainda do que se tratava, perguntavam:

— Que há? Quem são essas pessoas?

Tomé mostrava-se pálido como um cadáver; seu bigode caía de lado; seus dentes castanholavam furiosamente; disse a Pedro:

— Vieram buscar-nos?

Os soldados cercaram-nos e a luz fumegante dos archotes parecia rechaçar não se sabe para onde a doce claridade lunar. À frente dos soldados, encontrava-se Judas Iscariotes. Caminhava com passo rápido e procurava Jesus com o olhar fulgurante e agudo. Descobriu-O e, após contemplar uns segundos a figura fina e esbelta do Mestre, cochichou aos servidores do templo:

— Aquele a quem eu beijar é Ele. Apoderem-se de sua pessoa e levem-na; mas com cuidado. Com cuidado, ouviram?

Logo, acercou-se de Jesus que o esperava em silêncio, embebeu o olhar afiado e frio como um punhal nos olhos tranqüilos e brandos do Nazareno.

— Eu Te saúdo, Mestre — disse alto, dando um sentido estranho e ameaçador a essa fórmula habitual de saudação.

Jesus silenciou. Os discípulos olhavam horrorizados o traidor; não compreendiam como podia haver tanta maldade numa alma humana. Iscariotes lançou rápido olhar ao grupo desordenado os discípulos; sentiu que a turvação deles se transformava em medo; observou-lhes a palidez dos rostos, os sorrisos inexpressivos, os movimentos frouxos dos braços; observou tudo isso e uma angústia mortal, idêntica à que Jesus acabava de passar, gelou o coração do traidor. Alargando-se como um feixe de cordas vibráteis e

soluçantes, precipitou-se Iscariotes para Jesus e beijou ternamente sua face imóvel. E aquele beijo foi tão suave, tão terno, tão cheio de angústia e de amor doloroso, que se Jesus fosse uma flor sutil em equilíbrio sobre seu galho frágil, tal contato não a teria transtornado e as gotas de orvalho permaneceriam na urna de gaze de suas pétalas.

— Judas! — exclamou o Mestre e seu olhar luminoso como um relâmpago alumiu a terrível montanha de trevas que era a alma de Iscariotes, mas sem sondar o fundo. — Judas! Então, é com um beijo que entregas o Filho do Homem?

E viu que o monstruoso caos oscilava e se movia. Judas Iscariotes permaneceu silencioso e austero como a morte em sua altiva e fria majestade, enquanto no mais profundo de seu ser tudo gemia, trovejava, rugia, estalava em milhares de vozes impetuosas e inflamadas.

— Sim! Com um beijo de amor Te entrego! Com um beijo de amor Te entregamos ao opróbrio, à tortura, à morte. Com a voz do amor, chamamos os verdugos, ocultos em suas sombras, e levantamos a cruz para Ti!

Com a irresolução brutal da força armada, com a torpeza dos que executam uma ordem sem conhecer a finalidade exata de sua ação, os soldados apoderaram-se do Nazareno e O arrastaram. Os discípulos como carneiros assustados haviam-se reunido num rebanho extático, sem opor-se com violência àquele golpe de força que entorpecia todo mundo e os entorpecia a si próprios; poucos se atreviam a caminhar ou agir espontaneamente, sem aconselhar-se com os demais. Pedro, entre apertões, forcejava por tirar a espada da bainha; dir-se-ia que todas as forças fugiam; com um golpe pesado e canhestro, deixou-a cair sobre a cabeça de um dos servidores do templo. Contudo, não lhe causou nenhum dano. Jesus, que observava a cena, ordenou a Simão que atirasse a espada inútil; esta caiu ao solo e compreendia-se que havia perdido por completo todo o poder de ferir ou matar e que a ninguém interessava recolhê-la. Esqueceram-na e pisaram-na; uns meninos, após muito tempo, encontraram-na no mesmo jardim e a apanharam para brincar.

Os soldados dispersaram os discípulos, mas estes, sem ver, nem ouvir nada, reuniram-se de novo ao redor do grupo, cujo centro era Jesus. Persistiram nessa atitude equívoca até que se apoderou dos soldados uma ira incontida. Um deles dirigiu-se a João com as sobancelhas franzidas; outro, sacudindo bruscamente o ombro no qual assentara a mão de Tomé, encarou os olhos francos e transparentes do apóstolo, que tratava de persuadi-lo não se sabe de que. João fugiu. Tomé, Tiago e os demais abandonaram Jesus. Perdendo suas mantas, tropeçando nas pedras, levantando-se, correram para a montanha acossados pelo medo; e no silêncio da noite lunar, a terra tremia sob seus pés fugitivos.

Um desconhecido que, sem dúvida, acabava de deixar o leito, pois apenas o envolvia uma coberta, mesclou-se na agitada curiosidade dos soldados e dos seus asseclas. Mas, quando o quiseram segurar pela coberta, deu um grito de pavor e fugiu, deixando o pano nas mãos dos perseguidores. E correu nu, aos saltos desordenados, e seu corpo branco tornava-se estranho à claridade do luar.

Quando levaram Jesus, Pedro, que se havia ocultado por trás das árvores, saiu de seu esconderijo e seguiu o Mestre a distância. Diante dele surgiu um homem, que ia silencioso, e pensando que era João, chamou-o:

— És tu, João?

— És tu, Pedro? — respondeu o interrogado e Simão nessa voz reconheceu a do traidor. — Por que não fugiste com os outros?

O apóstolo parou e ordenou com asco:

— Afasta-te de mim, Satanás!

Judas pôs-se a rir e sem fazer caso do discípulo foi até aonde estavam brilhando os archotes fumegantes e onde o tinir das armas se misturava com o ruído rítmico dos passos. Pedro seguiu-o com precaução até a casa do Pontífice, em cujo pátio penetraram quase a um tempo, mesclando-se com os criados, que se esquentavam ao redor dos braseiros. Iscariotes, aproximando as mãos ossudas do fogo, ouviu Pedro dizer em voz alta:

— Eu não O conheço!

Insistiram, afirmando que ele era um dos discípulos de Jesus, ao que Pedro repetiu em tom mais forte:

— Não, não sei o que dizeis!

Sem se voltar, Judas sorriu e movendo a cabeça murmurou:

— Muito bem, Pedro. Não cedas a ninguém o teu lugar ao lado de Jesus!

O apóstolo, sem ser visto por Judas, saiu espantado do pátio, para não mais voltar. E, desde aquela noite até a morte de Jesus, Judas observou que nenhum dos discípulos voltara ao lado do Mestre. E, no meio da multidão, estavam os dois, inseparáveis até a morte, unidos pela dor: Aquele que fora levado ao opróbrio e à tortura e aquele que O entregara. Como dois irmãos, o traído e o traidor bebiam do mesmo cálice de amargura o líquido de fogo que queimava igualmente os lábios puros de um e os lábios impuros do outro.

Os olhos de Iscariotes fixaram-se na chama do braseiro e ele sentiu nas pupilas aquele ardor; estendia ao fogo as mãos secas e em meio de grotescas formas, que, ao resvalarem por seus braços e pernas, produziam a alternativa trêmula de sombras e luzes; Judas, com voz rouca, queixava-se:

— Como faz frio, meu Deus, que frio!

Em seguida, Judas ouviu uma explosão de gritos, de risos e de vozes sarcásticas, na qual transparecia o eco de uma maldade; açoitavam um corpo nu. Voltou-se e seus ossos como todo o corpo sentiram também uma dor aguda; estavam vergastando Jesus!

— Ah!

Viu os soldados levarem o Mestre ao corpo da guarda. A noite passava; as fogueiras extenuavam-se e cobriam-se de cinzas e os gritos surdos e os risos injuriosos continuavam a partir do jardim onde haviam recolhido o Nazareno.

Açoitavam-n'O. Iscariotes, enlouquecido, percorria o pátio deserto; súbito, interrompeu a marcha, ergueu a cabeça e começou a correr, tropeçando nos braseiros e nas pedras. Depois, apegou-se à parede do corpo da guarda, vasculhou com o seu olho trapaceiro as fendas da porta, procurando ver o que se passava no interior. Era uma peça estreita e úmida, suja como todos os corpos de guarda, com o chão e as paredes manchadas de escarros. Judas viu Aquele a quem açoitavam. Batiam-Lhe no rosto e na cabeça; lançavam-n'O de um canto a outro, como se fosse um fardo insensível; como não

gritasse nem resistisse, quem O observasse com atenção alguns minutos, não lhe pareceria um ser vivo, mas um boneco sem vida, sem ossos e sem sangue. Às vezes, o boneco dobrava-se e, quando tombava de cabeça no chão, não dava a idéia do baque de um corpo duro, mas de um contato brando e inofensivo. E, ao contemplar aquilo durante longo tempo, tinha-se a impressão de uma brincadeira estranha e prolongada; às vezes, a ilusão era completa. Após um golpe violento, o homem ou boneco desfalecia, descrevendo curva regular sobre os joelhos de um soldado, sentado num canto do cômodo; este, por sua vez, atirava o boneco que, girando, caía sobre os joelhos de outro soldado. Todos riam, ruidosamente, e Judas gesticulava como se poderosa mão de ferro lhe abrisse com força a boca.

A noite passava e os archotes consumiam-se em cinzas. O Iscariotes separou-se da parede e foi lentamente até um dos braseiros; viu alguns carvões acesos, amontoou-os e como ainda sentisse frio estendeu as mãos trêmulas. E murmurou com desespero:

— Ah! Isso é horrível! Que pena sinto! Meu filho, meu querido filho, que pena, que pena sinto de tudo isso!

Aproximou-se da janela, que brilhava como uma mancha amarela e tênue através de uma grade de varetas úmidas, e outra vez pôs-se a ver castigarem o Mestre. Ao acaso de uma queda, as feições desfiguradas e os cabelos desgrenhados de Jesus apareceram sob as vistas de Judas. Uma mão mergulhou naqueles cabelos e fez vacilar o Homem, esfregando seu rosto no assoalho cheio de escarros.

Em frente à janela, um soldado dormia e pela boca entreaberta viam-se os dentes alvos e brilhantes; uma espádua larga, finalizando por um pescoço desnudo, pôs-se diante das frestas e Judas nada mais viu. Subitamente, um silêncio dominou tudo.

— O que há? Por que se calam? Terão entendido?...

Num segundo, a cabeça de Judas povoou-se de rumores, de rugidos e de mil pensamentos furiosos. Teriam adivinhado? Teriam compreendido que tinham ali, diante deles, o melhor Homem da Terra? Era uma coisa evidente, tão fácil de prever! Que sucedia, agora, no corpo da guarda? Os soldados estariam porventura

ajoelhados diante de Jesus, chorando docemente e beijando-Lhe os pés? Jesus ia sair e os seus perseguidores se arrastariam submissos e com devoção? Viria Ele até Judas, triunfante, dono da verdade, herói de Deus?...

— Quem é que engana Judas? Quem é que tem razão?

Mas, não! O ruído tumultuoso recomeçava. Batiam novamente em Jesus. Não tinham compreendido, não tinham adivinhado; batiam-Lhe com mais força, com maior encarniçamento. Os braseiros consumiram-se, cobrindo-se de cinzas; e a fumaça desprendida era transparente e azul como o ar. Amanhecia.

— O que é o dia? — monologou Judas.

Tudo se inflamou, tudo brilhou como rejuvenescido e a fumaça não era azul, mas rósea. O sol surgia.

— O que é o sol? — perguntou Judas a si próprio. Apontavam Judas a dedo, com rancor e ódio: — Vede; ali está Judas, o traidor!

Era o início do infamante qualificativo que o devia perseguir para sempre. Os séculos passariam, os povos suceder-se-iam aos povos, mas as palavras pronunciadas com espanto e reprovação pelos bons e pelos maus continuarão ressoando sob o céu:

— Judas, o traidor! Judas, o traidor!...

Ele ouvia com indiferença tudo o que se dizia a seu respeito; uma curiosidade ardente e dominante devorava-o. Logo de manhã, quando levaram do corpo da guarda o Nazareno açoitado, o Iscariotes seguiu-O e algo estranho nele se dava, pois não sentia ansiedade, nem dor, nem alegria, mas um desejo atroz de ouvi-Lo e vê-Lo. Não dormira a noite toda e sentia os membros lassos. E, quando obstruíam a passagem, ele abria caminho com o cotovelo e surgia no primeiro plano, para não perder uma única palavra do interrogatório de Jesus por Caifás; escutava-o com uma mão ao ouvido e, de vez em quando, meneava a cabeça com aprovação e dizia:

— Muito bem! Muito bem! Ouves, Jesus?

Mas ele não era livre; era uma mosca atada a um cordel, que zumbia e revoava aqui e ali e, no entanto, não podia abandonar o fio que a prendia. Pensamentos tétricos como pedras esmagavam-lhe a nuca. Parecia ignorar o que eram esses pensamentos; não queria atendê-los, mas sentia-os sem tréguas. E, por vezes, punham-se a

machucá-lo com todo seu peso. Era como se a abobada rochosa de uma caverna fosse desabar lentamente sobre a sua cabeça. Levava a mão ao peito, esforçava-se por mover-se, como transido de frio e apressava-se em olhar para fora, sem poder fixar os olhos em nenhuma parte. Quando Jesus saiu da casa de Caifás, o Iscariotes, que se encontrava bem perto, cruzou Seu olhar cansado, e, sem se dar conta, saudou-O, movendo amigavelmente a cabeça, repetidas vezes.

— Estou aqui, meu filho, estou aqui! — murmurou precipitadamente e empurrou com força um homem, que atravancava o caminho.

Agora, a população alvoroçada dirigia-se para a casa de Pilatos, onde se celebrava o último interrogatório e o julgamento. Judas examinava com curiosidade insuportável o rosto dos populares, que acorriam de toda parte. Muitos eram desconhecidos do Iscariotes; nunca os tinha visto; mas percebia que muitos gritavam: “Hosana! Hosana!” à passagem de Jesus e o seu número aumentava a cada passo.

— É assim! É assim! — pensou Judas de repente e sentiu uma vertigem como se tivesse bebido vinho. — Tudo consumado. Esses vão gritar! “Que vão fazer de Jesus? Jesus é nosso. . . “ Eles compreenderam. Tudo consumado...

Mas os fiéis caminhavam indiferentes aos apupos. Uns fingiam sorrir, como se o caso não lhes interessasse; outros sussurravam num tom tímido e contido, não se sabe o quê; suas vozes débeis apagavam-se no rumor da chusma, entre as exclamações dos inimigos de Jesus. E Judas punha-se de novo lépido. Mas, de súbito, viu que Tomé se aproximava com precaução; após hesitar um instante, deu um passo para ele. À vista do traidor, Tomé teve medo e tentou esconder-se; entretanto, Judas alcançou-o num beco escuro, entre muralhas.

— Tomé, espera-me!

O apóstolo parou e, com as mãos ameaçadoras, pronunciou, solenemente:

— Afasta-te, Satanás!

Iscariotes esboçou um gesto de impaciência:

— Como és burro, Tomé! Julguei que fosses mais inteligente que os demais. Satanás! Satanás!... Seria preciso antes prová-lo!

Tomé deixou cair os braços e indagou com espanto:

— Não foste tu que entregaste o Mestre? Eu mesmo vi quando conduziste os soldados e mostraste Jesus. Se isso não é traição, então o que é traição?

— Outra coisa, outra coisa — respondeu Judas.

— Escuta, vós sois numerosos; é preciso que vos reunáis todos e griteis bem alto: “Entregai-nos Jesus! Ele é nosso!” Não ousarão negar-vos. Compreenderão que...

— Que dizes? — interrompeu Tomé, gesticulando. — Ignoras por acaso o número de soldados e servidores do templo que aqui estão? Demais, o julgamento ainda não teve início e nós não devemos entrar o curso da justiça. Todos acabarão reconhecendo a inocência de Jesus e O colocarão em liberdade.

— Acreditas? — interrogou Judas com um aspecto pensativo. — E se fosse verdade, Tomé? Que sucederia? Quem enganaria Judas?

— Discutimos durante a noite e chegamos à conclusão de que o tribunal não poderá condenar um inocente. E se condenar...

— Quê? — insistia Judas.

— . . . não será um tribunal. Os juízes serão severamente castigados no dia em que prestarem contas ante o Juiz Supremo...

— Ante o Juiz Supremo! Acreditas na existência do Juiz Supremo? — ironizou Iscariotes.

— E nós todos te maldiremos, mas já que negas a traição será necessário julgar-te. . .

Sem ouvir o fim, Judas deu meia-volta e pôs-se a correr pela ruela, a fim de alcançar a multidão que se afastava. Contudo, logo diminuiu o passo, observando que os populares caminhavam lentamente.

Quando Pilatos fez sair Jesus de seu Palácio e O colocou diante da multidão, Judas estava encostado a uma coluna; as costas maciças dos soldados pareciam fixá-lo; torcia raivosamente o pescoço e procurava ver entre dois capacetes reluzentes o que acontecia. Súbito, sentiu que tudo acabara. Sob o sol, muito mais alto do que as cabeças da multidão, viu Jesus, pálido e

ensangüentado, tendo na frente uma coroa de espinhos, cujas pontas penetravam na carne. Estava de pé, ao lado de uma elevação; surgia por inteiro, desde a cabeça serena até os pés pequenos e crestados. Esperava com calma. Mostrava-se tão radiante em sua pureza e inocência que só um cego não O veria, só um louco não O compreenderia. E a multidão silenciava; o silêncio era absoluto e Judas ouvia a respiração do soldado que estava na sua frente; a cada respiração rangia uma correia do uniforme.

— Sim, tudo acabou! Eles vão compreender — pensava Judas; e logo, algo estranho, algo que se parecia com a sensação fulminante que se experimenta ao cair a pedra de uma montanha elevada, num abismo profundo, fez cessar as batidas do coração de Iscariotes.

Os lábios de Pilatos, com um trejeito desdenhoso, dirigiram algumas palavras secas e curtas à multidão como quem atira um osso a um cachorro esfaimado, a fim de enganar-lhe a sua sede de sangue fresco, sua fome de carne viva.

— Vós me trouxestes este homem, dizendo que incita o povo à rebelião e eis que aqui o interroguei diante de todos e não o achei culpado do crime que vós lhe imputastes.

Judas cerrou os olhos. Esperou.

A multidão pôs-se a clamar, a rugir; ressoaram infinitas vozes bestiais:

— À morte! Crucificai-o! Crucificai-o!

E, como se ela própria se repreendesse e quisesse alimentar-se com a sua vergonha e demência, a multidão continuava vociferando com suas milhares de vozes inumanas:

— Entregai-nos Barrabás!¹ Crucificai o Nazareno!... Crucificai-o!

Pilatos não pronunciava nenhuma palavra decisiva; em seu rosto altaneiro, desenhavam-se traços de repugnância e de ira.

— Ele compreende! Ele compreende! Fala baixinho aos seus servidores, mas o rugido da multidão absorve o eco de sua voz. Que diz? Dá- lhes ordens de desembainhar as espadas e atacar aqueles insensatos? — monologava Judas.

— Trazei-me água.

— Água? Que água? Por quê?

Pilatos lava as mãos. Por que lavará ele as mãos limpas, brancas e cintilantes de anéis? Levanta- as e com uma irritação contida grita

à chusma congregada que se cala e se assombra:

— Sou inocente do sangue desse justo. Isso é convosco!

A água goteja de seus dedos e cai sobre as lajes; de súbito, algo brando surge aos pés de Pilatos; uns lábios delgados e ardorosos beijam-lhe a mão que se esquiva; esses lábios colam-se aos dedos como tentáculos, que chupam sangue, e, em vez de beijar, parece que mordem. O governador olha cheio de repugnância e espanto e vê um corpo que se contorce, uma cabeça desigual e dois olhos imensos, estranhamente diferentes; dir-se-ia não ser um ente humano que se agarra aos seus pés e às suas mãos, mas uma multidão. Pilatos ouve:

— Tu és sábio... Tu és nobre! Tu és sábio... sábio...

E é tão verdadeiramente satânica a alegria que flameja no rosto de Iscariotes, que o outro o repele com o pé, num grito. Judas cai de costas: jaz no solo como um demônio vencido; estende a mão a Pilatos, que se distancia; e o traidor murmura com voz de misterioso acento:

— Tu és sábio! Tu és sábio! Tu és sábio!

Logo depois, levanta-se ligeiramente e afasta-se entre os risos dos soldados.

— Porque nem tudo acabou. Quando virem a cruz, os pregos, talvez compreendam e então... Então?...

Judas vê Tomé passear lívido e convulso, move a cabeça para tranqüilizá-lo e segue com Jesus o caminho do suplício. A marcha é penosa, os seixos rolam sob os pés de Iscariotes e ele sente que está cansado. Não se preocupa senão com uma coisa: não sofrer nada no caminho; olha vagamente para um lado e para outro; entrevê Maria Madalena, que chora, e com ela outras mulheres soluçam; cabelos em desordem, olhos vermelhos, a boca entreaberta, entregam-se à infinita tristeza que a terna alma feminina sente em face do crime infamante. Judas anima-se e aproveita um momento para acercar-se de Jesus:

— Eu estou contigo... — sussurra.

Os soldados afastam-no com um pau; abaixa-se para não ser atingido, mostra os dentes, e, inclinando-se para Jesus, acrescenta:

— Eu vou contigo... Entendes?

Enxuga o sangue que escorre do rosto de Jesus e ameaça com o punho um soldado, que se vira para mostrá-lo aos demais. Procura Tomé sem saber ao certo por que, mas não o encontra no cortejo e a nenhum dos apóstolos. O Iscariotes sente cansaço; caminha lentamente, olhando os pedregulhos, pontudos e brancos, que rolam sob seus pés.

... Tomaram o martelo para cravar no madeiro a mão esquerda de Jesus. Judas fechou os olhos e permaneceu como um morto sem ver e sem respirar; somente ouvia. Mas, o ferro rangeu contra o ferro; pancadas curtas e surdas sucederam-se; ouvia-se o cravo penetrar na madeira, cujas fibras afastava...

Uma das mãos estava pregada. Ainda não era tarde.

Pregaram a outra. Ainda não era tarde.

Em seguida, um pé; depois, o outro. Acabou tudo, por fim? Judas abre os olhos, vacilante, e vê a cruz, que se ergue e que se planta num buraco. Vê os braços de Jesus contraírem-se dolorosamente; vê crescerem as suas chagas; os braços alongam-se; fazem-se delgados e brancos; desarticulam-se nas espáduas; sob os pregos, as feridas enrijam-se; os braços abrem-se, não se desprendem... não param. Tudo se imobiliza. Só os flancos se movem agitados por uma respiração curta e ofegante.

A cruz surgiu da obscuridade da terra e nela Jesus está martirizado. Judas aproxima-se inconscientemente, levanta-se e olha com frieza ao seu redor. Olha como um vencedor bárbaro, cujo coração decidiu arrasar tudo à sua frente, e que abraça, num supremo olhar, a cidade estranha e rica, ainda viva, rumorosa, mas sobre a qual se estende a mão gelada da morte. Entretanto, ainda não se convenceu do seu triunfo. E se compreendessem? Mas, ainda era tempo, Jesus vivia e havia em Seus olhos um olhar suplicante e doloroso...

Aquela sutil névoa, que empanava os olhos de todos, essa névoa tão fina, que parecia não existir, quem poderia impedi-la de rasgar-se? E se o povo compreendesse de repente? Se de improviso uma massa enorme, homens, mulheres e crianças, avançasse, varresse os soldados, os afogasse no sangue, arrancando a cruz maldita? Se as mãos dos que ali estavam elevassem ao alto, por cima das nuvens, Jesus libertado? Hosana! Hosana!

Hosana? Não, Judas fará melhor em deitar-se ao solo. Não; fará melhor em colar-se à terra e, rangendo os dentes como um cachorro, esperar que os outros o levistem? Mas, que aconteceu ao tempo? Ora detém-se e sente, então, desejos de enxotá-lo a pontapés ou a chicotadas como a um asno preguiçoso; ora precipita-se do alto de uma montanha e os instantes que se oferecem cortam a respiração e as mãos procuram inutilmente um apoio. Maria Madalena chora. A mãe de Jesus soluça. Que importa! Suas lágrimas, as lágrimas de todas as mães, as lágrimas de todas as mulheres do mundo terão importância neste momento?

— Que são as lágrimas? — pergunta intimamente Judas. Desejaria empurrar o tempo que insiste em avançar.

Desejaria pegá-lo, apunhalá-lo, injuriá-lo como a um escravo. Mas, o tempo é dos outros. E nega-se em obedecer-lhe! Ah! se fosse de Judas! Todavia, pertence a essas pessoas que choram, que riem, que mofam como se estivessem na praça do mercado. O tempo pertence ao sol, pertence à cruz e ao coração de Jesus, que fenece lentamente.

O coração de Judas é estúpido! Aperta-o com a mão e, ainda, comprimido, grita: Hosana! Judas encolhe-se no chão e continua gritando: Hosana!

Hosana! — como um sacrílego, que revele ao público os sagrados mistérios.

— Cala-te! Cala-te! — geme ele.

De repente, ressoam prantos e soluços, lamentos; a multidão precipita-se até a cruz. Que há? Terão compreendido?

Não. Jesus morre. Em verdade, isto é certo. Sim, Jesus morre. Suas pernas, seu peito e seu semblante tremem; mas as mãos pálidas estão imóveis. Isso será possível? Sim, morre. A respiração cessa. Detém-se. Não, um suspiro. Ele está na terra. Está ou não. Não. Não. Não. Jesus morreu.

Tudo está consumado. Hosana! Hosana!

Os sonhos monstruosos de Iscariotes realizam-se. Obteve a vitória e ninguém a arrebatará. Tudo está consumado. Que os povos, que todos os povos da Terra se reúnam no Gólgota, que milhões de bocas clamem: Hosana! Hosana! Que se derrame ao pé

do Calvário uni mar de sangue e lágrimas, que importa! Não encontram mais do que a cruz infame e Jesus morto.

Judas impassível examina o cadáver; seu olhar fixa-se por instantes na face, onde ontem colocou um beijo de despedida. Depois, levanta-se lentamente. O tempo pertence-lhe e Judas caminha sem se apressar. Também toda a Terra lhe pertence e anda com firmeza, como um soberano, como um homem que se encontra só e feliz no mundo. Vê a mãe de Jesus e diz-lhe com rudeza:

— Choras, não? Chora, chora. As mães de toda a Terra unirão suas lágrimas com as tuas... até o dia em que voltarmos, Jesus e eu, para aniquilar a morte!

Está louco o traidor ou está zombando de todos? Ele tem o aspecto grave e severo e seus olhos parecem tranqüilos. Pára e contempla friamente a Terra, tão nova e pequena. Ele a sente sob os pés. Lançou um olhar aos céus, que abrem a sua cúpula azulada; olha o sol oval que se esforça em vão por queimá-la e cegá-la, e sente sob os pés o céu e o sol. Só e alegre, experimenta quão impotentes são contra ele todas as forças que operam no mundo.

E segue com o mesmo passo calmo e regular. O tempo é dócil e submisso e acompanha o traidor, passo a passo, com todo o seu insensível e enorme fardo, sem se apressar e sem se retardar.

Tudo está consumado.

Tossindo, saudando sem cessar, sorrindo a todos com ar astuto, Judas Iscariotes, o traidor, apresentou-se ao sinédrio. Era por volta das doze horas, no dia seguinte ao da crucificação de Jesus. Os juízes e os carrascos do Nazareno estavam reunidos; o velho Anás e seus filhos, imagens fiéis e repugnantes do pai, e seu genro Caifás, que a ambição consumia, e todos os demais membros do sinédrio, cujos nomes roubaram à memória humana; ricos e eminentes senhores, orgulhosos de seu poder e engrandecidos da sua ciência.

Receberam o traidor em silêncio e, como se não tivesse entrado ninguém, os seus rostos altaneiros não esboçaram a menor mudança. Até o mais insignificante, ignorado e inadvertido dos demais, ergueu a cabeça de pássaro e fixou o vácuo como se nada houvesse acontecido. Judas saudou-os repetidas vezes e eles

continuaram calados; parecia que não fora um ser que havia entrado e sim um inseto impuro, que rastejava diante deles. Judas Iscariotes não era homem para se perturbar e ao vê-los silenciosos continuou saudando, saudando e disposto a saudar até o anoitecer se fosse necessário. Por fim, Caifás, impaciente, perguntou:

— Que desejas?

Judas inclinou-se mais uma vez e respondeu com modéstia:

— Sou aquele que vos entregou Jesus de Nazaré.

— E então? Recebeste a tua paga. Vai-te embora

— ordenou Caifás.

Como se não ouvisse, Judas continuou saudando. E Caifás, mostrando-o com o olhar a Anás, perguntou-lhe:

— Quanto lhe deram?

— Trinta moedas de prata.

Caifás sorriu. Anás sorriu também e por todos os semblantes perpassou uma onda de alegres sorrisos; o que tinha a cabeça de pássaro pôs-se a rir. Judas, pálido, começou a falar:

— Sim, sim, é muito pouco; mas Judas não está desconhecido; Judas não se queixa de ter sido despojado. Está satisfeito. Não serviu à causa sagrada? Sim, à causa sagrada. E os mais sábios não ouvem agora Judas e não dizem: Judas Iscariotes é dos nossos! Judas Iscariotes é nosso irmão, Judas, o traidor, é nosso irmão e nosso amigo? Anás não tem vontade de ajoelhar-se e beijar a mão de Judas? Mas Judas não lhe permitirá, porque Judas é covarde e tem medo de ser mordido.

Caifás disse:

— Enxotai este cão. Que está ele ladrando?

— Vai-te daqui. Não temos tempo para ouvir as tuas mentiras — declarou Anás com indiferença. Judas levantou-se e fechou os olhos. O papel de embusteiro e dissimulador, que desempenhara com tanta facilidade durante toda a vida, tornara-se-lhe, de súbito, um fardo insuportável; com um movimento das pálpebras, relegou-o. Quando de novo olhou Anás, seu olhar era limpo, franco e terrível. Mas os presentes não notaram tal particularidade.

— Queres que te expulsem com pancadas? — gritou Caifás.

Sufocado sob o peso de terríveis pensamentos, cada vez mais se esforçava em elevar-se e do alto arrojá-los. Iscariotes replicou com

voz rouca:

— Sabeis... dizei, sabeis bem quem era Aquele que condenastes e crucificastes ontem?

— Sabemos. Vai-te embora!

Com uma única palavra, ia rasgar o sutil véu que lhes cobria os olhos e a terra tremeria sob o peso da implacável verdade. Eles tinham uma alma e Judas faria que eles a perdessem; tinham vida e ia arrebatá-la. Viam a luz e iria mergulhá-los nas trevas. Hosana! Hosana!

Eis as terríveis palavras, que se despregaram de seus lábios:

— Não era impostor. Era inocente e puro. Ouvistes? Judas vos enganou e vos entregou um inocente!

Esperou. E ouviu a voz impassível de Anás, que retorquia:

— Era tudo isso que tinhas a nos dizer?

— Creio que não me compreendestes — insistiu Judas, empalidecendo. — Judas vos enganou. Jesus era inocente. Matastes um inocente! Aquele, que tinha a cabeça de pássaro, pôs-se a rir; mas Anás permaneceu glacial; enxugou o rosto e bocejou; Caifás também bocejou e disse com voz cansada:

— E se atrevem a falar da inteligência de Judas! É um imbecil! É um imbecil insuportável!

— Como! — exclamou Judas, tomado de um sombrio furor. — Mas quem sois vós, vós, os inteligentes? Pois bem, Judas vos enganou. Não foi Jesus que ele traiu, mas vós, sábios, vós, poderosos, é que ele entregou para sempre à morte infame, à morte eterna. Trinta dinheiros! Sim! Esse é o preço de vosso sangue, de vosso sangue impuro como a água que as mulheres despejam fora de casa, no portal da rua.

Ah! Sumo sacerdote, velho Anás insensato, tão orgulhoso da vossa ciência, por que não destes uma moeda de prata, um óbolo a mais? Esse é o preço pelo qual sereis taxado por toda a eternidade!

— Fora daqui! — rugiu Caifás, rubro de cólera. Com um gesto, Anás deteve-o e com a mesma indiferença perguntou a Judas:

— É tudo?

— Se eu fosse para o deserto e gritasse aos animais: “Sabeis por que preço os homens avaliaram o seu Salvador?” Que fariam? Sairiam de suas tocas e rugiriam de raiva; esqueceriam o seu temor

dos homens e viriam devorar-vos! Se dissesse ao mar: “Mar, sabes por que preço os homens avaliaram o seu Deus?” Se eu dissesse às montanhas: “Sabeis por que preço avaliaram o seu Mestre? O mar e as montanhas abandonariam seus lugares, que ocupam desde o começo do mundo, e rolariam até aqui para se abater sobre vossas cabeças!.. .

— Judas quer fazer-se de profeta! Ele fala alto — observou em tom sarcástico o que tinha a cabeça de pássaro; e lançou um olhar obsequioso a Caifás.

— . . . hoje, vi o sol lívido — continuou Judas. — O sol olhava a Terra com assombro e perguntava: “Onde está o Homem?” Hoje, vi o escorpião, que pousava numa pedra ia, dizendo: “Onde está o Homem?” Eu não O vejo, dize-me onde está? Judas Iscariotes estará cego? E ele pôs-se a chorar ruidosamente. Naquele instante, parecia um louco; Caifás desviou-se dele desdenhosamente; Anás refletiu um instante e declarou:

— Creio que realmente paguei pouco e isso te aborrece. Aqui tens mais dinheiro; toma-o e dá-o aos teus filhos.

Deixou cair algo, que tilintou. Ainda não se havia extinguido esse som, e outro semelhante o prolongava: era Judas que lançava, aos punhados, óbolos e moedas de prata na cara do pontífice e dos juízes. Devolvia o preço da traição. As moedas voavam obliquamente como uma saraivada. Caíram nos rostos, na mesa, rodaram pelo solo. Alguns dos juízes protegeram o rosto com as mãos; outros, com gritos e injúrias, abandonaram o local; Judas, visando o sumo sacerdote, atirou a última moeda que sua mão demoradamente procurou na bolsa. Depois de cuspir no chão, saiu.

— É assim! É assim! — murmurou, enquanto corria pelas ruelas, assustando as crianças. — Parece que choraste, Judas? Caifás teria razão ao afirmar que és um tolo? Aquele, que chora, no dia da suprema vingança, é indigno dela, sabes? Não permitas que o teu coração minta; não permitas aos teus olhos que te enganem, não regues com lágrimas o fogo, Judas Iscariotes!

Os discípulos estavam sentados, reunidos num melancólico silêncio e prestavam atenção aos ruídos externos. Temiam que a vingança dos inimigos de Jesus os atingisse; esperavam todos a irrupção dos soldados; talvez houvesse novos suplícios. Mateus e

Maria estavam sentados ambos ao lado de João e o consolavam em voz baixa; a morte do Mestre havia atingido em particular o discípulo predileto. Maria, os olhos lacrimejantes, acariciava com doçura os cabelos ondulados e suaves de João; Mateus pronunciava palavras de Salomão com voz grave:

— “Aquele que é lento na cólera vale mais do que um herói; e aquele que é senhor de si é mais forte do que o que toma cidades.”

Neste momento, Judas Iscariotes entrou, batendo a porta. Todos se entreolharam sem saber quem chegava; quando viram as feições odiosas e a cabeça ruiva e disforme do judeu, prorromperam em invectivas e gritos. Pedro levantou as mãos e exclamou:

— Vai-te daqui, traidor! Vai-te, ou te mato!

Mas ao analisarem melhor as feições e os olhos de Judas, silenciaram e logo murmuraram com timidez:

— Deixai-o, deixai-o. Está possuído do demônio. No silêncio geral, Judas disse em voz alta:

— Alegrai-vos, pupilas de Judas Iscariotes. Acabais de ver antes os impassíveis assassinos e agora os covardes traidores. Onde está Jesus? Pergunto-vos, onde está Jesus?

Algo de autoritário dominava a voz do Iscariotes e Tomé respondeu com submissão:

— Bem sabes, Judas, que nosso Mestre foi crucificado, ontem, à tarde.

— E permitistes? Onde estava o vosso amor? E tu, o discípulo predileto, e tu, a pedra, onde estáveis, quando o vosso Amigo foi crucificado no madeiro?

— Que poderíamos fazer? Julga-o tu mesmo — replicou Tomé, com um gesto de desânimo.

— Ah! E és tu quem me perguntas?

Judas Iscariotes inclinou a cabeça e logo desatou em anátemas:

— Quando se ama, não se pergunta o que se deve fazer. Vai-se e age-se. Chora-se, morde-se, afoga-se o inimigo, quebram-se-lhe os ossos. Quando se ama! Se teu filho se afoga, tu vais à cidade dizer aos transeuntes: “Meu filho se afoga, que devo fazer?” Não te lanças na água? Não te afogas com teu filho? Quando se ama!... Pedro respondeu em tom sombrio às palavras furiosas de Judas:

— Saquei da espada e Ele mesmo mandou que eu a embainhasse.

— E obedeceste?! — exclamou irônico Iscariotes.

— Pedro, Pedro, como podias obedecer? Ele não conhecia nada dos homens e da luta!

— Aquele que Lhe desobedecer irá para o fogo do inferno.

— Por que não foste, Pedro? Por que não foste? Que é o fogo? Que importava, se tivesses ido? De que vale possuir uma alma, se não podes arrojá-la ao fogo, quando o desejas?

— Cala-te! — exclamou João, levantando-se. — Ele próprio quis sacrificar-se. Ele previa tudo o que estava escrito. E esse sacrifício é sublime.

— Existem sacrifícios sublimes? Que dizes, discípulo predileto? Quando existe uma vítima, existem, também, verdugos e traidores. O sacrifício é sofrimento para um só e vergonha para os demais. Traidores, traidores, que fazeis na Terra? Agora, olham-na em todos os sentidos e riem e clamam: “Vejam essa Terra na qual crucificaram Jesus!”

— Tomou sobre Ele todos os pecados do mundo. Assim o quis. Seu sacrifício é sublime — acrescentou João.

— Não; sois vós, os discípulos prediletos, os responsáveis pelos pecados do mundo. Que fazeis na Terra, cegos? Quereis conduzi-la à perdição; mais tarde beijareis a cruz na qual crucificaram Jesus. Sim, sim, beijareis a cruz; Judas prediz.

— Chega de ultrajes, Iscariotes! — rugiu Pedro, cheio de rancor. — Como poderíamos matar todos os inimigos de Jesus?

— Tu também, Pedro! — exclamou João com ira.

— Não vês que ele está possuído de Satanás? E dirigindo-se a Judas: — Afasta-te! És um odre de mentiras. O Mestre não nos ordenou que matássemos.

— Mas proibiu-vos de morrer? Por que viveis, quando Ele está morto? Por que vossos pés se movem, por que vossos olhos piscam, quando Ele está morto, imóvel, mudo? Como te atreves a gritar, Pedro, quando Ele silencia? Perguntai a Judas o que era preciso fazer? E Judas, o formoso, o valente Judas Iscariotes vos responde: Morrer! Devíeis lançar-vos no caminho e arrojá-los sobre os soldados, tomando-lhes as espadas e afogando-os no mar

do vosso sangue! Devíeis morrer, morrer! E vosso próprio Pai lançaria um clamor de espanto, vendo-vos chegar todos juntos à mansão celeste!

Judas calou-se, observou os restos da comida sobre a mesa. Surpreendido, examinou os pratos com curiosidade, como se visse os alimentos pela primeira vez em sua vida e perguntou, lentamente:

— Como! Tereis comido? Tereis dormido?

— Comemos — respondeu Pedro, baixando a cabeça. (Sentia que Judas tinha o direito de mandar.) — Dormimos e comemos.

Tomé disse com voz resoluta e firme:

— Judas, pedes coisas impossíveis; reflete: se morrêssemos todos, quem falaria de Jesus? Quem levaria aos homens o seu Evangelho, se todos morrêssemos, Pedro, João e eu?

— E que é a verdade nos lábios dos traidores? Não se converte em mentiras? Tu não compreendes, Tomé, que és agora a tumba da verdade morta? E quando o guardião dorme, chega o ladrão e leva a verdade. Dize-me onde está ela?

Todos se calaram.

— Eu vou até Ele — disse Judas, agitando a mão.

— Quem acompanha Iscariotes até Jesus?

— Eu! Eu acompanhar-te-ei! — exclamou Pedro, levantando-se. João e os demais discípulos detiveram-no, dizendo:

— Insensato! Esqueces que foi ele quem entregou o Mestre nas mãos do inimigo?

Pedro bateu com a mão no peito e chorou amargamente:

— Aonde irei, então, Senhor, aonde irei?

Judas, nos seus passeios solitários, de há muito havia escolhido o lugar para matar-se, após a crucificação de Jesus. Era na montanha, bem acima de Jerusalém; ali havia uma única árvore, seca e atormentada pelo vento. Um de seus galhos esturricados dirigia-se para a cidade santa, como para abraçá-la ou maldizê-la e aquele galho foi o escolhido de Judas para atar a corda. Para chegar à árvore, porém, o caminho era longo e penoso e Iscariotes estava muito cansado. Os mesmos seixos, que o haviam castigado no dia da crucificação, resvalavam sob os pés e queriam deter-lhe os passos. A colina era alta, abrupta e batida pela ventania. Judas

sentava-se constantemente para recobrar alento: respirava com dificuldade; e, pelas frestas das rochas, a montanha atirava sobre ele o seu sopro gelado.

— Tu, também! — exclamou com desprezo.

E movia a pesada cabeça, onde todos os pensamentos se haviam petrificado; depois, levantava-a, revirava seu olho morto e murmurava com fúria:

— São demasiado injustos para com Judas. Ouves, Jesus? Crês, agora? Vou para Ti. Acolhe-me bem, estou cansado. Estou muito cansado e voltaremos à Terra abraçados como dois irmãos.

Desejas?

Inclinava a cabeça e abria os olhos, murmurando, no delírio:

— Mas lá, nas Alturas, quem sabe, também te irritarás contra Iscariotes. Talvez, não o creias. E me enviarás ao inferno. Não importa, irei ao inferno. E no fogo do teu inferno forjarei o ferro e destruirei o teu céu. Desejas? Acreditarás, então? Voltarás comigo à Terra, Jesus?

Judas atingiu o cume da montanha, ao pé da árvore retorcida. O vento começou a torturá-lo. Mas, injuriado pelo Iscariotes, começou a cantar docemente; o vento dizia adeus, antes de Judas partir para a distância misteriosa.

— Está bem, está bem. . . Seus discípulos são... uns... — monologou Judas, preparando o nó.

E como a corda pudesse enganá-lo, atou-a de maneira que, rompendo-se, ele se espatifaria no precipício. E antes de arrojarse no nada, Judas Iscariotes preveniu mais uma vez Jesus:

— Dá-me boa acolhida, Jesus; estou cansado.

E saltou. A corda esticou, mas não cedeu; o pescoço de Judas alongou-se; suas pernas e seus braços caíram como cordas frouxas. Morrera. Assim, no espaço de dois dias, Jesus de Nazaré e Judas Iscariotes, o traidor, deixaram a Terra, um após o outro.

Durante toda a noite, o corpo balançou no alto de Jerusalém, como um fruto monstruoso; e o vento virava-lhe a cara, ora para a cidade, ora para o deserto, como se quisesse mostrar a Judas, alternadamente, o lugar santo e o lugar desolado. Sem dúvida, qualquer que fosse o lado para onde o rosto virasse, deformado

pela morte, os olhos injetados de sangue, idênticos agora, olhavam invariavelmente para o céu.

Na manhã seguinte, um caminhante viu nas alturas o cadáver de Judas, suspenso sobre a cidade, e lançou gritos de horror. As pessoas acorreram, desataram o enforcado e, ao saberem o seu nome, lançaram-no ao abismo, onde apodreciam gatos, cavalos e cachorros.

Na mesma tarde, todos os crentes sabiam do trágico fim do traidor e no dia seguinte toda Jerusalém.

Inteiraram-se do acontecido a pedregosa Judeia e a verde Galiléia; e, de um mar a outro, propagou-se a notícia da morte do traidor.

Caminhava no mesmo passo que o tempo, nem mais depressa e nem mais devagar. E, como o tempo não tem fim, jamais se deixará de falar da traição de Judas e de sua horrível morte.

E todos, os bons e os maus, maldizem sua memória infame, e entre os povos, que foram e que serão, permanecerá, eternamente, em seu destino cruel, Judas Iscariotes, o traidor.

Era uma vez

Lourenço Petrovich Koscheverov, comerciante abastado e sem família, chegou a Moscou para consultar os médicos. Sua doença apresentava certo interesse científico e foi admitido na clínica universitária. Deixou a maleta e a peliça na portaria. Na sala dos enfermos, trocaram-lhe a roupa branca por outra limpa e com etiqueta: “sala número 8”, e uns chinelos. A camisa era pequena e a assistente foi buscar outra.

— O senhor é grande demais! — comentou ela, ao sair do banheiro, onde os doentes mudavam a roupa.

Lourenço Petrovich, seminu, esperou com paciência o retorno da assistente. Baixando a cabeça meio calva, examinou minuciosamente o peito, ofegante, como o de uma velha, e o ventre, um pouco inchado, que descia até os joelhos. Todos os sábados, tomava um banho e examinava o corpo: mas, agora, sentia-se outro, fraco e adoentado apesar de seu vigor aparente. A partir do instante em que lhe tiraram a roupa, chegou a crer que já não se pertencia e estava disposto a fazer tudo o que lhe mandassem.

A assistente voltou, trazendo a camisa; apesar de Lourenço Petrovich ter forças suficientes para esmagar a boa mulherzinha com um dedo, permitiu passivamente que o vestisse, e passou molemente a cabeça pela camisa. Com a mesma obediência, esperou que ela abotoasse a camisa ao redor do pescoço; depois, seguiu-a até uma sala. Andava lentamente com os seus pés de osso, como andam os meninos, quando os adultos os conduzem para um lugar desconhecido ou para castigá-los. A nova camisa era ainda bastante estreita e o incomodava, mas não adiantaria nada falar com a assistente, embora, em sua casa de Saratov, dezenas de homens tremessem diante de seu olhar.

— Esta é a sua cama — disse-lhe a mulher, indicando uma cama limpa e alta, ao lado da qual havia uma pequena mesa.

Era, apenas, uma salinha, mas nem por isso deixou de lhe agradar aquele lugar, apesar de se sentir tão esgotado. Apressadamente, assim como quem se livra de alguém, tirou a camisa, os chinelos e deitou-se. A partir daquele momento, tudo o que lhe irritara ou atormentara, mesmo na parte material, perdera o

significado e a importância. Como um relâmpago, o passado cruzou-lhe a mente: a doença traiçoeira que, dia a dia, lhe minava o corpo e lhe devorava as forças; a solidão em meio de pessoas egoístas e ávidas; a atmosfera de mentira, de ódio e de terror; a sua fuga para Moscou. Em seguida, sentiu-se aliviado, não deixando em sua alma senão uma dor emudecida. E, sem pensamentos, Lourenço Petrovich adormeceu com um sono pesado e profundo. A última coisa que viu antes de adormecer foi um raio de sol na parede. Depois, o esquecimento profundo e absoluto.

No dia seguinte, colocaram à cabeceira de sua cama uma placa negra com a seguinte inscrição: “Lourenço Petrovich Koscheverov, comerciante,

52 anos, admitido a 25 de fevereiro.” Placas idênticas estavam em todas as camas dos doentes da mesma sala. Numa delas, lia-se: “Filipe Speransky, organista, 50 anos.” Na outra: “Constantino Torbetsky, estudante, vinte anos.” Sobre elas, destacavam-se nitidamente as belas inscrições feitas a giz lembrando aquelas que se fazem nas tumbas: aqui, nesta terra úmida e gelada, jaz um homem.. .

No mesmo dia pesaram Lourenço Petrovich. Pesava 102 quilos.

— O senhor é o homem mais pesado de todas as clínicas — disse o praticante.

Era uma espécie de assistente do médico, sem, contudo, ter recebido nenhuma instrução universitária. Esperou que Lourenço Petrovich correspondesse com um sorriso como faziam os demais doentes, quando o médico lhes dirigia algum gracejo. Mas aquele estava visivelmente de mau humor. Olhava o chão e os lábios pareciam colados. Isto foi uma desagradável surpresa para o praticante, que acreditava ser um grande fisionomista, e o novo enfermo, devido à sua calvície, fora classificado como homem de bom humor. Enganara-se... Ivan Ivanovich, eis o nome do praticante, naturalmente mais tarde pediria um autógrafa ao novo paciente para melhor lhe julgar o caráter. Depois de o pesarem, os médicos examinaram-no pela primeira vez. Trajavam longos aventais brancos, que lhes davam atitudes de importância e severidade. A partir daquele dia, examinavam-no diariamente uma ou duas vezes, a sós, ou acompanhados pelos estudantes. Ao

aproximarem-se, tiravam-lhe a camisa e, sempre docemente, encostavam-se ao leito. Auscultavam-lhe o peito por intermédio de um martelozinho e um aparelho especial, permutando observações ou indicando aos estudantes esta ou aquela particularidade. Perguntavam-lhe sempre sobre sua vida passada e ele respondia, passivamente, por mais que se aborrecesse com as perguntas. Das suas respostas, compreendia-se que comia muito, bebia muito e gostava muito de noitadas e trabalhava muito. A cada uma dessas afirmações, ele próprio se assombrava e perguntava como podia ter levado uma vida tão anti-higiênica e irracional.

Os estudantes também o auscultavam. Vinham com freqüência no impedimento dos médicos e pediam que tirasse a camisa, uns com autoridade, outros com timidez. Algumas vezes, examinavam-no com certo interesse. Graves e sérios, escreviam todos os detalhes da sua doença num caderno ou num papel. Era como se ele já não se pertencesse e que durante o dia inteiro seu corpo fosse acessível a todos. Obedecendo aos assistentes, ia até o banheiro, depois, levavam-no a um salão onde, ao redor de uma mesa, alguns doentes, que podiam caminhar, tomavam chá.

Apalpava-se, examinava-se por todos os lados como nunca fizera antes e apesar de tudo isto, durante o dia, sentia-se intensamente solitário. Parecia que estava de viagem, que todos ali eram passageiros como num vagão de trem. As paredes brancas, sem uma mancha, o teto alto, não eram como os de uma casa residencial, onde as pessoas vivem muito tempo. O soalho era demasiadamente limpo e lustroso, o mesmo acontecia com o ar, regulado, e não se sentiam os cheiros característicos de uma casa particular. Dir-se-ia que o ar era diferente. Os médicos e os estudantes eram amáveis, corteses. Brincavam, dando-lhe familiarmente pancadinhas no ombro, procurando consolá-lo; mas assim que saíam, tinha a impressão de que eram empregados de uma estrada de ferro e estava num trem que o conduziria para um destino ignorado. Havia transportado milhões de homens e continuava transportando-os diariamente, e todas as conversações e perguntas não se referiam mais do que aos bilhetes do trem.

Quanto mais se interessavam pelo seu corpo, mais solitário se tornava.

— Quais os dias que se admitem visitas aqui? — perguntou, mais tarde, à assistente, sem olhá-la.

— Aos domingos e quintas-feiras. Mas o doutor pode autorizá-las também em outros dias.

— E o que se pode fazer para proibir a entrada de pessoas que pretendam ver-me?

A assistente, surpresa, respondeu que seria possível, e ele mostrou-se satisfeito. Esteve o dia inteiro de bom humor, e ainda sem falar, ouvindo atentamente a conversa alegre e interminável do cantor adoentado.

O organista viera do distrito de Tambov um dia antes de Lourenço Petrovich, mas já se comunicara com os demais pensionistas das cinco salas existentes naquele andar. Era pequeno, delgado; quando tirava a camisa, viam-se, claramente, suas costelas; seu corpo, branco e limpo, parecia com o de um menino de dez anos. Tinha cabelos compridos, espessos, de uma coloração grisalha, formando um arco demasiado grande para o tamanho de seu rosto pequeno, de traços regulares e singelos. Ivan Ivanovich, praticante do hospital, ao notar-lhe certa semelhança com os ícones², classificou-o, a princípio, entre os severos e intolerantes; após a primeira conversa, mudou de opinião, constatando que sua ciência fisionômica tinha falhado novamente.

O padre organista, como era chamado, falava com prazer, sem ocultar nada de sua pessoa, de sua família ou de seus conhecimentos; formulava perguntas sobre os mesmos assuntos aos outros, com a curiosidade ingênua que a ninguém ofendia. Todos lhe respondiam com prazer. Se alguém espirrava, gritava com satisfação, a distância:

— Que os seus desejos sejam cumpridos!

O organista não tinha visitas. Sua doença era grave, mas ele não se sentia desgraçado. Travou amizade com os doentes, bem como com aqueles que visitavam a clínica; nunca se aborrecia. Aos doentes, desejava uma cura rápida, e aos sãos, dias alegres e felizes. Tinha sempre pronto para todos uma palavra agradável. Pelas manhãs, cumprimentava os vizinhos. Sempre afirmava fazer bom tempo, mesmo que chovesse ou nevasse. Ao dizê-lo, fazia-o com graça e batia entusiasmamente com as mãos nos joelhos.

Causava riso em todo mundo sem saber o motivo. Tendo tomado o chá com Lourenço Petrovich deu-lhe calorosamente as saudações:

— Como é bom! — exclamou, entusiasmado. — Um verdadeiro paraíso, não é verdade? Agradeço por haver-me feito companhia.

Sentia-se orgulhoso do título de organista, que trazia desde a tenra idade. Perguntava a todos, doentes e sãos, sobre o tipo das suas esposas.

— A minha é alta — dizia orgulhoso. — E os meninos também. Verdadeiros canhões, palavra de honra!

Tudo o que via ao seu redor — a limpeza, a amabilidade dos médicos, as flores no corredor — era-lhe delicioso. Rindo ou fazendo o sinal da cruz, manifestava seu entusiasmo a Lourenço Petrovich com abundância de palavras:

— Meu Deus, como é belo tudo isto! Um verdadeiro paraíso!

O terceiro pensionista da sala era o estudante Torbetsky. Quase nunca saía da cama. Todos os dias, recebia a visita de uma jovem de estatura pouco alta, os olhos modestamente abaixados e o passo ligeiro e seguro. Graciosa e esbelta num vestido negro, atravessava o corredor com passadas rápidas, sentava-se à cabeceira do paciente e permanecia ali das duas às quatro horas, horário estipulado pelo regulamento, findo o qual os visitantes se retiravam e as criadas serviam o chá aos enfermos. Às vezes, falavam com animação, sorrindo e baixando a voz; mas, assim mesmo, ouviam-se algumas frases, precisamente as que eles não queriam que se ouvissem: “Amo-a!” “Minha vida!” etc. Ou silenciavam durante longo tempo, contentando-se em trocar alguns olhares. Então, o organista, tossindo, deixava a sala com um ar de homem atarefado e Lourenço Petrovich, que fingia dormir em seu leito, via, os olhos entreabertos, como se beijavam. Seu coração começava a bater com desespero e sentia-se perturbado. E nas brancas paredes do quarto era como se bailasse um sorriso triste e melancólico.

Ali dentro, o dia começava muito cedo; quando os primeiros raios da aurora, ainda foscos, inundavam o nascente, os empregados já se movimentavam. O chá aos doentes era servido às seis. Em seguida, tomavam-lhes a temperatura. Alguns, e entre eles o organista, inteiraram-se pela primeira vez de que tinham temperatura. Punham-se numa atitude esquisita, quando lhes

colocavam o termômetro. O vidrinho, com suas linhas vermelhas e pretas, convertia-se em algo providencial; e segundo a indicação de um décimo a mais ou a menos, os doentes ficavam alegres ou tristes. Até o organista, apesar do bom humor, assombrava-se, embora por instantes, quando a temperatura de seu corpo era mais baixa do que a normal.

— Isto aqui é um colosso! — dizia a Lourenço Petrovich com o termômetro na mão e examinando-o com ar reprovador.

— Coloque-o outra vez e obterá uma temperatura mais elevada — recomendava o comerciante em tom de brincadeira.

O organista obedecia; e se lograsse obter um décimo a mais, alegrava-se e agradecia calorosamente o conselho.

Durante o dia, cada um se empenhava em seguir à risca tudo o que lhes recomendavam os médicos. O organista era engraçado: ao colocar o termômetro ou tomar um remédio fazia-o tão conscienciosamente como um trabalho, uma obrigação. Quando dava os tubos para análise, colocava-os, em perfeita ordem e numerados, sobre sua mesinha; como tinha a letra péssima pedia ao estudante que os numerasse. Ria, paternalmente, dos que descuidavam das prescrições médicas e em particular do gordo Minayev, que estava na sala 10; os médicos proibiram a Minayev de comer carne, mas ele a comia às escondidas dos companheiros de mesa e, por vezes, engolia-a sem mastigar.

Até as sete, a sala inundava-se da claridade, que entrava pelas grandes janelas. Havia tanta luz como nos campos; as paredes brancas, as camas, o soalho, o vaso de cobre, tudo brilhava. Raras vezes, alguém se aproximava da janela; a rua e o que se passava fora da clínica perdiam todo o encanto para os pensionistas. Ali, a vida alcançava a sua plenitude: passavam o trem repleto de passageiros, o destacamento de soldados de fardas esverdeadas, os bombeiros com cascos lustrosos, e abriam-se e fechavam-se as tendas. Aqui, não havia mais do que pessoas doentes na cama, freqüentemente sem forças para mover a cabeça, ou, então, deslizavam em trajes de dormir pelo soalho encerado; sofriam e morriam! O estudante recebia todas as manhãs um periódico, mas nem ele nem os outros liam. Uma complicação passageira num vizinho qualquer atormentava mais do que a guerra ou os

acontecimentos de importância internacional. Até as onze horas, os médicos e os estudantes iam de sala em sala, examinando minuciosamente os pacientes. Lourenço Petrovich ficava deitado tranqüilamente, os olhos cravados no teto, respondendo às perguntas, constrangido. O organista, emocionado, falava muito e de maneira incompreensível, demonstrando, intencionalmente e com freqüência, que não se poderia entender o que pretendia expor. Expressava-se nos seguintes termos:

— Quando tive a elevada honra de vir para a clínica... Da assistente, dizia:

— Quando teve a amabilidade de purgar-me... Sabia, de antemão, a que horas se levantava, se deitava, ou se sentia mal. Depois que todos se retiravam, mostrava-se mais alegre, entusiasmado, dava louvores, e ficava satisfeito se tivesse a sorte de cumprimentar, separadamente, cada médico.

— Isto está tão bom, tão bom! — exclamava.

E contava novamente a Lourenço Petrovich, que não dizia nada, e ao estudante, que sorria, de que maneira tinha saudado primeiro o doutor Alexandre Ivanovich, depois o doutor Simão Nicolayevich.

Sua doença era incurável e seus dias estavam contados; mas não sabia e falava com ênfase de uma viagem a um mosteiro, que havia programado para depois da cura, e de uma macieira, que daria muitos frutos naquele ano. Quando fazia bom tempo, e as paredes e o soalho estavam inundados de raios solares, incomparáveis de vigor e beleza, e as sombras dos leitos brancos como a neve eram de um azul opaco, contava fatos numa voz bastante comovida. Sua voz de tenor débil e terna tremia de emoção e, procurando esconder-se dos vizinhos, enxugava as lágrimas, que lhe assomavam aos olhos.

Em seguida, aproximava-se da janela e admirava a profundidade da abóbada celeste, tão distante da terra, tão serena em sua beleza e magnitude que se transformava num cântico divino.

— Seja clemente comigo, Deus misericordioso! — rezava o organista. — Perdoe os meus pecados e encaminhe-me pelos roteiros celestes!.. .

No horário preestabelecido, serviam-se o almoço, o lanche e o chá. Às nove horas, cobriam a lâmpada elétrica com uma tela

azulada e o cômodo penetrava na grande noite silenciosa.

A clínica mergulhava no sono. Somente, no corredor iluminado, onde permaneciam abertas as portas das salas, velavam as assistentes, conversando em voz baixa. Às vezes, alguma, num andar mais pesado, fazia ruído, quando atravessava o corredor. Até as onze, morriam os últimos vestígios do dia e um silêncio pesado e lúgubre dominava sorrateiramente. Este silêncio absorvia avidamente todos os rumores, transmitindo de um cômodo a outro o ronco dos doentes, suas tosses e seus gemidos. Frequentemente, os rumores eram traiçoeiros, misteriosos, não se sabendo nunca se era uma respiração ofegante ou a agonia da morte.

Com exceção da primeira noite, quando esquecera tudo num profundo sono, Lourenço Petrovich dormia assaltado por um turbilhão de pensamentos conturbados. As mãos cruzadas sob a nuca, imóvel, fixava o olhar nas lâmpadas veladas. Não acreditava em Deus, não tinha apego à vida e não temia a morte. Havia esgotado todas as forças vitais, estupidamente, sem nenhum prazer. Na mocidade, roubara o dinheiro de seu patrão; agarraram-no cruelmente, continuamente, e odiava quem o delatara. Convertido em patrão, economizara seu dinheiro à custa das pessoas pobres as quais desprezava e por quem era desprezado, inspirando ódio e injúrias. Na velhice, a doença começou a roubá-lo e quando agarrava alguém, castigava-o cruelmente, barbaramente. Assim era a sua vida, cheia de ódios e injúrias. As chamas do amor extinguíram-se naquela atmosfera, não deixando mais do que cinzas geladas em seu coração. Agora, desejava refugiar-se da vida, encontrar o esquecimento. Abominava a própria estupidez e a dos outros. Não podia admitir que houvesse alguém que amasse a vida e, em suas noites de vigília, voltava constantemente a cabeça para o leito, onde dormia o organista. Examinava minuciosamente os traços do seu vizinho, que roncava sob os lençóis brancos, e resmungava, com os dentes apertados:

— Que idiota!

Depois, olhava para o estudante, que também dormia, e retificava:

— Dois verdadeiros idiotas!

Ali, pela madrugada, sua alma desaparecia no silêncio e seu corpo executava docemente tudo o que se ordenasse. Mas este

corpo se tornava dia-a-dia mais fraco e permanecia como uma pesada massa inerte sobre o leito.

O organista debilitava-se, também. Não passeava com entusiasmo pelas salas, ria mais raramente; mas, quando o sol inundava a clínica, punha-se a falar alegremente e dar graças ao Sol e aos médicos e a falar de sua macieira. Depois, principiava a entoar um cântico religioso, e seu rosto enfraquecido acalmava-se e adquiria uma expressão grave. Terminando de cantar, aproximava-se do leito de Lourenço Petrovich e repetia novamente os detalhes da cerimônia da sua promoção ao grau de organista:

— Entregaram-me um enorme certificado assim grande — e estendia os braços — e todo coberto de letras, até letras douradas, juro!

Levantava os olhos até o ícone, fazia o sinal da cruz e acrescentava, com respeito para a própria personalidade:

— Num lado do diploma, havia um selo do bispado, selo enorme! Ah! como era belo tudo aquilo!

Ria satisfeito, feliz. Mas quando o sol desaparecia da sala, ocultando-se atrás de uma nuvem escura e tudo se tornava sombrio e triste ao seu redor, ele suspirava e deitava-se.

Nos campos e nos bosques, ainda se encontrava neve, mas as ruas já andavam limpas. Ao longo das casas, corriam riachos, que formavam poças no asfalto. O sol iluminava a sala com torrentes de luz; era difícil crer que por trás das janelas o ar fosse também frio e úmido. Assim banhada de luz, a sala, com seu teto alto, parecia estreita, o ar pesado e espremido pelas paredes. O ruído da rua penetrava pelas frestas das janelas; mas quando se abriam as janelas, pela manhã, a sala rapidamente se inundava com o vozerio dos pardais. Afogava todos os rumores, que se eclipsavam modestamente, apoderava-se dos corredores, subia as escadas, penetrava com impertinência no laboratório. Os doentes, aqueles que podiam andar pelos corredores, sorriam ao ouvir os pardais e o organista sussurrava com estranha alegria: — Como se alvoroçam essas avezinhas! Mas as janelas tornavam a fechar-se e o barulho morria de repente, tal como surgira. Os doentes voltavam apressados à sala, como se ainda esperassem ouvir o eco daquele ruído e respiravam avidamente o ar fresco.

Agora, acercavam-se com mais freqüência das janelas e permaneciam ali, muito tempo, esfregando os vidros com os dedos, por mais limpos que estivessem. Resmungavam, quando lhes tomavam a temperatura, e não falavam mais senão do futuro. Todos desejavam aquele porvir sereno e bom, até mesmo o rapazinho da sala 11, que tentara fugir. Alguns doentes viram-no, quando o transportaram na maca, a cabeça na frente; ia imóvel, apenas seus olhos profundos olhavam ao seu redor; havia tamanha tristeza e desespero em seu olhar que todos viraram a cabeça. Adivinhavam que o rapaz estava morto, mas ninguém se assustara, nem se perturbara por aquela morte; ali, como no período de guerra, a morte era um fenômeno banal e simples.

A morte levou, também, naqueles dias, outro doente da sala 11. Era um velhinho muito vivo e atacado de paralisia, no lado esquerdo. Passeava com ar animado pela clínica, com um ombro para a frente, arrastando-se, e contando a todos sempre a mesma história da conversão da Rússia ao Cristianismo sob o rei Vladimiro, o Santo. Não se podia compreender por que esse episódio o havia comovido tanto; falava muito baixo, de maneira incompreensível, cheio de entusiasmo, agitando a mão direita e movendo a vista. Se estava de bom humor, terminava o relato com uma exclamação ardente e triunfal: “Deus está conosco!” Em seguida, arrastava-se, apressado, com um riso confuso, tapando o rosto com a mão direita. Normalmente, mostrava-se triste e lamentava-se porque não lhe davam um banho quente, que o curaria por completo; disso, ele tinha certeza.

Alguns dias antes de sua morte, declarou que à noite teria o seu banho quente; durante o dia, esteve agitado e repetia: “Deus está conosco!” Quando se encontrava no banho, os pensionistas, que passavam por ali, ouviam-lhe a voz satisfeita e rápida; contava, pela última vez, a sensacional história da conversão da Rússia ao Cristianismo sob Vladimiro, o Santo.

Não mudava a saúde dos ocupantes da sala 8. O estudante Torbetsky aparentava melhorar, enquanto Lourenço Petrovich e o organista se mostravam debilitados, dia-a-dia. A vida e as forças abandonavam-nos de maneira imperceptível e não se inteiravam disso, como se fosse natural não passearem pela sala e

permanecerem o dia inteiro deitados. Regularmente, os médicos vinham com seus aventais brancos, assim como os estudantes; examinavam os doentes e trocavam impressões. Um dia, transportaram o organista até uma grande sala de conferência e quando ele regressou estava agitado e falava sem cessar. Ria nervosamente, persignava-se, dava graças e, de quando em quando, enxugava os olhos, que estavam lacrimejantes, com um lenço.

Por que chora, meu bom padre? — perguntou-lhe o estudante.

— Ah! meu caro, se você tivesse visto aquilo! Era tão emocionante! Simão Nicolayevich fez-me sentar numa banquetta, pôs-se ao meu lado e disse aos estudantes: “Eis aqui o organista!”

Seu rosto adquiriu uma expressão grave; as lágrimas assomaram novamente e, revirando a cabeça resolutamente, prosseguiu:

— Tem um modo de falar as coisas esse Simão Nicolayevich! É comovedor a ponto de partir o coração...

Soluçou, baixinho.

— Era uma vez, disse Simão Nicolayevich, era uma vez um organista... Era uma vez...

As lágrimas cortaram-lhe a palavra. Depois de deitar-se, sussurrou, numa voz abafada:

— Esse bom Simão Nicolayevich contou toda a minha vida. Como vivi na miséria, enquanto não era mais do que ajudante do organista... tudo. . .

Não se esqueceu nem da minha mulher... O bom Deus o recompense. . . Era tão emocionante, tão emocionante! Como se eu tivesse falecido e fizesse a despedida... Era uma vez um organista... era uma vez...

Ao ouvi-lo falar dessa maneira, todos compreenderam que o seu fim não tardaria. Era tão evidente, como se a morte estivesse ali presente, à sua cabeceira. Tinham a impressão de que seu leito estava envolto num clima de túmulo e quando se calou, tapando a cabeça com o lençol, o estudante, nervosamente, esfregou as mãos, que se tinham tornado frias. Lourenço Petrovich teve um riso brutal e pôs-se a tossir.

Nos últimos dias, Lourenço Petrovich sentia-se perturbado e constantemente virava a cabeça para o céu azul, que se entrevia

pela janela aberta. Já não permanecia imóvel como antes; agitava-se na cama, resmungava e aborrecia-se com os enfermeiros. Manifestava seu mau humor até com o médico, homem de bom coração e que uma vez lhe perguntou com simpatia:

— Que tem você?

— Aborreço-me — respondeu Lourenço Petrovich como uma criança doente, fechando os olhos para ocultar as lágrimas.

Aquele dia foi anotado no diário, onde se observava a temperatura, bem como todo o transcorrer de sua doença: “O paciente aborrece-se.”

O estudante continuava recebendo a visita da jovem que amava. As faces dela estavam tintas de coloração viva; era agradável e ao mesmo tempo um pouco triste olhá-la.

— Observe como tenho as faces ardentes — dizia-lhe, aproximando o seu rosto ao dele.

O estudante, não com os olhos, mas sim com os lábios, longamente, pois estava melhor e suas forças aumentavam, certificava-se do que lhe dizia ela. Agora, não se preocupava com a presença de estranhos e beijava-a sem se envergonhar. O organista virava delicadamente a cabeça; mas Lourenço Petrovich já não simulava que dormia e olhava os enamorados com jeito provocador. Eles gostavam do organista e não de Lourenço Petrovich.

No sábado, o organista recebeu uma carta da família. Fazia uma semana que a esperava. Todo mundo sabia que a esperava e participava de sua inquietação. Ativo e alegre, caminhava de um ao outro canto da sala, mostrando a carta, recebendo felicitações e dando agradecimentos. Todos sabiam de há muito que sua mulher era alta; mas aquele dia contou um novo pormenor, inédito até então:

— Como ronca a minha mulher! Quando dorme, pode fazer-se tudo, que não desperta, continua roncando! Parece um canhão. . .

Em seguida, o organista, franzindo maliciosamente as sobrancelhas, acrescentou em tom de orgulho:

— E isto é o que vocês não viram? Eh?...

Ao dizê-lo, mostrava um pequeno canto do papel sobre o qual se viam os contornos irregulares de uma mão de criança, no meio da qual havia uma inscrição: “Tósia envia lembranças.” A mãozinha,

antes de ser colocada no papel, estava provavelmente muito suja; ao menos, deixou manchas na carta...

— É meu filhinho! Muito travesso! Não tem quatro anos, mas é tão inteligente, tão inteligente...

E retorcendo-se de riso, dava pancadinhas nos joelhos. Seu rosto tomava por instantes a expressão de um homem sadio e, ao olhá-lo, não se diria que estavam contadas as suas horas. Até a sua voz se tornava firme e sonora, quando começava a entoar seu cântico religioso predileto.

Naquele mesmo dia, levaram Lourenço Petrovich para a sala das conferências. Ficou agitado, as mãos trêmulas e um sorriso de maldade nos lábios. Brigou com o enfermeiro, que o ajudava a tirar a roupa, e deitou-se, fechando os olhos. Mas o organista esperava com impaciência que os abrisse, e, quando chegou este momento, começou a fazer perguntas ao seu vizinho sobre tudo o que se tinha passado, havia pouco:

— É emocionante, não é verdade? Terão dito provavelmente: “Era uma vez um comerciante...” Lourenço Petrovich, encolerizado, lançou ao organista um olhar cheio de desprezo, voltou-lhe as costas e cerrou de novo os olhos.

— Não se enfraqueceu o seu sangue? — prosseguiu o organista.
— Logo ficará curado e tudo estará bem.

Deitado de costas, olhou, pensativo, o teto; um raio de sol vinha não se sabe de onde. O estudante saíra para fumar. Na sala, reinava o silêncio cortado pela respiração lenta de Lourenço Petrovich.

— Sim, papaizinho — falava o organista com alacridade. — Sim, se passar, casualmente, em nosso povoado, venha visitar-me. Não estará a mais de cinco quilômetros da estação. Qualquer aldeão o conduzirá à minha casa. Vá até lá; por minha fé que o receberei como um rei. Tenho ali ótima bebida, de uma doçura incomparável! Suspirou, e após uma curta pausa, prosseguiu:

— Antes de entrar em minha casa, visitarei o mosteiro, a catedral; depois me lavarei nos famosos banhos a vapor... Como se chamam?... Lourenço Petrovich silenciava sempre e o organista respondia por ele:

— Banhos do comércio... Depois, irei para casa. . .

Colou-se, satisfeito. Durante alguns instantes, ouvia-se, apenas, a respiração ofegante de Lourenço Petrovich, que parecia a de uma locomotiva detida num desvio. E antes que o quadro de felicidade tão próximo, imaginado pelo organista, desaparecesse de seus olhos, ouviu as palavras terríveis; terríveis, não só pelo seu sentido, mas também pela maldade e rudeza com que foram pronunciadas:

— Não irá para sua casa, mas para o cemitério — disse Lourenço Petrovich.

— Como, papaizinho? — perguntou o organista, sem compreender.

— Digo-lhe que é o cemitério que o espera!

Voltou-se para o outro o ouvir melhor, a fim de que nenhuma daquelas palavras cruéis se perdessem, acrescentando:

— Ou, talvez, pode ser que o cortem em pedaços aqui mesmo para a glória da ciência e para ensinar os estudantes. . .

Ouviu-se uma risada prolongada, maldosa.

— Mas vamos, papaizinho, que é que disse? — balbuciou o organista.

— Digo que aqui existe um processo rude de enterrar os mortos; primeiro, cortam o desgraçado em pedaços; retalham, em seguida, um braço e o enterram; depois, a perna e a enterram, e assim sucessivamente. Se o morto não tiver sorte, o seu enterro pode prolongar-se por um ano todo!

O organista olhou com espanto o seu interlocutor, que continuava a dizer palavras repugnantes e terríveis pelo seu cinismo:

— Digo-lhe a verdade, pobre organista, você dá dó; apesar de sua idade avançada, você é tonto. Faz projetos do futuro. Tem intenções de visitar o mosteiro, a catedral; fala de sua macieira, e sem dúvida... você não tem mais do que uma semana de vida...

— Uma semana?

— Sim, meu velho, nada mais. Não sou eu quem diz; são os médicos, que afirmam. Ontem, quando você estava ausente, eu os ouvi falar. . . Acreditavam que eu estivesse dormindo. “Nosso organista é um assunto liquidado — disseram. — Não tem mais do que uma semana de vida...”

— Não mais do que uma semana? — balbuciou o outro, numa voz imperceptível.

— Nem um dia mais, meu velho. A morte o espera, impiedosa. E tendo levantado seu enorme pulso, acrescentou, depois de olhá-lo um instante:

— Olhe! É potente! Poderia matar qualquer um e, sem dúvida... Eu também... Sim, eu também! Ah! meu pobre organista, como você é tonto! “Visitarei o mosteiro, a catedral!” Não, velho, agora você não visitará nada...

O rosto do organista tornou-se pálido. Não podia falar, chorar ou gemer. Silencioso, deixou cair a cabeça na almofada e, esquivando-se da luz do dia, tapou o rosto com o lençol. Mas Lourenço Petrovich não pretendia silenciar, como se aquelas palavras cruéis lhe fizessem bem. E com uma sinceridade hipócrita, continuou:

— Sim, meu papaizinho, uma semana, mais nada. Não terá tempo de ir aos banhos do comércio. Talvez, ponham você num banho quente no inferno... É bem possível...

Neste momento, entrou o estudante e Lourenço Petrovich silenciou. Também, cobriu o rosto com o lençol; mas, logo o retirou e, olhando com ironia o estudante, perguntou, com a mesma hipocrisia, num sorriso maldoso:

— E a senhorita? Não virá, hoje?

— Não... não está boa de saúde — respondeu friamente o estudante.

— É uma pena. Mas que tem ela?

O outro não respondeu. Talvez não tivesse ouvido a pergunta. Fazia três dias que não via a jovem. O estudante olhava pela janela somente para se distrair; mas espiava, constantemente, a entrada do hospital com a esperança de ver chegar a qualquer momento a sua amada. Assim, com o rosto colado nos vidros, nervoso, continuava à espera como um desesperado, enquanto se extinguíam as duas horas marcadas para as visitas. Cansado, pálido, tomou uma xícara de chá e deitou-se, sem perceber o silêncio angustioso, constrangido, do organista e a loquacidade, incomum, de Lourenço Petrovich.

— A senhorita não veio, hoje... — dizia este último num sorriso malévolo.

Aquela noite parecia demasiadamente longa. A lâmpada elétrica coberta por um protetor iluminava débilmente a sala. O silêncio era

perturbado por vezes pelos roncos ou gemidos dos enfermos. Uma colher caiu no soalho e o ruído produzido pela queda era idêntico ao de uma campainha e vibrou durante muito tempo no ar tranqüilo e imóvel.

Ninguém dormiu naquela noite, na sala 8. Estavam quietos em seus leitos e velavam. Somente o estudante Torbetsky, não fazendo caso dos demais, revolvía-se constantemente e suspirava. Por duas vezes foi ao corredor para fumar seu cigarro. Acabou adormecendo profundamente e seu peito arfava numa respiração regular. Provavelmente, sonhava com a felicidade, pois em seus lábios florescia um sorriso de satisfação. Aquele sorriso era muito estranho, quase misterioso, no rosto de um homem, que dormia.

O relógio, que se encontrava num compartimento vizinho, anunciava as três, quando Lourenço Petrovich, que começava a cochilar, ouviu um sussurro semelhante a uma canção longínqua e triste. Aguçou o ouvido: o som prolongou-se, fez-se mais forte e, agora, tinha-se a impressão de um gemido, lembrava uma criança presa num quarto escuro e que, temendo as trevas e também os que a fecharam, tentava conter os soluços. Lourenço Petrovich, completamente acordado, compreendeu imediatamente o que se passava: era alguém dali que chorava, sufocado, tragando as lágrimas.

— Que é isso? — perguntou, assustado. Ninguém respondeu.

Os soluços cessaram. A sala tornou-se ainda mais triste. As paredes brancas continuavam impassíveis e frias. Não havia ninguém a quem se pudesse queixar da solidão e do medo e pedir amparo.

— Quem chora, então? — insistiu Lourenço Petrovich. — É você, organista?

Os soluços, contidos por um momento, recomeçaram de súbito. Agora, impetuosos, encheram a sala. O lençol, que cobria o corpo do organista, descerrou-se e a placa metálica, que encimava a sua cabeceira, tremia.

O organista chorava com crescente agitação. Lourenço Petrovich sentou-se na cama e, depois de refletir um instante, desceu. Teve uma vertigem e custou muito poder conter-se em pé; sua impressão era a de que alguém fazia girar em seu cérebro grandes bolas de

pedra. O coração batia-lhe com tanta força como se martelasse seu peito.

Acercou-se, respirando com dificuldade, do leito do organista, que se encontrava a um metro do seu. Extenuado pelo esforço despendido, pousou a mão no corpo do organista que, sem dizer nada, cedeu um lugarzinho para que pudesse sentar.

— Não chore! Não vale a pena! — implorou Lourenço Petrovich.
— Teme tanto assim a morte?

O outro estremeceu no leito e exclamou com um tom de lástima:

— Ah! isso é tão...

— Quê? Tem medo, de verdade?...

— Não, não tenho medo. . . não tenho medo. . .

— balbuciou, soluçando mais forte.

— Não se zangue comigo por haver dito a verdade... Seria tonto se zangasse.

— Mas, não estou zangado. . . E por que haveria de estar? Não foi você quem chamou a minha morte.. . Ela veio sozinha...

— Então, por que chora?

Isso não era piedade. Lourenço Petrovich, apenas, tentava compreender o motivo daquele pranto e olhava atentamente o rosto do organista e o contorno do seu corpo que se via na semi-obscuridade...

— Por que chora, então? — insistiu ele.

O organista cobriu o rosto com as mãos e, balançando a cabeça, respondeu com uma voz lastimosa:

— Ah! Papaizinho. . . É o sol que sinto. . . Se soubesse como brilha em nossa casa... em nosso país... É algo maravilhoso.

De que sol falava? Lourenço Petrovich não compreendia e cansou-se. Lembrou-se da torrente de luz, que inundara a sala, pela manhã. Como brilhava o sol em seu país, sobre o Volga³, no bosque e nos caminhos campestres! Deixando cair com desespero seus braços ao longo do corpo, debruçou-se, soluçando, sobre a almofada, ao lado do organista. Assim choraram os dois. Choraram o sol que não veriam mais, a magnífica macieira que daria frutos, quando eles não mais estivessem neste mundo, as trevas que os envolveriam logo, a vida ardentemente desejada e a morte cruel. O silêncio da noite recolhia seus soluços e repartia-os pelas salas,

misturando-os com os gemidos dos doentes, exaustos pela vigília, com os soluços dos mais graves e com a respiração dos convalescentes.

O estudante dormia; o sorriso havia desaparecido de seus lábios e sombras azuis delineavam-se em seu rosto aparentemente imóvel e triste. A lâmpada elétrica iluminava a sala com a sua luz imperturbável e as paredes brancas continuavam impassíveis.

A morte levou Lourenço Petrovich na noite seguinte. Adormecera profundamente, depois despertou; compreendeu que estava morrendo e que devia gritar, pedir socorro, fazer o sinal da cruz. Mas não teve tempo, perdeu os sentidos. O peito levantou e baixou rápido, as pernas tiveram um intumescimento, a cabeça resvalou na almofada. O organista ao ouvir o ruído leve na cama do vizinho, perguntou, sem abrir os olhos:

— Que tem, papaizinho?

Ninguém respondeu e ele adormeceu outra vez. Quando vieram os médicos, asseguraram ao organista que não precisava temer a morte e que viveria muito tempo. Ele teve plena confiança naquilo. Do seu leito, saudava-os com a cabeça e agradecia alegre, feliz.

O estudante estava, também, feliz e adormeceu tranquilo; recebera a visita de sua amada, que o beijou longamente e permaneceu ao seu lado vinte minutos mais do que o costume.

O sol tinha saído.

O nada

Alto dignitário, velho de certa importância, um grande senhor, que tinha apego à vida, agonizava. Era-lhe penoso morrer; não acreditava em Deus, nem compreendia por que morria; o terror dominava-o. Era horrível vê-lo sofrer.

Sua vida, muito grandiosa, rica e cheia de interesse; seu coração e seu cérebro sempre preocupados e saciados. Seus membros, todo o seu ser se consumia, esgotando-se-lhe o vigor; pouco a pouco, definhava. Os olhos e os ouvidos, acostumados, respectivamente, a ver e ouvir sempre o belo, estavam igualmente cansados; a alegria pesava demasiadamente em seu coração, enfraquecido de trabalhar. Enquanto não se sentiu doente, pensava na morte; algumas vezes, com certo prazer. Ela lhe traria merecido repouso, livrá-lo-ia de todos aqueles abraços, distinções e relações sociais, que tanto o fatigavam. Sim, lembrava-a com prazer; mas, precisamente, agora, à espera do desenlace, sentia que um horror indescritível se lhe penetrava na alma.

Quisera viver mais um pouco, ainda que fosse até segunda-feira, melhor ainda até quarta ou quinta-feira. Não sabia com precisão o dia de sua morte, já que na semana havia somente sete dias.

E, justamente naquele dia desconhecido, apresentou-se diante dele um diabo de aspecto vulgar, como muitos. Introduziu-se na casa disfarçado de gente. O alto dignitário compreendeu que o diabo não tinha ido ali só por ir e alegrou-se. “Já que o diabo existe, a morte não é o fim; ele vem provar-me que a imortalidade é um fato. A rigor, se a imortalidade não existe, pode-se prolongar a vida, vendendo a alma em condições vantajosas.” Isso lhe era evidentemente satisfatório.

Contudo, o diabo apresentava um aspecto cansado e aborrecido. Durante longos segundos não disse nada e olhou ao seu redor sem fixar coisa alguma. Isso inquietou o dignitário, que se apressou a lhe oferecer uma cadeira. Mas, ainda, depois de sentado, o diabo conservou o ar triste e cansado, guardando silêncio.

— Como são esquisitos. . . — pensou o dignitário, examinando com curiosidade o visitante. — Meu Deus, que focinho desagradável! Nem no inferno deve passar por simpático!

E em voz alta:

— Eu o imaginava de outro modo...

— Que disse? — perguntou o diabo, fazendo um gesto.

— Eu não o imaginava dessa maneira.

— Tolice...

Todo mundo dizia o mesmo, ao vê-lo pela primeira vez, e isto o aborrecia.

— Pena não lhe poder oferecer chá ou vinho — pensou o dignitário. — Quicá não soubesse beber.

— Bem, já está morto! — começou o diabo em tom fleumático.

— Que diz? — exclamou, revoltado, o dignitário. — Estou vivo!...

— Não diga tolice — tornou o diabo, continuando.

— Está morto... Bem, que faremos agora? Este é um assunto sério e temos de tomar uma decisão...

— Mas é mesmo verdade que estou morto? Mesmo falando?

— Ah! Meu Deus! Quando se viaja, não se passa primeiro pela estação antes de subir no trem? Agora, você se encontra na estação, exatamente...

— Na estação?...

— Sim.

— Compreendo, compreendo. Então, eu já não existo? Não sou mais eu mesmo? Onde estou? Isto é, onde está meu corpo?...

— Numa habitação contígua. Está sendo lavado com água quente.

O dignitário envergonhou-se, sobretudo, quando pensou em seu ventre, coberto por espessa camada de gordura. Lembrou-se de que eram as mulheres que sempre lavavam os mortos.

— Esses costumes estúpidos! — protestou, encolerizado.

— Isso não é da minha conta — objetou o diabo. — Não percamos tempo e vamos direto ao assunto... Tanto quanto mais dificilmente ouvirá.

— Em que sentido?

— No sentido mais simples; você começou a apodrecer e isso me faz mal. Entretanto, já estou farto de suas perguntas! Tenha a bondade de ouvir bem o que vou dizer-lhe; não repetirei.

E em palavras cheias de fadiga, numa voz cansada de repetir sempre a mesma coisa, expôs ao dignitário o seguinte:

Diante dele, apresentavam-se duas perspectivas a escolher: ou passar à morte definitiva, ou aceitar uma vida de modo especial e estranho, capaz de provocar dúvidas. Era livre na escolha. Se optasse pela primeira, seria o silêncio, o vazio, o vácuo...

— Meu Deus, era isso precisamente o que me dava horríveis impressões — pensou o dignitário.

— Isso representa repouso imperturbável — assegurou o diabo, examinando com curiosidade o teto entalhado. — Você desaparecerá sem deixar nenhum vestígio, sem existência. Terá um fim absoluto, jamais falará, pensará, nem desejará nada, não experimentará alegria, nem dor; nunca pronunciará a palavra “eu”; enfim, você não mais existirá, extinguindo-se, cessando de viver, tornando-se nada...

— Não, não quero! — gritou enérgico o dignitário.

— E, sem dúvida, isso seria o repouso! Isso também vale algo. Um repouso tal, que é impossível imaginar mais perfeito.

— Não, não quero o repouso absoluto! — protestou, decididamente, o dignitário, enquanto seu coração cansado não implorava mais do que isso.

O diabo ergueu os ombros peludos e continuou no mesmo tom cansado, como o empregado de um empório ao fim de uma jornada de trabalho:

— Mas, por outro lado, posso propor-lhe também a vida eterna. . .

— Eterna?...

— Sim. No Inferno. Não é isso precisamente o que desejaria, assim é a vida. Terá algumas distrações, conhecimentos interessantes, conversações, e sobretudo conservará o seu “eu”. Enfim, terá de viver eternamente.

— E sofrer?

— Mas, que é o sofrimento? — e o diabo fez uma careta. — Isso parece terrível até que se acostume. E devo frisar que é esse o costume que se lamenta por aí.

— Há muita gente lá?

— Sim, muita. . . E lamentam-se tanto que ultimamente até houve perturbações graves; reclamavam novos suplícios. Mas onde encontrar o que me pediam. E gritavam: “Isto é rotina. Tornou-se muito banal!”

— Como são estúpidos!

— Sim, vá lá alguém chamá-los à razão. . . Felizmente, nosso chefe...

O diabo levantou-se, respeitosamente, e seu rosto adquiriu uma expressão ainda mais desagradável. O homem também fez um gesto covarde para manifestar seu respeito.

— Nosso chefe propôs aos pecadores que se martirizassem entre si.

— Uma espécie de autonomia? — perguntou, sorrindo, o dignitário.

— Sim, que quer!... Agora, os pecadores quebram a cabeça... e não querem sofrer mais... Vamos, filho, decida.

O outro refletiu confiante no que o diabo lhe perguntava:

— Que me recomendaria?

O diabo franziu as sobrancelhas:

— Não, quanto a isso... não sou de dar conselhos.

— Mas não quero descer ao Inferno.

— Muito bem, será como você deseja. Não é necessário mais do que assinar.

Surgiu diante do dignitário um papel muito sujo, mais parecendo um lenço encardido do que um documento importante.

— Assine aqui — e mostrou com sua garra. — Escreva, não, aqui, não. Aqui se assina, quando se escolhe o Inferno. Para a morte definitiva, é aqui que se deve assinar.

O dignitário, que havia tomado a pena, deixou-a sobre a mesa e suspirou:

— Naturalmente — disse em tom reprovador — para você isso é a mesma coisa, enquanto que para mim. . . Diga-me, com o que se martirizam lá os pecadores? Com o fogo?

— Sim, com o fogo, também — respondeu com fleuma o diabo. — Temos dias de descanso, às vezes. . .

— Verdade? — exclamou com alegria o homem.

— Sim, os domingos e dias festivos são de descanso. Além disso, introduzimos a semana inglesa: aos sábados, não se trabalha mais do que das dez ao meio-dia. . .

— Vamos, vamos! E pelo Natal?

— No Natal, o mesmo que pela Páscoa, dão-se três dias de liberdade. Salvo essas recomendações, dá-se um mês de férias no verão.

— Vamos, isso é liberal! — exclamou o outro com alegria. — Não o esperava... Mas, diga, na realidade, aquilo é mau, mesmo, assim, como se diz, mau, mau?... .

— Tolice... — respondeu o diabo.

O dignitário teve um sentimento de vergonha. O diabo estava visivelmente de mau humor; provavelmente, não tinha dormido aquela noite, ou estava mortalmente aborrecido de tudo aquilo: do dignitário morrendo, do nada, da vida eterna... O dignitário viu barro na perna direita do diabo.

— Não são muito limpos... — pensou ele. E em voz alta:

— Então, é o nada?

— O nada — repetiu o diabo como um eco.

— Ou a vida eterna?

— Ou a vida eterna.

O homem pôs-se a refletir. Na habitação vizinha, já tinham terminado o serviço fúnebre em sua honra e ele continuava refletindo. E os que o viam em seu leito mortuário, com seu rosto grave e severo, não adivinhavam que estranhos pensamentos lhe atravessavam o cérebro frio. Tampouco, viam o diabo. Fluía o incenso, círios ardiam.

— A vida eterna — disse o diabo pensativo, fechando os olhos. — Recomendaram-me muitas vezes que explicasse o que isso representava. Creio que não me expesso com desembaraço; e o que esses idiotas podem compreender?

— É de mim que está falando?

— Não somente de você. . . Falo, genericamente. Quando se pensa em tudo isso...

Fez um gesto de desespero. O dignitário tentou manifestar sua compaixão:

— Compreendo. . . É um ofício penoso e sujo, e se por outro lado eu pudesse...

Mas, o diabo aborreceu-se:

— É melhor não tocar na minha vida pessoal ou me verei obrigado a enviá-lo ao chefe! Apresenta-se uma questão e tem de

responder: o nada ou a vida eterna?

Mas o dignitário continuava refletindo e não podia decidir-se. Talvez porque seu cérebro começava a abismar-se ou porque nunca o tivera sólido. Inclina-se para a vida eterna. “Que é o sofrimento?”, perguntava a si mesmo. Não tinha sido a sua vida um incessante sofrimento? E, acima de tudo, amava a vida. Não temia os sofrimentos. Mas, o seu coração cansado pedia repouso absoluto, total...

Foi nesse momento que o conduziram para o cemitério. Às portas do departamento, do qual havia sido diretor, deteve-se o cortejo e os sacerdotes deram início a um ofício religioso. Chovia, e todos abriram os guarda-chuvas. A água caía aos cântaros dos guarda-chuvas, corria pelo solo e formava charcos no pavimento.

“Meu coração está cansado até de alegrias”, continuava, refletindo, o dignitário, que conduziam ao cemitério. “Não pede mais do que repouso eterno. Quiçá, seja demasiado estreito meu coração, mas estou terrivelmente cansado. . . “

E estava decidido pelo nada, pela morte definitiva. Recordara-se de um breve episódio. Foi antes de cair doente. Tinha visita em sua casa, conversavam, riam. Ele também ria muito, às vezes até chorava de tanto riso. E foi exatamente no momento em que se julgava mais feliz que sentiu de repente um desejo irresistível de ficar só.

E para satisfazer esse desejo, escondeu-se, como um menino que teme o castigo, num cantinho.

— Despache-se! — gritou-lhe o diabo, desgostoso.

— O fim se aproxima!

Fez mal em pronunciar aquelas palavras; o dignitário quase se havia decidido pela morte definitiva, mas a palavra “fim” espantou-o e experimentou um desejo irresistível de prolongar sua vida a qualquer preço. Não compreendendo mais nada, perdia-se já em suas ponderações; não conseguiria tomar a decisão fatal e deixou a solução ao Destino.

— Posso assinar com os olhos fechados? — perguntou, timidamente.

O diabo lançou um olhar confuso e resmungou:

— Sempre tolices!

Provavelmente, a escolha fatigara-o; refletiu um instante, suspirou e pôs de novo diante do dignitário o pequeno papel, que mais parecia um lenço sujo do que um documento de importância. O outro pegou a pena, sacudiu a tinta, fechou os olhos, pôs o dedo sobre o papel e... só no último momento, quando havia assinado, abriu um olho e examinou:

— Ah! que fiz! — gritou com horror, atirando a pena.

— Ah! — respondeu como um eco o diabo.

As paredes repetiram a exclamação. O diabo, caminhando, pôs-se a rir. E quanto mais se distanciava, mais ruidoso se tornava o seu riso, semelhante a uma seqüência de trovões. . .

Neste momento, procedeu-se ao enterro do alto dignitário. Os pedaços de terra úmida caíam, pesadamente, com ruído sonoro, sobre a tampa do ataúde. Dir-se-ia que este estava vazio, que não havia ninguém dentro, tão sonoro era aquele ruído.

O grande Slam

Três vezes por semana — às terças, quintas e sábados — eles jogavam. O domingo seria excelente para isso, mas queriam aproveitá-lo para certas distrações ou deveres, que lhes impunha a sociedade, como ir ao teatro ou fazer visitas. Daí, ser considerado o dia mais estúpido de todos. Entretanto, quando estavam no campo, aproveitavam também o domingo para o jogo. Os parceiros eram: o corpulento e irascível Maslenikov, Jacob Ivanovich, Eufrásia Vasilievna e seu imponentíssimo irmão Procópio. Esta combinação fora estabelecida seis anos antes e Eufrásia Vasilievna insistira sempre para que se mantivesse assim; se jogasse contra o irmão, a partida não oferecia o mínimo interesse, nem para ela, riem para ele, visto que os lucros de um se equilibrariam com os prejuízos do outro. Embora nenhum deles necessitasse de dinheiro, ela não compreendia que se pegasse nas cartas só pelo prazer do jogo; e a verdade é que se sentia satisfeita, quando eram eles que ganhavam. Esses proventos, guardados numa caixa especial, pareciam-lhe mais preciosos e importantes do que as somas graúdas com que pagava a renda da casa e as despesas domésticas.

Encontravam-se todos os quatro no apartamento confortável de Procópio, que ocupava um andar amplo com a irmã (sem falar no gato branco, que dormia sempre em cima de uma poltrona). Dessa maneira, tinham a certeza de não serem incomodados por estranhos e obteriam o sossego necessário para o jogo. O dono da casa era viúvo; perdera a mulher no segundo ano de casado e estivera dois meses, depois disso, num hospital de doenças nervosas. Eufrásia conservava-se solteira, embora tivesse namorado um estudante, há muito tempo. Ninguém sabia — e ela, naturalmente, esquecera já — qual o motivo por que não houvera casamento. Contudo, quando da festa anual em benefício dos estudantes pobres, nunca deixara de enviar à respectiva comissão a quantia de cem rublos, acompanhada de um bilhete, que assinava “Um Anônimo”. Era a mais nova dos quatro jogadores: contava quarenta e três anos.

O mais velho de todos, Maslenikov, aborreceu-se, a princípio, com aquele arranjo dos parceiros, pois se via obrigado, assim, a jogar sempre com Jacob, ou melhor, a renunciar ao seu sonho do grande slam sem trunfo sob todos os aspectos, bem se podia dizer que esses dois homens não se coadunavam nada um com o outro. Jacob era um velhinho seco, silencioso e solene, que até em pleno verão usava sobretudo e meias de lã. Chegava sempre às oito horas (nem um minuto antes, nem um minuto depois) e pegava logo no lápis; muito largo num dos dedos, movia-se um anel, onde brilhava um diamante enorme. O que nele havia de mais detestável, na opinião do seu parceiro, era o fato de nunca comprometer-se com nada mais importante do que quatro vazas, mesmo que tivesse boa mão e a vitória garantida. Aconteceu uma vez que Jacob começou com o seu processo cauteloso e Maslenikov, irritado, atirou as cartas para cima da mesa; o velhote, muito sossegadamente, apanhou-as e foi marcando os pontos necessários para fazer as quatro vazas. Desisto do grande slam! — bradou Maslenikov.

— Nunca vou além disto — replicou, secamente, o interpelado.

E acrescentou, à guisa de explicação:

— Nunca se sabe o que pode suceder.

Maslenikov jamais conseguiu convencê-lo. Seu jogo era sempre ousado mas, como tinha pouca sorte, perdia, sem no entanto desesperar, pensando desferrar-se, invariavelmente, na próxima partida. Com o decorrer do tempo, foram-se habituando um com o outro e deixaram de fazer recíprocas observações. Maslenikov arriscava-se, como de costume; Jacob tomava nota das vezes perdidas e mantinha o seu sistema.

Assim se entretinham no verão e no inverno, na primavera e no outono. O mundo continuava a sua existência, ora alegre, ora triste, e seguia o seu curso, através do espaço, entre gargalhadas e gemidos, alegrias e sofrimentos. Dessas ocorrências da vida alheia, Maslenikov trazia, às vezes, até junto dos outros, um eco do que se passava lá fora. Outras, fazia esperar os amigos; chegava atrasado, quando eles já estavam sentados à mesa, com as cartas abertas em leque sobre o pano verde.

Maslenikov, de faces coradas, irradiando da sua pessoa a frescura do ar livre, tomava, às pressas, o seu lugar em frente de Jacob, e, desculpando-se, dizia:

— Que porção de gente pelas ruas! Todos num vaivém sem destino...

Eufrásia Vasilievna considerava seu dever de dona-de-casa não prestar grande atenção às singularidades dos convidados. Limitava-se a responder — enquanto o velhote seco, solene e silencioso, preparava o lápis e o irmão dava alguns retoques no serviço de chá:

— O tempo parece estar bonito. Mas... não seria melhor começarmos?

E começavam. A sala pomposa permanecia calma; todos os sons morriam abafados nos pesados reposteiros e na espessura dos tapetes e dos estofos. Sobre o atapetado, perdiam-se sem ruído, os passos da criada, ao distribuir as xícaras de chá muito forte; mal se ouvia o rumor de sua saia engomada, ou o riscar do lápis de Jacob, ou algum suspiro de Maslenikov. A xícara deste ficava numa mesa à parte, com um chá mais fraco, que ele bebia sempre pelo pires.

No inverno, Maslenikov observava que a temperatura, de manhã, fora muito fria e que, naquele momento, estava mais agradável. No verão, comentava:

— Vi muita gente, com os seus cestos, a caminho do campo.. .

Eufrásia acolhia essas frases com benevolência. Se jogavam na varanda, nos meses de calor, era seu hábito perguntar, mesmo que nenhuma nuvem toldasse o firmamento:

— Parece-lhes que irá chover?

O velhote seco pegava nas cartas, com solenidade, e, conforme o que lhe vinha à mão, assim se convenciam mais ou menos da frivolidade incorrigível do parceiro. Certo dia, Maslenikov alarmou extraordinariamente o grupo. Por mais de uma vez, referiu-se ao caso Dreyfus, chegando a declarar:

— Aquilo vai de mal a pior.

Daí a pouco, riu e observou que a sentença injusta seria decerto anulada. Por fim, exibiu um jornal e leu um artigo, ainda sobre o mesmo assunto.

— Já acabou? — inquiriu Jacob, escandalizado. Mas o outro não ouviu e continuou a leitura. Assim, Maslenikov conduziu os amigos,

nessa ocasião, a discutir o caso, originando-se rápida disputa. Eufrásia Vasilievna recusava-se a aceitar as formalidades do processo e queria que o condenado fosse, sem mais nem menos, absolvido. Jacob e o irmão dela afirmavam que se tornaria necessário proceder primeiro a certas exigências legais, antes de conceder a absolvição.

O velhote seco, porém, recaiu em si. Foi o primeiro a lembrar-se do jogo e indagou:

— Não acham que é tempo de começar? Prepararam-se para jogar e, dissesse o que dissesse Maslenikov a respeito de Dreyfus, não encontrou da parte dos outros senão silêncio obstinado.

Assim se entretinham no verão e no inverno, na primavera e no outono. Uma vez por outra, havia algum incidente engraçado, como naquela partida em que o irmão de Eufrásia se esqueceu do que a parceira havia marcado e não fez a vaza, quando a coisa estava de antemão assegurada. Maslenikov riu com vontade e exagerou o valor do prejuízo sofrido.

Quando Eufrásia Vasilievna tinha muito bom jogo, produzia-se no grupo uma grande excitação. Ela própria ficava corada, desnorteava-se, não sabia onde pôr as cartas e olhava suplicante para o irmão, que se conservava calado; os outros dois, com a mais cavalheiresca das simpatias pela fragilidade feminina, animavam-na com sorrisos condescendentes, enquanto esperavam impacientemente o resultado. Mas, em geral, quando jogavam, permaneciam sérios, pensativos. Para eles, as cartas tinham de há muito perdido o seu caráter inanimado, adquiriam personalidade e independência; tinham, por assim dizer, vida própria. Ora gostavam eles de uns naipes, ora de outros; estes davam sorte, aqueles não, era como se elas fugissem ao domínio dos jogadores, subtraindo-se ao desejo deles, tornando-se livres, insubmissas; tinha-se a ilusão de que satisfaziam a vontade delas próprias e não a de seus detentores; como se possuíssem gostos, preferências e caprichos. Jacob recebia quase sempre copas, e a Eufrásia Vasilievna cabiam espadas, coisa que ela detestava. Em outros momentos, parecia que elas se divertiam à custa dos jogadores;

Maslenikov não recebia nenhuma delas, em especial: as cartas, nas mãos deste homem, eram como hóspedes de passagem num

hotel, iam e vinham com indiferença... Durante uma semana, por exemplo, só lhe acertaram duques e ternos, que lhe surgiam com ar insolente e motejador. Maslenikov estava convencido de que nunca faria o grande slam, pelo fato de as cartas desconfiarem da sua ambição e lhe virem parar às mãos já com o propósito de o desiludir. Debalde, pedia ele, no início; elas percebiam o estratagema e, quando Maslenikov verificava o jogo, dir-se-ia, por exemplo, que três damas lhe sorriam e que o rei de espadas, que elas haviam trazido na sua companhia, lhe piscava o olho, malicioso.

Eufrásia Vasilievna não aprofundava tanto a natureza misteriosa das cartas.

Jacob, que, de há muito, compusera a sua atitude grave e filosófica, jamais se surpreendia ou encolerizava; revestira, contra a sorte aziaga, aquela armadura que era a sua norma: nunca ir além de quatro apostas. Era, pois, Maslenikov quem se preocupava e afligia com o caráter caprichoso e a inconsequência irônica das cartas. Quando estava deitado na cama, ainda voltava a pensar no seu ambicionado grande slam sem trunfo e achava a coisa fácil e possível: um ás, depois outro ás... Mas quando, cheio de esperança, se sentava a jogar na noite seguinte, as malditas três damas mais uma vez lhe surgiam, arreganhando os dentes... Havia nisso algo fatal e enigmático. Pouco a pouco, a grande seqüência foi se tornando o sonho máximo de Maslenikov. Outros acontecimentos se produziram, os quais nada tinham a ver com as cartas. O corpulento gato branco de Eufrásia Vasilievna morreu de velhice e foi, com permissão do senhorio, enterrado no quintal do prédio.

Maslenikov mais uma vez desapareceu, agora por duas semanas; não contente com isso, ausentou-se por outra semana ainda, e ninguém sabia o que pensar de semelhante comportamento, nem que resolução tomar, uma vez que o jogo com três pessoas era contrário aos hábitos daqueles jogadores e considerado sem graça.

Quando Maslenikov reapareceu, notaram-lhe no rosto (outrora corado, tão em contraste com o tom grisalho do cabelo) certa palidez que um pouco de magreza mais fazia ressaltar. Declarou que o filho mais velho fora preso por qualquer coisa e conduzido para S. Petersburgo. Os outros ficaram surpresos, ignoravam que Maslenikov tivesse filhos; naturalmente, ele, certa vez, fizera alguma

alusão ao fato, mas a verdade é que os amigos já se haviam esquecido. Em seguida, ausentou-se novamente esse homem incorrigível, faltando num sábado, que era o dia em que jogavam mais. E souberam, também, com espanto, que Maslenikov sofria, de longa data, do coração e que, naquele sábado, ficara retido em casa devido a um ataque cardíaco.

Sentaram-se, finalmente, todos quatro, dispostos a recomeçar as partidas; o próprio Maslenikov, antes cheio de interrupções inoportunas, raras vezes conversava, agora. Só se ouvia o rugir das saias da criada, enquanto na sala pomposa as cartas macias iam escorregando entre os dedos e vivendo a sua existência repleta de silêncio e de mistério, alheada da vida dos que jogavam com elas. Para Maslenikov continuavam a ser esquivas, se não maliciosas e trocistas; dir-se-ia haver algo de fatalista no baralho.

Numa quinta-feira, 26 de novembro, produziu-se, enfim, nas cartas, uma alteração extraordinária. Mal haviam começado o jogo e já Maslenikov obtinha a seqüência, fazendo não só as vazas prometidas, mas ainda um pequeno slam, quando Jacob Ivanovich exibiu um ás com que o parceiro não contava. Depois, durante certo tempo, foram aparecendo as damas de costume, mas, de certa altura em diante, vieram naipes completos, como se cada um deles estivesse ansioso de tomar parte, por sua vez, na alegria de Maslenikov. Dessa forma, ganhou ele, jogo após jogo, as apostas da mesa, com grande pasmo dos outros e até do próprio Jacob. A excitação de Maslenikov comunicou-se aos amigos; as cartas deslizavam-lhe rápidas nos dedos gordos e suados, cujos nós tinham rugas salientes.

— Você hoje está com sorte! — observou, com ar grave, o irmão de Eufrásia Vasiliévna.

Não acreditava, no entanto, na duração daquela súbita reviravolta. Por experiência própria, sabia que o desastre não havia de tardar.

A dona da casa, intimamente, regozijava-se com o fato de Maslenikov ter boas cartas, ao menos uma vez na vida; e, como o irmão formulasse as suas dúvidas, ela simulou cuspir de lado, a fim de conjurar a profecia.

Durante minutos, o jogo pareceu incerto.

Às mãos de Maslenikov foram parar uns duques, que se mostraram com ar culpado; depois, rapidamente, surgiram ases, damas e reis. O afortunado, mal tinha tempo de reunir as cartas e de falar. Quando era ele a dá-las, enganava-se com freqüência. A felicidade bafejava-o; no entanto, o parceiro mantinha-se prudente. O espanto deste último dera lugar à descrença naquela inesperada alteração da sorte e mais de uma vez lembrou a Maslenikov a sua norma fixa de não ir além das quatro apostas.

Ele estava, agora, corado e anelante. O outro irritava-o. De maneira que, sem hesitar, começou a fazer promessas audaciosas, convencido de que teria as cartas todas de que necessitava.

Chegou a vez de ser Procópio a distribuí-las. Maslenikov verificou as suas, sentiu um baque no coração e a cabeça girar-lhe à roda. Ante os olhos lhe passou uma nuvem. Tinha na mão o dez, o duque e a dama de espadas e ainda o ás e o rei de ouros. Se tirasse o ás e o rei de espadas ficava apto a fazer o grande slam!

— Duas, começou ele, dominando a custo a perturbação da voz.

— Três, replicou Eufrásia Vasilievna, que estava também excitadíssima, pois tinha quase todas as espadas, incluindo o rei.

— Quatro, prometeu secamente Jacob.

Maslenikov declarou, a seguir, uma pequena seqüência, mas Eufrásia, fora de si, não quis renunciar e, embora soubesse muito bem que não tinha probabilidades, falou logo em grande slam de espadas. Maslenikov hesitou uns segundos e, depois, em tom que se afigurou a todos vitorioso, mas que era só para iludir a desconfiança, pronunciou devagar:

— Grande slam!

Maslenikov ia fazer o seu grande slam! A seguida máxima, composta de um dez, um duque, uma dama, um rei e um ás, todos do mesmo naipe. Os parceiros olharam assombrados, e o irmão da dona da casa exclamou!

— Oh!

Então, Maslenikov estendeu a mão para o baralho, mas esta tremeu e derrubou uma vela. Eufrásia apanhou-a e ele, por instantes, ficou hirto, imóvel, com as cartas em cima da mesa. De repente, ergueu as mãos e tombou lentamente para o lado

esquerdo. Na queda, arrastou com ele a mesinha na qual estava o pires com o chá.

Quando o médico chegou, disse que Maslenikov morrera de síncope cardíaca e, para consolar os outros, acrescentou que o infeliz não devia ter sofrido nada.

Deitaram o morto num divã, na mesma sala em que tinham estado a jogar e o cobriram com um lençol. O cadáver apresentava aspecto aterrador.

Dobrado para uma banda, um dos pés ficara descoberto, parecendo não lhe pertencer: era como se fosse de outra pessoa; na sola da bota, preta, quase nova, tinha aderido um pedaço de folha de estanho, dessas com que se embrulham chocolates. A mesa do jogo permanecia como eles a haviam deixado, com as cartas espalhadas e voltadas para baixo; só as de Maslenikov é que estavam em monte, tal qual ele as tinha posto. Jacob começou a andar para cá e para lá na sala, em passos miúdos e incertos, fazendo o possível para não olhar o defunto, nem pisar o soalho fora do tapete, receando fazer barulho. Ao aproximar-se, numa das vezes, da mesa do jogo, pegou cuidadosamente nas cartas do seu falecido parceiro, examinou-as e colocou-as outra vez no mesmo lugar. Depois, verificou o baralho e encontrou logo o ás de espadas, a própria carta de que Maslenikov precisava para o seu grande slam. Jacob deu mais uns passos sobre o tapete e depois foi à sala contígua. Abotoou o sobretudo até o pescoço e derramou algumas lágrimas de comiseração pelo pobre morto.

Fechando os olhos, procurou recordar-se de como era a cara de Maslenikov nos seus dias de bom humor, quando ria, satisfeito, pelas vitórias alcançadas. Comoveu-o em especial a lembrança daquele desejo não realizado do grande slam e pôs-se a recapitular as várias jogadas dessa noite, desde a vaza de ouros que o parceiro fizera até esse fluxo contínuo de cartas boas, que lhe pareceram, aliás, prenunciadoras de mau desfecho! Agora, Maslenikov não era deste mundo; morrera precisamente quando ia fazer um grande slam, com a entrada do ás e do rei de espadas! Então, uma idéia, terrível na sua simplicidade, fez estremecer o corpo seco de Jacob e obrigou-o a pular na cadeira. Volveu os olhos ao redor, como se o

pensamento não lhe tivesse vindo do próprio cérebro, mas houvesse sido inspirado por outrem e disse em voz alta:

— Mas, afinal, ele nem chegou a saber que o ás estava no baralho e que o grande slam era coisa garantida. E já não pode sabê-lo!

E só nesse momento é que Jacob se compenetrou do que significava, realmente, não existir! Compreendeu o que era a morte e a coisa lhe apareceu tenebrosa. Não poder chegar a saber nunca! Ainda que fosse gritar aos ouvidos de Maslenikov e meter-lhe as cartas pelos olhos adentro, nem assim ele perceberia nada — porque estava morto! Mais um pequenino gesto, mais um segundo de vida, e Maslenikov teria visto o ás e o rei e sabido que obtivera, de fato, a grande seqüência. Mas sucedera aquela desgraça sem remédio, e o jogador não conhecera a sua sorte, não soubera quanto fora afortunado — nunca o saberia!

— Nunca! Nunca! — repetia Jacob Ivanovich, soletrando a palavra, a fim de lhe apreender melhor o significado.

A palavra existia, sim, e tinha significação, mas era tão estranha e tão amarga que Jacob se deixou cair outra vez numa cadeira e recomeçou a chorar. Lastimava o amigo, por haver morrido na ignorância, e a si mesmo e os outros pela possibilidade em que estavam de lhes poder suceder coisa análoga. Enquanto pranteava o morto, ia imaginando que estava a jogar com ele, fazendo apostas até treze e calculando quanto deviam ter ganho — coisa que Maslenikov ignoraria também por toda a eternidade! Foi a primeira e única vez em que Jacob pôs de parte a sua norma das apostas, apenas; e, em pensamento, jogou um grande slam, em honra do amigo.

— E você, Jacob? — perguntou Eufrásia Vasilievna, entrando ali. Afundou-se numa poltrona ao lado dele e rompeu em pranto.

— Que horrível! Que horrível!

Olharam-se, demoradamente, e choraram em silêncio, lembrando-se de que na sala ao lado, sobre o divã, jazia o cadáver de um homem — corpo frio, pesado, silencioso.

— Mandou prevenir a família? — inquiriu Jacob, assoando-se com violência.

— Sim, meu irmão e Anuska já partiram; mas não sei se encontrarão a casa, porque não temos o endereço.

— Não morava na mesma do ano passado?

— Não, tinha-se mudado. Diz Anuska que ele costumava mandar o carro seguir para qualquer parte da Avenida Novenski.

— Talvez descubram, através da polícia — voltou o velhote seco, para a consolar. — Creio que era casado; não era?

Eufrásia Vasilievna esgazeou os olhos para Jacob e não respondeu. A ele afigurou-se que nesse olhar se refletia o seu próprio pensamento — certa idéia que lhe atravessara a mente naquele instante. Tornou a assoar-se, meteu o lenço na algibeira do sobretudo e indagou, com ar apreensivo:

— Onde arranjamemos agora um quarto jogador? Mas, Eufrásia Vasilievna, absorvida por pensamentos de outra natureza, relacionados com a sua qualidade de mulher, já não ouviu o que ele lhe dissera. Depois de curtos minutos, inquiriu por sua vez:

— E você, Jacob, ainda mora no mesmo lugar?

Valia

Valia, sentado à mesa, estava lendo. O livro era grande, quase da metade do corpo de Valia, com enormes letras negras e desenhos, que ocupavam páginas inteiras. Valia para ver a linha superior tinha de esticar o pescoço e, por vezes, ajoelhar-se na cadeira; com o seu dedinho, procurava reter as letras, porque elas se perdiam entre outras tantas e se tornava difícil encontrá-las. Graças a certas circunstâncias, não previstas pelos editores, a leitura e o interesse pelo conteúdo faziam que o menino avançasse lentamente. A história girava em torno de um jovem forte, chamado Bova, que pegava outros meninos pelos braços e pelas pernas e os separava do corpo. Isto era terrível e ao mesmo tempo engraçado. Valia viajava com o espírito pelo livro, muito emocionado e impaciente para saber como aquilo terminaria. Sua leitura foi interrompida pela entrada da mãe e de outra mulher, que lhe era desconhecida.

— Ei-lo! — disse a mãe, cujos olhos estavam banhados de lágrimas e ao mesmo tempo apertava entre as mãos um pano branco.

— Valia, meu filho! — exclamou a recém-chegada, abraçando-o e cobrindo de beijos suas faces e seus olhos, apertando-o fortemente contra seus lábios miúdos e duros.

Ela não sabia acariciar; os beijos de sua mãe eram sempre doces, efusivos, enquanto os daquela mulher o incomodavam com tanto carinho.

Valia aceitou-os, aborrecido. Desgostava-o, sobretudo, ter interrompido a leitura tão interessante; por outro lado, aquela estranha, alta e fina, de dedos magros, sem anéis, não lhe agradou. Desprendia-se dela odor desagradável, odor de umidade ou de algo podre, enquanto a mãe exalava sempre perfumes delicados. Finalmente, aquela mulher deixou-o tranquilo e ele enxugou os lábios, enquanto ela o examinava com um olhar rápido, como se quisesse fotografá-lo. O nariz chato, as sobrancelhas espessas, que lhe cobriam os olhos, e todo seu aspecto sério e grave recordavam algo de uma mulher que desanda a chorar. Não chorava como sua mãe: o rosto dela permanecia imóvel e somente as lágrimas corriam com rapidez, uma após outra, como se rivalizassem numa corrida.

Enxugando os olhos, perguntou:

— Valia, não me conheces?

— Não.

— Eu vim ver-te duas vezes. Não te lembras? Talvez, ela tivesse vindo duas vezes, ou quem sabe nunca estivera ali. Valia ignorava-o. Para ele, não tinha nenhuma importância que houvesse vindo ou não aquela mulher desconhecida. Impedia a leitura com perguntas tolas:

— Sou tua mãe, Valia!

Surpreendido, procurou a mãe com o olhar, mas não a encontrou.

— É possível possuir duas mães?

A mulher riu e aquele riso não agradou a Valia; percebia-se, claramente, que não tinha desejo de rir e fazia-o de propósito, para enganá-lo.

Calaram-se durante minutos.

— Sabes ler? Isso é bom. Ele não respondeu.

— Que lês?

— A história do rei Bova! — respondeu com dignidade e respeito pelo livro.

— Ah! Isso deve ser muito interessante! Conta-me esta história, peço-te — solicitou, humildemente, a recém-chegada.

Havia algo fingido naquela voz, à qual procurava dar notas doces de mãe, porém elas saíam agudas e desagradáveis. Havia qualquer coisa falsa em todos os seus movimentos. Acomodou-se na cadeira e esticou o pescoço para ouvir Valia. Todavia, quando este, de má-vontade, se pôs a contar a história, ela mergulhou nos próprios pensamentos e ficou sombria como uma lamparina apagada. Valia ofendeu-se por ele e pelo rei Bova; querendo demonstrar gentileza, terminou a história, apressadamente.

— É tudo! — disse.

— Pois bem, até a vista, meu amado nenê — despediu-se a estranha, apertando os lábios contra o rosto de Valia. — Logo voltarei. Ficarás satisfeito se eu voltar?

— Sim. . . Volta se quiseres — respondeu com amabilidade, na esperança de que se fosse.

Saiu. Valia, logo que, no livro, encontrou a linha, onde havia parado, viu a mãe entrar. Olhou-o e pôs-se a chorar. Que a outra

mulher chorasse era compreensível: provavelmente, lamentava ser tão desgraçada e enjoada, mas por que mamãe chorava também?

— Ouve-me — disse-lhe com ar pensativo. — Aquela mulher me aborreceu terrivelmente. Disse que era minha mãe. Como se alguém tivesse duas mães ao mesmo tempo!

— Não, querido, ela disse toda verdade; é tua verdadeira mãe.

— E tu, então, o que és?

— Sou tua tia.

Foi um descobrimento inesperado. Valia recebeu com indiferença imperturbável a revelação: se ela se empenhava em ser tia, por que não? Dava na mesma. As palavras não tinham para ele a mesma importância que para as pessoas adultas. Mas sua ex-mamãe não o compreendia, e pôs-se a explicar como antes era a sua mãe e agora não era mais que sua tia.

— Faz muito tempo, muito tempo, quando tu eras muito pequeno...

— Assim — e levantou a mão vinte centímetros da mesa.

— Não, menor.

— Como nosso gatinho? — perguntou o menino com alegria.

Falava de seu gato branco, que lhe deram de presente e era tão pequeno que cabia, facilmente, com suas quatro patinhas, num pires.

— Sim.

Teve um sorriso feliz, enquanto tomava um ar grave e condescendente de homem que recorda as faltas de sua juventude e observou:

— Eu devia ser muito gracioso.

Pois bem, quando ele era pequeno e gracioso como o gatinho, aquela mulher levava-o para a casa dela e tomou-o para sempre. . . como a um gatinho. E agora, quando já era grande e inteligente, queriam reavê-lo.

— Queres ir para a tua casa? — perguntou-lhe a ex-mamãe.

E demonstrou grande satisfação, quando Valia declarou, resolutamente grave:

— Não, não me agrada.

Valia acreditava que o incidente havia terminado e enganou-se. Aquela estranha mulher, de rosto lívido como se lhe tivessem

chupado todo o sangue, chegada não se sabe de onde e logo desaparecida, perturbou toda a casa, expulsou a tranqüilidade e encheu-a de angústia. A ex-mamãe chorava freqüentemente e perguntava se Valia a abandonaria, o ex-papai passava sem cessar a mão pelo crânio calvo, levantando seus cabelos brancos, e quando a mãe não se encontrava ali, perguntavam se desejava ir para a casa dela.

Uma noite, quando Valia estava na cama, sem ter adormecido, o ex-papai e a ex-mamãe falavam dele e daquela desconhecida. O ex-papai, em voz baixa, fazendo tremular os vidros azuis e vermelhos do lustre:

— Estás dizendo tolices, Nastácia! Não temos obrigação de devolver o menino. Em seu próprio interesse, não temos obrigação. Não se sabe de que vive essa mulher desde que foi abandonada por... aquele... por fim, eu te digo que o menino morreria lá, fora do ambiente em que foi criado.

— Porém ela o ama, Crischa.

— E nós não o amamos? Ponderas de maneira esquisita, Nastácia. Tudo faz crer que desejas desembaraçar-te do menino!

— Não te envergonhas de dizer isso?

— Peço-te perdão. Reflete friamente, tranqüilamente. Uma mulher qualquer lança no mundo um menino e para se livrar dele o entrega a outrem; depois, volta e declara: “Já que o meu noivo me abandonou, aborreço-me e desejo agora reaver meu filho. Como não tenho muito dinheiro para freqüentar teatros e concertos, vou divertir-me com o meu filho. . . “ Não, de jeito algum. Enganas-te, ela não o terá!

— Esqueces, Crischa: sabes muito bem que ela está doente, abandonada por todos. . .

— Ah! Nastácia! Um santo perderia a paciência contigo! Esqueces de que se trata do futuro do menino. Que importa a ela que seja um homem honrado ou que se torne um canalha? Estou certo de que em casa dessa mulher ele se tornará um desonesto, um ladrão, um canalha. . . um canalha...

— Crischa!

— Não, não te suplico. Tens sempre prazer em dizer asneiras. “Está abandonada por todos. . . “ E nós, por acaso, não estamos

sós? Não, não tens razão! Por que diabo me casei contigo? Faria por acaso falta um marido. . .

A mulher pôs-se a chorar. O marido pediu perdão, demonstrando-lhe que ela seria idiota como um asno se fosse fazer caso das palavras de um bobo como ele. Pouco a pouco, ela tranqüilizou-se e perguntou:

— E o que diz Talonsky?

Ele demonstrou novamente seu dissabor:

— Não te havia dito que é inteligente? Sabes o que declarou? Que tudo depende do ponto de vista do Tribunal... Vale por um descobrimento! Como se nós não soubéssemos, sem ele, que tudo dependeria de um Tribunal! Naturalmente, ele não tem muito a perder: pronunciará um discurso diante dos juízes e até a vista... Ah, se eu tivesse autoridade, ajustaria bem as contas com todos esses advogados!

Neste ponto da conversação, mamãe fechou a porta do corredor e Valia não ouviu o fim. Permaneceu por muito tempo sem dormir, em seu leito, revolvendo a cabeça para compreender quem era aquela mulher desconhecida que queria levá-lo e perdê-lo.

No dia seguinte, esperou toda a manhã até que a tia — assim chamava agora a ex-mamãe — perguntasse se queria ir para a casa da outra. Contudo, não perguntou. Tampouco o tio lhe perguntou. Ambos olhavam para Valia como se estivesse gravemente doente e em vésperas de morrer, acariciando-o e comprando-lhe grandes livros com estampas coloridas.

A mulher não veio, entretanto; Valia tinha a impressão de que o estavam espiando por detrás da porta e, quando atravessasse o umbral, ela o pegaria e o levaria para um lugar escuro e horrível, povoado de monstruosos véus, que lançavam fogo. Durante a noite, quando o ex-papai trabalhava em seus papéis e a ex-mamãe em serviços domésticos, Valia lia seus livros, nos quais as linhas se tornaram menores e menos espaçadas. Reinava um silêncio que cortava o ruído das páginas folheadas ou a tosse do ex-papai, que chegava de seu quarto. A lâmpada com seu quebra-luz projetava a claridade sobre o tapete de veludo, porém o alto da habitação permanecia envolto nas trevas misteriosas. Ali, naqueles altos, havia grandes vasos de flores e raízes fantásticas, que trepavam e

se assemelhavam a serpentes lutando umas contra as outras. Para Valia, parecia que entre elas se movia alguma coisa grande e negra.

Continuava lendo. Ante seus olhos, passavam belas imagens tristes, que evocavam a piedade e o amor, mas, ainda com mais freqüência, o medo. Valia compadecia-se da pobre fada do mar, que amava o formoso príncipe e que abandonou por ele as irmãs e o oceano profundo e tranqüilo; mas o príncipe não sabia nada daquele amor, porque a fada do mar era muda, e se casou com uma alegre princesa; festejava-se o casamento; a música tocava no interior do batel e todas as janelas estavam profusamente iluminadas, quando a pequena fada do mar se arrojou, buscando a morte, nas ondas obscuras e frias. Infeliz fada do mar, tão doce, tão triste e tão boazinha!...

Mas, com mais freqüência ainda, Valia enxergava os homens monstruosos e horrivelmente maus. Voavam até alguma parte, na noite negra, com suas asas agudas; o vento silvava sobre suas cabeças, e seus olhos brilhavam como carvões incandescentes. Rodeavam outros monstros e passava-se algo medonho: um riso cortante, longos gemidos dolorosos, vôos iguais aos dos morcegos, danças selvagens à luz lúgubre das tochas, cujas línguas de fogo estavam envoltas em nuvens negras e vermelhas; sangue humano e cabeças de mortos esbranquiçados com barbas brancas... Tudo isso eram forças tenebrosas e terrivelmente más, que procuravam perder o homem, quais espectros malévolos e misteriosos. Enchiam a atmosfera, escondiam-se entre as flores, murmuravam entre si e atormentavam Valia com seus dedos. Espiavam-no, através das portas de um quarto escuro, riam e esperavam que se aproximasse, para se atirarem sobre sua cabeça. Olhavam do jardim pelas janelas negras e choravam lamentosamente, como o vento.

E todas essas forças más, terríveis, tomavam a forma da mulher que viera visitá-lo. Em casa, recebiam muitos amigos e Valia não se recordava das feições deles, porém o rosto daquela mulher se lhe gravara na memória. Era largo, delgado, amarelecido como o de um morto e tinha um sorriso dissimulado, que deixava duas rugas profundas nos extremos da boca. Se aquela mulher o abraçasse, Valia, por certo, morreria.

— Ouve — disse uma vez Valia à sua tia, fixando nela o olhar; quando falava, cravava sempre os olhos nos de seu interlocutor. — Ouve, não te chamarei de tia, mas de mamãe, como antes. É uma bobagem que aquela desconhecida seja minha mãe. Minha mãe é tu e não ela.

— Por quê? — perguntou, orgulhosa como uma jovem a quem acabam de dirigir um galanteio.

Ao lado da alegria, sentia ela, também, receio por Valia, que se tornara tão arredio, tão tímido... Mostrava-se assustadíssimo e tinha medo de dormir sozinho, contra seus hábitos. Chorava, quase amiúde, durante a noite. Tinha muitos sonhos, também.

— Por quê? — repetiu ela.

— Não te sei explicar. Pergunta ao papai. Ele é que é meu pai e não meu tio — disse, resolutamente.

— Não, meu pequeno Valia, é verdade, aquela mulher é tua mãe. Valia refletiu um pouco e respondeu, imitando o tio:

— Encontras sempre prazer em dizer tolices!... Nastácia riu. Contudo, antes de se deitar, conferenciou longamente com o marido, que roncava como um tambor turco, troando contra os advogados e as mulheres, que abandonavam os filhos. Em seguida, foram ver como dormia Valia. Contemplaram, demoradamente, a criança adormecida. A chama da vela, que Gregório Aristarjovich levava na mão, oscilava e dava ao rosto do menino, branco como a almofada em que descansava a cabeça, um aspecto fantástico. Parecia que seus olhos negros, de pestanas densas, fixavam severamente e exigiam uma resposta, ameaçando com desgraças, enquanto seus lábios conservavam um sorriso estranho, irônico. Dir-se-ia que espectros misteriosos e malévolos adejavam sem ruído sobre aquela criaturinha.

— Valia — chamou em voz baixa Nastácia, visivelmente assustada.

O menino suspirou profundamente, mas não se moveu, como se estivesse mergulhado num sono de morte.

— Valia! Valia! — repetiu o marido com voz trêmula.

A criança abriu os olhos, fechou-os e voltou a abri- los de novo e pôs-se de joelhos, pálido e assustado. Lançou seus braços delgados e nus, como um colar de pérolas, ao redor do pescoço de

Nastácia, escondendo a cabeça em seu peito, os olhos fechados, sussurrando:

— Tenho medo, mamãe! Não vás embora!

Foi uma noite difícil. Quando Valia conseguiu adormecer, teve um acesso de asma; afogava-se, e seu peito, branco e grosso, subia e descia sob as compressas de gelo. Acalmou-se ali pela madrugada. Nastácia foi dormir com o pensamento de que seu marido não sobreviveria à separação do filho adotivo.

Depois de um conselho de família, em que ficou decidido que Valia devia ler o menos possível e estar em comunicação com outros meninos, a casa encheu-se de crianças. Mas Valia não gostava daqueles meninos brutos, escandalosos, desleixados e mal-educados. Arrancavam as flores, desarrumavam os livros, saltavam por cima das cadeiras, agarravam-se como macacos postos em liberdade. Valia, grave e pensativo, olhava-os, distante, de maneira desagradável; ia para junto de Nastácia e dizia:

— Prefiro ficar contigo! Por que me trazeis essa meninada rebelde?

Continuava lendo todas as noites; e quando Gregório Aristarjovich, furioso por terem entregue ao menino aquelas histórias diabólicas, tratava de tirar-lhe docemente do livro, Valia, sem protestar, apertava firme o livro contra o peito. O outro deixava-o e punha-se a reprovar severamente a mulher:

— É isso a que se chama educar uma criança? Não, Nastácia, estarás melhor educando gatos, não crianças. Nem te atreves a lhe tirar o livro! É muito mimo. Uma grande educadora!

Certa manhã, estando Valia na sala de jantar com Nastácia, entrou Gregório Aristarjovich como um raio. Trazia o chapéu caído na nuca e o rosto alagado de suor. Do umbral da porta, gritou, alegre:

— Ganhamos a batalha!

Os brilhantes da orelha de Nastácia tremeram e ela deixou cair dentro do prato a colher que segurava.

— Mas, isso é verdade? — perguntou, sufocada pela emoção.

O marido esboçou um gesto calmo e grande para inspirar maior confiança, mas, um instante depois, esqueceu a intenção e pôs-se a rir, manifestando sua alegria. Imediatamente, e compreendendo que

o momento era demasiado solene para rir, ficou sério, puxou uma cadeira, colocou o chapéu de lado e aproximou-se, com a cadeira, para junto da mesa. Após olhar severamente a mulher, piscou um olho para Valia, depois é que começou a falar:

— Continuarei afirmando sempre que Talonsky é um advogado genial. Esse não dá oportunidade para ques... Oh! não, honorabilíssima Nastácia. . .

— Então, tudo isso é verdade?

— Tu, sempre cética! Não estou dizendo? O Tribunal recusou a petição de Akimova.

E apontando Valia, acrescentou, com um tom oficial:

— E condenaram-na a pagar todas as despesas.

— Ela não me levará mais?

— Creio que não. Ah! Olha, trouxe alguns livros para a tua sede de leitura!

Dirigia-se ao vestíbulo para buscar os livros, quando um grito de Nastácia o deteve: Valia estava desmaiado, de emoção, com a cabeça reclinada no encosto da cadeira.

A felicidade reinou de novo naquela casa, como se um doente grave se houvesse restabelecido por completo e todos respirassem aliviados, esperançosos. Valia, agora, não tinha relações com espectros malévolos, e quando os macaquinhos chegavam a vê-lo era o mais comedido de todos. Até nos folguedos infantis colocava sua seriedade habitual, e quando brincava de pele-vermelha acreditava ser seu dever ficar completamente nu e tingir-se desde a cabeça aos pés. Em razão do caráter sério, que tomavam os jogos, Gregório Aristarjovich decidiu tomar parte neles. Demonstrou talento medíocre, mas teve êxito, muito merecido, no papel de elefante das índias. E quando Valia, silencioso e severo como um verdadeiro filho da deusa Cali, se sentava sobre seus ombros e lhe golpeava o crânio calvo com um martelinho, parecia um príncipe oriental, que reinava despoticamente sobre homens e animais.

Talonsky procurava insinuar a Gregório Aristarjovich que Akimova podia pedir a revisão do processo no Tribunal de cassação e que esse novo tribunal podia decidir de outra maneira; mas, a Gregório Aristarjovich não entrava na cabeça que três juízes anulassem o veredicto pronunciado por outros três colegas, baseando-se nas

leis, que são as mesmas. Quando o advogado insistia, Gregório Aristarjovich aborrecia-se e servia-se de um argumento supremo:

— Mas, não é o senhor que nos defenderá, diante do novo tribunal? Então, não há nada a temer. Não é verdade, Nastácia?

Ela, docemente, punha o advogado a par de suas dúvidas e ele sorria. Às vezes, falavam da mulher que tinha sido condenada a pagar as despesas e a chamavam sempre de “pobre”. Desde que ela não poderia levá-lo, não inspirava mais à criança aquele medo secreto, que lhe envolvia o rosto como um véu misterioso e lhe desfigurava os traços. Na imaginação de Valia, era, agora, uma mulher como as demais. Ouvia dizer freqüentemente que era desgraçada e não compreendia o porquê; mas aquela face pálida, que lhe causava a impressão de estar sem sangue, tomava-se para ele mais simples, mais natural e compreensível. A “pobre mulher”, como a qualificava, começava a interessá-lo; recordava-se de outras pobres mulheres, que havia lido em seus livros, e experimentava por ela, às vezes, uma piedade mesclada com uma tímida ternura. Esboçava-se-lhe a imagem da mulher mergulhada na solidão de uma casa soturna, cheia de medo e chorando sempre, como chorava no dia de sua visita. Até lamentava haver contado tão mal a história do rei Bova...

Na realidade, três juízes podiam não estar de acordo com o que haviam decidido outros três juízes: o Tribunal de cassação anulou o veredicto do Tribunal anterior e a mãe de Valia adquiriu o direito de levá-lo para sua casa. O Senado confirmou o veredicto do Tribunal de cassação. Quando aquela mulher foi buscar Valia, Gregório Aristarjovich não ficou em casa: estava deitado na cama de Talonsky, doente de raiva e de dor. Nastácia fechara-se em seu quarto com Valia, já pronto para a viagem. A criada conduziu Valia até onde sua mãe o esperava. Valia levava uma curta peliça e calçava tamancos demasiadamente altos, que lhe embaraçavam o movimento; um gorro de pele cobria-lhe a cabeça. Sob o braço, levava o livro que continha a história da pobrezinha fada do mar. Seu rosto estava pálido e o olhar sereno.

A mulher alta e delgada estreitou-o contra seu manto usado e enxugou as lágrimas.

— Como cresceste, meu pequeno Valia! Nem te reconheço — murmurou com um sorriso triste. Valia, depois de ajeitar o gorro de pele, olhou-a, não nos olhos como tinha o costume, mas na boca, que era demasiado larga, composta de dentes finos; as duas rugas, que Valia havia notado quando da primeira visita de sua mãe, estavam em seu lugar, nos dois extremos, mas se mostravam mais sulcadas.

— Não te aborreces comigo? — perguntou. Mas Valia respondeu simplesmente:

— Temos de ir, vamo-nos.

— Meu pequeno Valia! — ouviu-se do quarto, onde se encontrava Nastácia.

Esta, surgiu no umbral com os olhos inchados e os braços estendidos para o menino; acercou-se dele e pôs a cabeça no seu ombro. Não dizia nada; mas, os brilhantes tremiam em suas orelhas.

— Vamos, Valia — disse severamente a mulher alta, segurando-o pelo braço. — Teu lugar não é entre pessoas que martirizaram tanto a tua mãe. . . Sim, martirizaram. . .

Sentia-se o ódio em sua voz seca. Ocorrera-lhe o prazer de dar com o pé na outra mulher, que permanecia ajoelhada junto de Valia.

— Não tem coração! Queriam ficar com meu único filho! — disse com cólera e puxou Valia para si. — Vamos, não sejas como teu pai, que me abandonou!

— Seja para ele uma boa mãe — suplicou Nastácia.

O trenó avançava sem ruído, levando Valia da casa tranqüila com as suas bonitas flores, o seu mundo misterioso de belos contos, infinitos e profundos como o oceano; com as suas janelas de vidros sombreados pela galhada das árvores. A casa perdeu-se no meio de outras casas, como as letras dos álbuns e Valia não tornou a vê-la. Parecia que atravessavam um rio, cujas margens estavam formadas por lâmpadas acesas, tão próximas umas das outras como as pérolas de um fio. Mas, quando se acercavam daquelas lâmpadas, as pérolas espaçavam-se, separadas por intervalos escuros, enquanto na distância formavam um fio uno e luminoso. Então, parecia a Valia que não avançavam e permaneciam no mesmo lugar. Tudo o que o cercava se convertia para ele num conto

de fadas; ele mesmo, aquela mulher, que era sua mãe e o apertava contra si com sua mão magra, e tudo o que via.

A mão que sustinha o livro estava gelada, mas não quis pedir a sua mãe que o tirasse.

Na pequena e suja habitação, para onde ela conduziu Valia, fazia calor. Num canto, junto a uma cama grande, havia uma outra pequena; fazia muito tempo que Valia não dormia em camas assim.

— Tens frio!? Espera, que vamos tomar chá. Como estão vermelhas as tuas mãos. Bem, já estás aqui com tua mãe. Estás contente? — perguntou com o sorriso de uma pessoa a quem se obriga a vida inteira a rir ante a adversidade do destino.

Valia, com a franqueza, que ele mesmo sentia estranha, respondeu timidamente:

— Não.

— Não? E eu que havia comprado brinquedos! Olha ali, na janela!

Valia acercou-se da janela e pôs-se a examiná-los. Eram uns cavalos miseráveis de papelão com pernas feias e grossas; um clown com um gorro vermelho, nariz longo, rosto atormentado e sorridente; um soldado de chumbo, no qual haviam levantado uma perna para ficar nessa posição para sempre...

Fazia muito tempo que Valia não se interessava mais pelos brinquedos: eram-lhe completamente indiferentes; mas, por cortesia, não o deu a entender à sua mãe, que não o sabia.

— Sim, são bonitos!

Mas ela notara o olhar que ele havia dirigido à janela, e disse-lhe, com o mesmo sorriso desapontado:

— Vê, meu querido, eu não sabia o que te agradaria. Aliás, faz muito tempo que eu comprei tudo isso...

Valia silenciou, não sabendo o que responder.

— Estou sozinha, Valia, sozinha no mundo! Não tenho a quem pedir conselhos. . . Pensei que te agradassem. . .

Valia permanecia silencioso. De repente, ela começou a chorar com lágrimas ardentes, que se precipitavam umas após as outras, e atirou-se na cama, gemendo muito. Por baixo do vestido, via-se o pé calçado com uma bota grande e velha. Apertava com uma mão o peito e o seio e com a outra mostrava os brinquedos e, num olhar triste, repetia sem cessar:

— Não te agradaram! Não te agradaram!

Valia, com passo firme, abeirou-se do leito, pôs a mão vermelha de frio sobre a cabeça grande e ossuda de sua mãe e disse, com um ar grave, que lhe era habitual:

— Não chores, mamãe! Quero-te muito! Os brinquedos não me interessam, mas eu te quero muito. Vou ler-te a história da pobrezinha fada do mar... Queres?...

A máscara

Às seis e meia, tinha a certeza de que ela viria. Eu estava louco de contentamento. Meu sobretudo achava-se abotoado apenas com o botão superior, de modo que o vento podia sacudi-lo à vontade; minha cabeça, orgulhosamente erguida, e o meu gorro de estudante cobria, apenas, a nuca. Olhava os homens com certo ar de superioridade e as mulheres com ar acariciador e provocante, pois embora amasse, há quatro dias, somente ela, eu ainda era jovem e de coração tão sensível que não podia ficar indiferente a qualquer mulher. Meus passos eram rápidos, vivos; caminhava como que deslizando.

Às sete menos um quarto, meu sobretudo já tinha dois botões abotoados; meus olhos fitavam as mulheres, mas sem provocação ou carinho, porém com desgosto. Só desejava uma; as outras, que o vento as levasse... Unicamente, interessavam-me pela sua aparente semelhança com a minha.

Às sete menos cinco, sentia muito calor. Às sete menos dois, frio.

Às sete, compreendia que minha amada não viria. Às oito e meia era eu o ser mais infeliz do mundo. Meu sobretudo estava todo abotoado; o gorro escondia meu nariz, arroxeadado pelo frio; tinha vontade de arrancar o cabelo, o bigode, as pestanas e quebrar os dentes de todos os que passavam à minha frente. Mas podia arrastar as minhas pernas; caminhava curvado e parecia um velho, voltando ao asilo dos inválidos.

Era ela a causa de tudo isso! Demônio de mulher!... Mas não, não devia insultá-la; talvez, não a deixassem sair, talvez estivesse doente, ou talvez morrera... e se tivesse morrido, e eu ali, insultando-a?...

— Eugênia Nicolayevna estará lá também — disse meu companheiro, um estudante, com absoluta inocência, pois não podia saber que eu a estivera esperando duas horas consecutivas, tiritando de frio.

— Sim? — respondi com indiferença.

— Oh! Diabo! — disse eu ao mesmo tempo que ele. Meu companheiro falava em soirée em casa de Polacov.

Eu nunca fora à tal casa; mas, naquela noite, estava resolvido a ir.

— Senhores! — gritei alegremente. — Hoje é dia de Ano Novo. Todo mundo se diverte. Vamos também divertir-nos.

— Mas, como? — perguntou tristemente um deles.

— Mas, onde? — perguntou outro.

— Fantasiemo-nos e vamos, um atrás do outro, a todas as soirées — propus.

E a tristeza de meus companheiros desapareceu como por encanto. Alegraram-se imediatamente. Gritavam, cantavam, saltavam. Agradeciam a idéia luminosa que eu tivera e contavam o dinheiro de que dispunham.

Meia-hora depois, reuníamos todos os estudantes solitários. Quando éramos dez, todos verdadeiros diabos, loucos de alegria, dirigimo-nos à casa de um belchior, que alugava fantasias e enchemos sua loja fria de juventude e riso.

Eu queria algo sombrio, belo, com um matiz de tristeza graciosa.

— Quero uma roupa de fidalgo espanhol — falei ao empregado.

Devia ter sido um fidalgo muito alto, porque sua roupa me envolveu como um saco, dos pés à cabeça, e sentia-me nela isolado, como se estivesse num vasto salão deserto...

Quando a tirei, pedi para me arranjar outra coisa.

— O senhor quer uma roupa de palhaço, cheia de cores e de guizos?

— De palhaço! — exclamei com desprezo. — Não! isso, não!

— Então, uma roupa de bandido. Um amplo chapéu, um punhal, e. . .

— Um punhal!... Sim, traga esta.

Infelizmente, o bandido, cuja roupa me foi entregue, não devia ter atingido a maioridade. Tenho razões para supor que era uma criança retardada, de oito anos, no máximo. Seu chapéu nem sequer chegava a cobrir-me a nuca, e custou-me muito trabalho desembaraçar de suas calças de veludo, onde fiquei preso como numa armadilha.

A fantasia de pajem devolvi-a, porque estava toda manchada, como o couro de um tigre.

A batina de padre apresentava-se toda rasgada e suja.

— Vamos! — disse um dos companheiros. — Acabe com isso, pois já é tarde.

Restava somente uma roupa de mandarim.

— Que vamos fazer? Vou vesti-la. . . — disse cheio de desespero. E deram-me o traje de chinês.

Era uma coisa horrível. Não falarei da roupa, propriamente dita, ou das imbecis botinas de cor, pequenas para mim, onde* meus pés entravam pela metade; tampouco falarei do pedaço de tela vermelha, colocado como uma peruca em minha cabeça e preso às minhas orelhas com um pedaço de cordão, que as arqueava, dando-me a impressão de um grande morcego.

Não, não falarei da roupa, mas da máscara... Que máscara, meu Deus!

Apresentava, se assim é possível expressar, uma fisionomia abstrata! Tinha nariz, olhos, boca, tudo muito bem feito e muito bem colocado; mas nada tinha de humana!

Nem na sepultura, podia ser tão impassível a expressão da face de um homem! A máscara não exprimia tristeza, nem alegria, nem assombro; não expressava coisa alguma. Olhava a todos com uma tranqüila fixidez e um sorriso irresistível apoderava-se de todos. Meus companheiros desmanchavam-se em risadas, caindo sobre as cadeiras, sobre os sofás, agitando os braços, rindo às gargalhadas.

— Será a máscara mais original! — murmuravam todos.

Embora eu me achasse mais disposto a chorar do que a rir, quando me olhei ao espelho, fui também assaltado por um acesso de riso.

Sim, ia ser a máscara mais original!...

— Combinado! — dizíamos pelo caminho. — De nenhum modo, tiraremos as máscaras. Juremos.

— Sim, juramos!

Sem dúvida alguma, era a máscara mais original. Todo mundo me seguia, em grupos compactos, fazendo-me dar voltas em todos os sentidos, empurrando-me, atropelando-me. E quando, cansado, voltava o rosto para os perseguidores, uma gargalhada louca estourava por todos os lados.

Por onde passasse, sentia-me envolvido por uma nuvem atroadora de risos, que não me deixava, que me seguia a cada passo; e não me era possível, apesar de todos os esforços, fugir

daquele círculo sufocante, de alegria louca, que aos poucos se aproximava.

Às vezes, aquela alegria exercia em mim uma influência contagiosa, e eu começava a rir também, a gritar, a dançar, e tinha a impressão de que todos estavam à minha volta, numa verdadeira embriaguez. No entanto, estavam longe de mim! Sentia-me terrivelmente isolado por trás daquela horrenda máscara.

Finalmente, deixaram-me em paz.

Com cólera e medo, com indignação e ternura ao mesmo tempo, aproximei-me dela e disse:

— Sou eu!

Suas pálpebras levantaram-se lentamente, num gesto de assombro; seus olhos lançaram contra mim um jato de raios negros, e ouvi uma risada sonora, alegre, viva como o sol da primavera.

— Sim, sou eu! Sou eu! — repeti, sorrindo por trás de minha máscara. — Por que não foi hoje ao encontro?

Ela, porém, continuava rindo, irresistivelmente.

— Sofri tanto! Não podia mais! — continuei esperando, com o coração oprimido, sua resposta. E ela ria, ria.. . O brilho negro de seus olhos extinguiu-se e apareceu um riso iluminado. Era o sol, mas um sol ardente, implacável, cruel...

— Que está sentindo? — perguntei.

— Mas, é você mesmo, de verdade? — disse, esforçando-se por recobrar a seriedade. — Como você está grotesco!...

Deixei cair os braços, inclinei a cabeça. Tudo em minha atitude demonstrava o mais profundo desespero. E enquanto ela seguia com o olhar os alegres pares, que passavam correndo diante de nós, e seu sorriso ia-se apagando aos poucos, como a luz do entardecer, eu lhe dizia:

— Por que ri assim? Por acaso não adivinha que por detrás desta máscara há um rosto vivo e colorido? Trouxe esta máscara com o único objetivo de vê-la! Por que você não foi ao encontro?

Voltou-se rapidamente para mim, e uma resposta estava pronta para brotar de seus lábios, quando. . . o riso cruel se apoderou dela de novo, com uma força irresistível. Afogando-se, quase chorando de tanto rir, tapando o rosto com um perfumado lenço de rendas, apenas conseguiu articular:

— Mas, olhe-se ao espelho... ali... Você está engraçadíssimo! . . .

Franzindo as sobrancelhas, trincando os dentes de raiva, sentindo o meu coração gelar e meu rosto horrivelmente pálido, dirigi um olhar ao espelho e vi nela uma fisionomia tranqüila, impassível, imóvel, de uma expressão idiota, extra-humana. . . e comecei a r i r . . . E rindo ainda, mas com uma grande cólera que brotava do fundo de minha alma, com a loucura do desespero, disse quase gritando:

— Você não deve rir!

Quando ficamos calados, comecei a falar de meu amor em voz baixa. Nunca falara tão bem, pois nunca me sentira tão apaixonado! Falei do martírio da longa espera, das lágrimas vertidas, dos ciúmes loucos, da angústia do meu coração cheio de amor, e vi suas pálpebras baixarem-se, projetando uma sombra na face pálida. Vi, um instante depois, o fogo que ardia em seu coração tingir de púrpura, com seus reflexos, a alvura impecável do seu rosto. Seu corpo flexível inclinou-se para mim, num impulso irrefreável.

Sua fantasia era de deusa da noite. Os mantos negros que a envolviam como pedaços de treva, as pedras preciosas que brilhavam como estrelas, punham em sua beleza o suave encanto de um sonho esquecido da infância.

— Eu falava sem trégua, as lágrimas da emoção jorravam de meus olhos e meu coração palpitava de felicidade. E vi, por fim, um sorriso doce, puro, florescer em seus lábios. Suas pálpebras levantaram-se um pouco.

Lenta, timidamente, cheia de ternura, voltou-se para mim e . . .

Nunca vi sorriso semelhante!

— Não, não posso mais! — gritou, quase gemeu, rindo mais alto ainda.

Oh! Se me tivessem dado, somente por um instante, uma fisionomia humana!.. .

Mordi com fúria os lábios; ardentes lágrimas deslizaram pelo meu rosto, mas minha máscara, aquela horrível fisionomia, onde tudo — nariz, olhos, lábios — era perfeito, olhava com sua impassibilidade idiota, com sua estúpida indiferença.

Quando minhas botas grotescas e coloridas me afastaram dali, o riso sonoro seguiu-me até longe. Dir-se-ia que um arroio cristalino

caía de uma grande altura e se transformava numa chuva de estrelas brilhantes sobre uma rocha.

Dispersos pelas ruas adormecidas, perturbando o silêncio da noite com nossas vozes, voltamos às nossas casas. Um dos companheiros dizia-me:

— Conseguiu um êxito louco! Nunca vi alguma coisa despertar tanto riso! Mas, que há? Por que rasga a máscara? Vejam, ele perdeu o juízo! Rasga a fantasia! Está chorando...

Table of Contents

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Nota](#)

[Judas Iscariotes](#)

[Era uma vez](#)

[O nada](#)

[O grande Slam](#)

[Valia](#)

[A máscara](#)